

Caila Lanfredi

CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DAS INTELIGÊNCIAS
MÚLTIPLAS AOS ESTUDOS DA DISLEXIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, Universidade de Passo Fundo, na linha de pesquisa Processos Educativos e Linguagem, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação, sob a orientação da Prof^ª. Dra. Graciela René Ormezzano.

Passo Fundo

2013

Primeiramente, dedico esta conquista à minha mãe! Saudades mãe!
Dedico também, à minha família e a meus amigos, que acreditaram em meu
objetivo e me apoiaram sempre.

Mas dedico especialmente à minha super orientadora, Professora Dra.
Graciela René Ormezzano. Sem sua motivação e incentivo, eu não teria
chegado até aqui. Que Deus te abençoe e cuide sempre para poder continuar
guiando tantas pesquisas!

E, por fim, dedico a todos que ainda acreditam no poder
de transformação da Educação.

Tempo vivido...

Agradeço a vida que impulsiona o meu viver
Agradeço aos dias em que vivo, vivi e viverei
Agradeço ao tempo em que encontro
E encontrei muitas pessoas.

Encontro de meus tempos de criança
Tempos em que rememoro com saudades
Tempos em que minha mãe
Traçava minha trajetória profissional.

Lembro-me do quadro, dos livros
Das brincadeiras de infância
Que construíram minha profissão.

Agradeço minha querida mãe,
Minha irmã, aluna de infância,
Minha tia que me deu os primeiros livros
Dos quais pude brincar de ser educadora.

Construo-me como pessoa,
Como educadora
Pelos tempos de infância,
Tempos esses que relembro
Amorosamente minha família
E o começo de minha construção
Como sujeito pertencente
Ao mundo social
Em que estou aqui
Para ser pessoa Singular e grupal
Construindo-me e me reconstruindo
Em cada tempo que o tempo tem
Com pessoas especiais
Que encontro nos diferentes
Tempos de minha vida.

RESUMO

Este estudo foi desenvolvido na linha de pesquisa Processos Educativos e Linguagem, tendo como tema de investigação discutir as contribuições da Teoria das Inteligências Múltiplas aos estudos da dislexia, investigando a dificuldade da linguagem relacionada à leitura e à escrita. O estudo teórico baseou-se na tese do psicólogo cognitivo e educacional estado-unidense Howard Gardner. Esse estudioso questiona as teorias cognitivas atuais, trazendo uma visão diferente, instigante de inteligência e do potencial humano pautado em diferentes domínios. Este texto investigativo pode ser considerado qualitativo, eis que utiliza a pesquisa bibliográfica para compreender os processos envolvidos na aprendizagem. Para a viabilização desta dissertação, foi preciso estudar a história da dislexia até chegar à contemporaneidade, fazendo, desse modo, uma retomada histórica do que se pensava e do que se pensa acerca da dislexia, objetivando entender como os disléxicos eram vistos no passado e como são vistos na atualidade e, sobretudo, buscaram-se subsídios que possibilitem trabalhar com maior exatidão as questões relacionadas ao tema, apresentando os estudos de Gardner, a fim de investigar como sua Teoria das Inteligências Múltiplas pode auxiliar os disléxicos a encontrar outras habilidades que suplantem as carências próprias da dislexia, trazendo à luz novas perspectivas e olhares multidisciplinares. A pesquisa estruturou-se em três capítulos, tendo a intencionalidade de compreender os processos norteadores de uma diferente compreensão acerca da dislexia. No primeiro, abordou-se a Teoria das Inteligências Múltiplas pautada na tese Howard Garder. Já no segundo, preocupou-se em analisar teoricamente a dificuldade em foco: a dislexia, baseados nos estudos de Sally Shaywitz, Giselle Massi, Margaret Snowling, Michael Farreal e Abram Topczewski. No último capítulo, realizou-se o fechamento deste texto dissertativo, levantando alguns questionamentos relacionados à dislexia, apontando novas perspectivas ao ensino e a aprendizagem, pautados em uma nova visão de inteligência e potencial humano.

Palavras-chave: Dislexia. Inteligências múltiplas. Estratégias educacionais. Educador. Educando.

ABSTRACT

This study was developed in the research line Educational Processes and Language, whose research topic to discuss the contributions of the Theory of Multiple Intelligences to Dyslexia studies investigating the difficulty of the language related to reading and writing. The theoretical study was based on the theory of Howard Gardner, in the case of a cognitive psychologist and educational state-unidense. This scholar questions the current cognitive theories, bringing a different view of incisive intelligence and human potential guided in different domains. This text can be considered qualitative investigative, using literature to understand the processes involved in learning. For the viability of this dissertation was necessary to study the history of dyslexia to reach the contemporary, making thus a resumption of historical thought and what they think about dyslexia, aiming to understand how dyslexics were seen in the past and are seen in the present and, above all, sought to subsidies that allow working with greater accuracy dyslexia , presenting studies of Gardner, in order to investigate what his theory of Multiple Intelligences can help dyslexics find other skills that furthers shortcomings own dyslexia, bringing to light new perspectives and multidisciplinary looks. In the first chapter addressed the Theory of Multiple Intelligences Howard Gardner guided the thesis. In the second chapter, concerned to analyze theoretically the difficulty in focus: Dyslexia, based on studies of Sally Shaywitz, Giselle Massi, Margaret Snowling and Michael Abram Farreal Topczewski. In the last chapter, held the closing text of this dissertation, raising some questions related to Dyslexia, pointing out new perspectives to teaching and learning, guided by a new vision of human potential and intelligence.

Keywords: Dyslexia. Multiple intelligences. Educational strategies. Educator. Parenting.

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| INTRODUÇÃO | 7 |
| 1 A TEORIA DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS DE HOWARD GARDNER .. | 19 |
| 1.1 A teoria | 22 |
| 1.2 As inteligências múltiplas | 27 |
| 1.2.1 Inteligência linguística | 29 |
| 1.2.2 Inteligência musical | 32 |
| 1.2.3 Inteligência Lógico-Matemática | 34 |
| 1.2.4 Inteligência espacial | 36 |
| 1.2.5 Inteligência corporal cinestésica | 39 |
| 1.2.6 Inteligência interpessoal..... | 41 |
| 1.2.7 Inteligência intrapessoal..... | 42 |
| 1.2.8 Inteligência naturalística | 43 |
| 1.2.9 Inteligência existencialista | 44 |
| 2 DISLEXIA: NOVOS OLHARES | 46 |
| 2.1 Conhecendo e entendendo a trajetória histórica da dislexia | 48 |
| 2.2 Principais causas, sintomas e tipos de dislexia | 54 |
| 2.2.1 Principais causas da dislexia | 56 |
| 2.2.2 Sinais e sintomas da dislexia..... | 59 |
| 2.2.3 Principais tipos de dislexia..... | 62 |
| 2.3 Diagnosticando e tratando a dislexia | 65 |
| 2.4 Disléxicos aprendem a ler e escrever? | 69 |
| 2.5 A Dislexia e a atual legislação | 75 |
| 3 DISLEXIA E EDUCAÇÃO: TRABALHANDO AS MÚLTIPLAS INTELIGÊNCIAS DA TEORIA DE GARDNER | 78 |
| 3.1 Disléxicos: buscando entendê-los de uma forma diferente | 80 |
| 3.2 Trabalhando com as inteligências múltiplas a favor do aprendizado de alunos disléxicos: traçando estratégias interventivas na escola | 85 |
| 3.3 Cognição e aprendizagem: a teoria das inteligências múltiplas contribuindo na aprendizagem e ensino de leitura e escrita | 91 |
| 3.4 Na busca de um novo eu: contando com a ajuda e atenção de uma rede multiprofissional | 104 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 107 |
| REFERÊNCIAS | 111 |

INTRODUÇÃO

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade.
Paulo Freire (1998, p.26)

Ao ter ciência da importância da educação na sociedade, tendo em vista que ela tem como principal lema: formar pessoas críticas que possam conviver em sociedade, trago o importante papel da Educação Básica, que deve buscar diferentes formas de auxiliar os sujeitos a tornarem-se parte social, interagindo no mundo de forma atuante, seja para organizar a sua vida individual, seja de forma coletiva enquanto seres sociais. Faço uma breve retomada do papel elementar da Educação Básica¹, a fim de tornar mais compreensível a função das instituições educativas. Essa retomada tem como principal interesse entender os motivos que levaram alguns educandos a serem vistos nos espaços educacionais como sendo sujeitos com inaptidões educativas, ao passo que há crianças e adolescentes que não conseguem atingir todas as possibilidades devido à falta de esclarecimento em relação a suas necessidades e da não observação de suas potencialidades.

Nesse sentido, a Educação Básica é a etapa que corresponde aos primeiros anos de escolarização formal. De acordo com a Classificação Internacional Normalizada da

¹Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (BRASIL, 2013), A Educação Básica de qualidade é um direito assegurado pela Constituição Federal e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. Um dos fundamentos do projeto de Nação que estamos construindo, a formação escolar é o alicerce indispensável e condição primeira para o exercício pleno da cidadania e o acesso aos direitos sociais, econômicos, civis e políticos. A educação deve proporcionar o desenvolvimento humano na sua plenitude, em condições de liberdade e dignidade, respeitando e valorizando as diferenças.

Com treze anos de vigência já completados, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) recebeu várias alterações, particularmente no referente à Educação Básica, em suas diferentes etapas e modalidades. Após a edição da Lei nº 9.475/1997, que alterou o artigo 33 da LDB, prevendo a obrigatoriedade do respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, outras leis modificaram-na quanto à Educação Básica.

A maior parte dessas modificações tem relevância social, porque, além de reorganizarem aspectos da Educação Básica, ampliam o acesso das crianças ao mundo letrado, asseguram-lhes outros benefícios concretos que contribuem para o seu desenvolvimento pleno, orientado por profissionais da educação especializados. Nesse sentido, destaca-se que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) foi alterada pela Lei nº 10.287/2001 para responsabilizar a escola, o Conselho Tutelar do Município, o juiz competente da Comarca e o representante do Ministério Público pelo acompanhamento sistemático do percurso escolar das crianças e dos jovens. Este é, sem dúvida, um dos mecanismos que, se for efetivado de modo contínuo, pode contribuir significativamente para a permanência do estudante na escola.

Educação (ISCED)², a Educação Básica inclui: primeiro estágio ou educação primária – correspondente à aprendizagem básica da leitura, da escrita e das operações matemáticas simples; e segundo estágio ou ensino secundário inferior – correspondente à consolidação da leitura e da escrita e às aprendizagens básicas na área da língua materna, história e compreensão do meio social e natural envolvente. Em linhas gerais, a educação básica abrange um conjunto de atividades educativas, formais, não formais e informais, oportunizando suprir as necessidades fundamentais de aprendizagem, geralmente, correspondentes aos primeiros estágios do processo de alfabetização.

Seguindo a compreensão da educação, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96(LDB) estabelece os fins da educação básica: “A educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (1996 [sp]).

O que abordei inicialmente – função da educação – faz-se profundamente necessário para organizar o tema da presente pesquisa, qual seja: dislexia e a Teoria das Inteligências Múltiplas.

Cabe apresentar ainda um pouco da inquietação que me motivou a realizar tal pesquisa, iniciada desde os tempos de infância, pois posso dizer que decidi ser professora desde muito cedo. Sempre tive esse grande desejo, tendo como brincadeira preferida – desde que comecei a frequentar a escola – “ser professora das minhas bonecas e de minha irmã”. Tive uma grande aliada nesse processo: minha mãe. Ela sempre me incentivou a ser professora, a estudar, a obter boas notas nas provas, ser dedicada, comportada, entre muitos outros quesitos necessários para exercer qualitativamente a profissão de educadora. Apesar de minha mãe não ter tido muito estudo, sempre me cobrou esmero em todas as disciplinas, querendo que eu fosse uma aluna exemplar e – no futuro – que eu fosse uma excelente educadora; coisa que eu procuro ser diariamente no meu fazer pedagógico.

Ao lembrar minha infância, me dei por conta que desde menina a profissão de educadora já fazia parte, embora implicitamente, de meu futuro profissional, ao passo que tinha quadro de giz, cadeirinhas e livros didáticos velhos que minha tia professora me dava, materiais indispensáveis para minha empolgante brincadeira. Essas brincadeiras se sucederam por alguns anos e aos poucos foram diminuindo, tendo em vista que entrei em outra fase de

² Decisão do Conselho, de 16 de Julho de 1985, relativa à correspondência de qualificações de formação profissional entre Estados-membros das Comunidades Europeias (Decisão 85/368/CEE) Centro Europeu para o Desenvolvimento da Formação Profissional, 2007.

minha vida e de meus estudos: já estava no Ensino Fundamental, todavia, o desejo latente de ser educadora permanecia. Foi quando tive que escolher o curso para o Ensino Médio: ficar junto de todas minhas amigas na mesma escola particular onde estudei desde a pré-escola ou estudar em outra cidade e fazer o Curso Normal – Magistério. Não tive dúvidas e novamente meu desejo falou mais alto: cursei o Magistério.

Agora analisando, posso dizer que foi nessa época que surgiram os pequenos primeiros indícios de uma problematização, que, em dado momento, seria a problematização da minha profissão, e que hoje é parte da problematização da minha dissertação.

No Magistério, fui inserida em grupos de apoio pedagógico, onde as “normalistas” (designação dada às alunas do curso Normal – Magistério) ministravam aulas de reforço para as crianças do Ensino Fundamental da escola. Nessas práticas, também acompanhei crianças em fase de pré-alfabetização, alfabetização e pós-alfabetização e a facilidade de alguns e a dificuldade de outros em: ler, escrever, calcular, raciocinar e interpretar chamava-me sempre a atenção.

Desde minhas brincadeiras de infância, já se fazia presente a minha preocupação com a aprendizagem, e o decorrer dos estudos – próprios aos educadores (magistério) – fez com aumentasse ainda mais minha preocupação acerca das dificuldades de aprendizagem, provocando em mim inúmeras indagações: como alguns alunos aprendem rapidamente a ler? Por que outros têm dificuldade em associar o som à letra? Por que acontecem tantos erros ortográficos e troca de letras em suas produções escritas? É normal isso? É do processo? Por que alguns conseguem expressar-se melhor escrevendo do que falando? E qual o motivo por que outros se expressam melhor na escrita do que na fala? Por que os professores sempre me diziam que a dificuldade de tal criança era por falta de acompanhamento em casa, falta de atenção, muita conversa em sala de aula ou preguiça de aprender?

Essas questões nunca foram respondidas com a clareza que eu queria no momento, quem sabe por falta de conhecimento, ou, quiçá, por falta de experiência. Meus laços com a educação e com o ato de ensinar foram ficando cada vez mais fortes e ingressei no curso de Pedagogia. Nesse mesmo tempo, iniciei minha vida profissional formal: comecei a trabalhar em uma escola de Educação Infantil, dando aulas para uma turma de pré-escola.

Nesse primeiro emprego vivi muitas aflições, pois, apesar de fazer o que amava – ser educadora –,sofri constantemente a pressão entre agir corretamente, agradar aos pais e a dona da escola. Por mais que eu tivesse claro que o principal objetivo da pré-escola não era o de propriamente alfabetizar, precisei conviver entre o que acreditava ser correto – meus princípios de educadora – e a falta de compreensão da escola no que se referia ao ato

educativo, tendo em vista que não tinha clareza da função educativa própria da Educação Infantil. Associado a isso, por ser uma escola particular, os pais quase que pediam um “tempo determinado” para a alfabetização de seus filhos e nas avaliações participativas o que eu mais escutava era: “será que meu filho (a) vai ler este ano ainda na Pré Escola?” Infelizmente, por influência da escola, troquei muitas vezes atividades de recorte, motricidade e todas aquelas outras atividades que são indispensáveis para essa fase, por atividades que levassem os alunos a tentar aprender a ler. Mesmo com atividades voltadas à alfabetização, havia ainda alguns alunos que não “despertavam” para a leitura e isso me frustrava muito naquela época.

Com o passar do tempo e com os conhecimentos que fui adquirindo na graduação, fui ampliando os conhecimentos próprios à aquisição da aprendizagem. Todavia, essas questões de leitura e de escrita continuavam instigando-me muito.

Apesar de nunca ter trabalhado com alfabetização – logo ao sair da escola de Educação Infantil, imediatamente entrei em outra escola particular para trabalhar com o 3º ano do Ensino Fundamental (parte do ciclo de alfabetização), turmas com as quais trabalhei até metade do ano de 2013 –, sempre tive a preocupação eminente de entender os motivos da dita “não aprendizagem”.

Vale ressaltar, para situar um pouco mais minha problematização, que continuei acompanhando crianças em fase de alfabetização e pós-alfabetização (de meus alunos, visto que o ciclo de alfabetização não termina no primeiro ano do Ensino Fundamental). Nessas observações, acompanhava ainda as indagações da professora da alfabetização: Por que este aluno não aprendeu a ler como os outros? “Ele associa o som à letra, mas na hora de ler não consegue”. Será o tempo de cada criança?

Adicionado a esse exposto, em minhas aulas, também, tive o privilégio de acompanhar o caso de um aluno – embora estivesse no terceiro ano do Ensino Fundamental – que tinha grande dificuldade para ler e para escrever: trocava muitas letras, não associava grafema/fonema, tinha a letra quase ilegível, entre tantos outros sinais que me intrigavam muito.

Devido à minha grande preocupação, busquei auxílio junto à psicóloga da escola, pedindo que ela desse seu parecer sobre o que ocorria com ele e que me ajudasse a entendê-lo, para que, desse modo, eu pudesse auxiliá-lo. Associado a isso, já havia feito algumas leituras sobre dislexia que me auxiliaram a entender e a verificar algumas sinalizações de que o que o aluno apresentava relacionava-se ao “diagnóstico geral presente nas literaturas relacionadas à dislexia”. Após várias observações e sessões feitas pela psicóloga da escola com meu aluno, indaguei-a – sendo que até então ela não havia me dado nenhuma informação sobre o que

estava ocorrendo com ele –: “Existe possibilidade de se tratar de um aluno disléxico?”. Para resumir a situação, a psicóloga não sabia bem do que se tratava essa tal de “dislexia³”.

Foi nesse momento que decidi estudar o assunto, tratando-se de minha problemática dissertativa: estudar sobre dislexia para responder às minhas indagações existentes desde o início de minha atuação docente. Além disso, havia outro fator que me incentivou a estudar sobre essa temática, tratando-se de que havia poucas pessoas que entendiam sobre dislexia e, por isso, muitos disléxicos sofriam com as incompreensões dos pais, dos professores e dos demais profissionais de educação, trazendo, assim, muitas reprovações, tendo em vista que eram tidos como pessoas que não sabiam ler nem escrever, impossibilitando-lhes a prosseguir nos estudos. Não estou acusando nem discriminando essas instituições – família e escola – apenas estou sinalizando a falta de entendimento relacionado à dislexia.

No decorrer dos estudos dissertativos, pude sanar várias dúvidas, tendo em vista que fui tendo maior clareza em relação à problemática vivenciada no ofício de professor, necessitando essencialmente do conhecimento, do uso da pedagogia e das áreas afins, na realização do trabalho docente, a fim de que eu pudesse desenvolver e estabelecer um efetivo relacionamento e o entendimento entre educador e educando.

Associado a isso, faz-se premente entender o motivo dos alunos agirem ou apresentarem diferentes dificuldades, necessitando de professores conhecedores de estudos científicos que lhes auxiliem a exercer o papel de “lente”, pois são eles que estão diariamente em contato com o aluno. Por isso, podem constatar previamente os indícios de dificuldades e de disparidades no tocante ao desempenho do aluno em relação ao que se espera dele dada a idade e dada à série em que se encontra. Aí entram dois fatores: Os professores têm esse conhecimento? Têm total clareza do que é esperado para cada fase?

Dando seguimento a essas indagações, e, também, devido a muitas leituras relacionadas ao tema, observei o crescente número de disléxicos. A dislexia deveria ser constatada quando as crianças chegam à escola, mais especificamente na Educação Básica, implicando, por não se tratar de algo simples, a participação de vários profissionais.

A dislexia, além de ser uma dificuldade específica na leitura e na escrita, é uma dificuldade intrigante do processo de aprendizado, podendo ser considerada um desafio social,

³ Segundo Shaywitz (2008), acredita-se tacitamente que se, na infância, alguém for suficientemente motivado e participar de uma casa em que se valoriza a leitura, aprenderá a ler com facilidade. Mas, como muitas outras hipóteses que parecem ter um sentido intuitivo, a hipótese que a leitura se dá natural e facilmente em todas as crianças não é verdadeira. Um número muito grande de meninos e meninas bem intencionadas – incluindo alguns muito inteligentes – passa por sérias dificuldades quando aprendem a ler, mas não por sua própria culpa. Esse problema frustrante e persistente em aprender a ler se chama dislexia.

uma vez que o conhecimento e o esclarecimento sobre ela pode propor uma “revolução” na educação, nas metodologias, nas escolas, nos currículos e, principalmente, na prática docente.

Devido a essa complexidade, faço novas indagações: os professores sabem do que se trata a dislexia? Quais os sinais evidentes de um aluno disléxico? Como trabalhar com ele? Que práticas docentes podem ajudá-lo? Que metodologias são mais adequadas para aplicar nesses casos? O que os últimos estudos apontam? Que estratégias de intervenção podem ser aplicadas? Estimulação precoce ajuda nestes casos?

A dislexia “se manifesta por uma incapacidade à boa leitura e à escrita encontrada em pessoas com nível de inteligência na média ou superior a média, com oportunidades adequadas para o bom aprendizado” (TOPCZENSKI, 2010, p.15). Em vista disso, ressignifiquei a problemática da minha dissertação, a fim de ampliar os horizontes da pesquisa e conhecer novas possibilidades pedagógicas relacionadas ao campo da dislexia.

O interessante é constatar que alguns teóricos, químicos, matemáticos, físicos, filósofos, cientistas, artistas famosos, entre outros, apesar de terem se destacado em suas áreas, apresentaram o quadro de dislexia, mostrando que os disléxicos têm muitas habilidades. Nesse sentido, comprova-se que disléxicos são inteligentes, basta usar suas “outras habilidades”⁴ na interação com eles. Então, essas pessoas, apesar de terem dificuldades na área da linguagem, usaram outras inteligências para destacarem-se. É nesse ponto que entram os estudos da Teoria das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner, muito discutida e estudada por educadores, na obra *Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas*.

Esta teoria desafia a visão clássica da inteligência que a maioria de nós assimilou explicitamente (da psicologia ou dos testes de educação) ou implicitamente (vivendo numa cultura com uma concepção forte, mas possivelmente circunscrita de inteligência) (GARDNER, 1994, p.4).

Todos os sujeitos são possuidores de potenciais e de inteligências, basta descobrir e desenvolvê-las. Nesse sentido, um disléxico pode ter dificuldade na área da linguística, por outro lado, pode destacar-se em outras áreas, usando e desenvolvendo outras inteligências, pois, conforme Gardner, as inteligências são independentes, mas trabalham juntas. Isso pode justificaras diferentes habilidades de cada pessoa.

⁴ Para auxiliar a compreensão das diferentes habilidades dos disléxicos, bem como para entender seus sofrimentos devido à incompreensão social em relação à dislexia, é recomendável assistir o filme *Como estrelas na terra* – filme indiano produzido no ano de 2007.

Cabe, agora, fazer alguns apontamentos: como desenvolver inteligências em um aluno disléxico? Como o professor pode ajudar nisso? Quais métodos são eficazes no desenvolvimento das inteligências múltiplas? Como aplicar a Teoria das Inteligências Múltiplas em sala de aula e no currículo escolar? É possível? A educação personalizada pode ajudar no caso de dislexia? Como usar os estudos dessa teoria para ajudar o aluno a reconhecer suas potencialidades e ajudá-lo a desenvolvê-las?

Para tanto, a pesquisa que ora se desenvolve busca responder ao seguinte questionamento: quais as contribuições da Teoria das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner aos estudos da dislexia?

Nesse sentido, a pesquisa procura apontar as contribuições da Teoria das Inteligências Múltiplas aos estudos da dislexia. Como objetivos específicos, destacam-se: aprofundar o conhecimento e definir a dislexia através de diferentes autores desta temática, estudar a Teoria das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner indicando possíveis métodos que desenvolvem as inteligências, destacando as contribuições da teoria de Gardner no reconhecimento e no desenvolvimento de potencialidades em alunos disléxicos. Observemos o que refere Gardner sobre a escolha da temática de seu livro *Inteligências Múltiplas: a teoria na prática*:

Se eu tivesse observado que os seres humanos possuem talentos diferentes, esta afirmação teria sido incontestável – e meu livro teria passado despercebido. Mas eu, deliberadamente, tomei a decisão de escrever a respeito de “inteligências humanas múltiplas”: múltiplas para enfatizar um número desconhecido de capacidades humanas diferenciadas, variando desde a inteligência musical até a inteligência envolvida no entendimento de si mesmo; inteligências para salientar que estas capacidades eram tão fundamentais quanto àquelas historicamente capturadas pelos testes de QI. Principalmente, em virtude do interesse dos financiadores, eu concluí o livro com algumas páginas que discutiam as possíveis implicações educacionais da teoria (1995, p. 3-4).

Associado aos estudos de Gardner em relação às possibilidades das inteligências múltiplas virem a contribuir com alunos disléxicos, trago em discussão também o importante papel da educação estética no fazer pedagógico, tendo em vista que a expressão artística traz à tona muitos sentimentos que encontram latentes no educando – possíveis sentimentos de tristezas devido a não serem compreendidos –, sobretudo, ao trabalhar as diferentes artes o educando pode descobrir diferentes habilidades que nem julgava ter, possibilitando aos

disléticos uma nova forma de aprendizagem. Vejamos o que Barbosa tem a dizer em relação à arte, na obra *Inquietações e mudanças no ensino da Arte*:

Por meio da arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, aprender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada (2002, p. 18).

Dando seguimento ao pensamento de Barbosa, os disléticos podem mudar a sua realidade, utilizando a arte como possibilidade de se (re)encontrar por inteiro, pode até – como afirma Gardner –, encontrar inteligências múltiplas partindo da arte e, assim, deixar o estigma de “incapazes” e de “preguiçosos”, mostrando que são capazes e que são portadores de inteligência. Para ressaltar a importância do fazer artístico no cotidiano educativo, trago Vygotsky, em *Psicologia da arte*, afirmando que:

Poderíamos demonstrar que a arte é uma emoção central, é uma emoção que resolve predominantemente no córtex cerebral. As emoções da arte são emoções inteligentes. Em vez de se manifestarem de punhos cerrados e tremendo, resolvem-se principalmente em imagens da fantasia (1999, p. 267).

Nessa significação, entende-se o quanto a estética carrega o elemento fantástico e, ao mesmo tempo, necessário para mostrar aos disléticos o quanto são criativos, inteligentes, capazes de criar e se recriar como sujeitos que sabem.

Nesse sentido, podemos observar o quanto os aspectos inovadores de múltiplas habilidades podem contribuir na criatividade humana, respeitando a bagagem histórico-cultural dos sujeitos disléticos, trabalhando o seu “eu” em toda a sua integralidade. Além disso, é importante frisar que o aprendizado – de todas as áreas de saber – só ocorre quando há o respeito, a confiança e o amor ao outro: educador e educandos entendendo-se como sujeitos inteiros em que ambos percebam-se como seres com potências de diferentes saberes.

Desse modo, as contribuições de Gardner à dislexia ligam-se à educação estética, pois esse estudioso utilizou-se das diferentes áreas do conhecimento para estudar as diferentes inteligências, utilizando-se, também, da educação estética. Luria traz uma importante

informação à criatividade das pessoas vindas dos desvios do pensamento na obra *Vida, experiência inacabada*.

A pessoa sempre percebe, durante o pensamento consciente, os diversos desvios que a linha de pensamento poderia produzir. Na realidade, é esta riqueza de ramificação potencial que dá ao seu processo do pensamento a abundância de implicações que o torna criativo – a sugestão da qual a poesia tira sua mágica, recorrendo às recônditas conexões da linguagem para recriar e remodelar a multifacetada forma de experiência (1912, p. 140).

Com a fala de Luria, podemos inferir que os desvios da linha do pensamento podem trazer à tona as diferentes habilidades, mostrando, assim, que todos os sujeitos carregam diferentes potencialidades, sendo uma delas a arte.

Ainda, a pesquisa enquadra-se na linha de pesquisa Processos Educativos e Linguagem porque concentra-se também, nos processos deliberados de ensino e nas mudanças que alguns métodos podem acarretar. Por muitas vezes, as diferenças encontradas em sala de aula, como a dislexia e outras faltas de habilidade para diversas áreas do conhecimento, era coibidas e afastadas usando-se técnicas como retenção escolar. Assim, estes processos de escolarização, técnicas e metodologias utilizadas, muitas vezes não ultrapassavam os muros escolares, ou seja, eram mantidos em sigilo.

As vozes de revolta e repúdio de alguns professores, pais e alunos, juntamente com o processo de universalização da educação, fazem despertar a complexidade das formas de ensino e aprendizagem, das relações humanas e sociais fazendo com que ciclos de reprodução de métodos tradicionais sejam discutidos no âmbito de formação de professores, construção de materiais didáticos, currículos e fundamentalmente as metodologias e métodos de ensino. Hoje não se tem uma hegemonia dentro das salas de aula e quem sabe, nunca há de se ter. A diversidade traz a necessidade de confronto da lógica do sistema educacional, o que nos faz entender que, por ora, ainda há uma meta a cumprir: trazer e manter a diversidade nas escolas, oferecendo-lhes e garantindo um ensino de qualidade.

Esta linha de pesquisa também incide os seus estudos sobre uma problemática que explora referências que permitam a compreensão e a intervenção de modo a fortalecer uma perspectiva de formação humana pautada pela solidariedade e pelo respeito ao outro e ao mundo. Hoje a escola convive com a realidade de que o conhecimento é adquirido também, fora dela. Resultado este, da expansão de acesso a informação. Nesta configuração, a escola

passa a ser mais uma e não a única fonte do conhecimento e vê-se questionada quanto a validade, a pertinência e a procedência dos próprios conhecimentos que constituem seu currículo.

No decorrer da pesquisa também encontrar-se á discutido a questão, que também se discute nesta linha de pesquisa: voltar estudos para processos educativos que ativem diversas estratégias de produção de conhecimento e desenvolvimento de habilidades que interroguem a pedagogia tradicional já que vivemos em uma sociedade complexa e dinâmica. A linha de pesquisa, bem como a pesquisa aqui apresentada, destaca a ideia de educação como um processo de interação entre pessoas, entre educandos e entre educador e educando. Assim, a linguagem, como outras inteligências, são investigadas como amplas formas de manifestação cultural, mediadas por interações pedagógicas em diversos tempos e espaços.

Aqui também, cabe destacar que este estudo foi fundamentado pela pesquisa bibliográfica, buscando responder a problemática que se deseja investigar. Além disso, sabe-se que toda pesquisa requer o levantamento de vários dados, de diversas fontes, sejam quais forem os métodos ou técnicas que se propõem a utilizar. Para responder às questões que configuram o foco investigativo, utilizei a pesquisa bibliográfica que de acordo com Macedo (1994), consiste em uma “varredura” do que existe sobre um assunto e o conhecimento e dos autores que tratam deste tema, a fim de que os estudiosos não “reinvente a roda”. Ao escolher tal método, procurei encontrar um norte de estudo, a fim de que essa metodologia me auxiliasse a encontrar diferentes autores que se debruçam ao estudo do tema de dislexia. Sendo assim, busquei fazer exatamente como Minayo, na obra *O desafio do conhecimento*, afirma:

Ao apresentar a metodologia que compõe determinada pesquisa, busca-se apresentar o “caminho do pensamento” e a “prática exercida” na apreensão da realidade, e que se encontram intrinsecamente constituídos pela visão social de mundo veiculada pela teoria da qual o pesquisador se vale. O processo de apreensão e compreensão da realidade inclui as concepções teóricas e o conjunto de técnicas definidos pelo pesquisador para alcançar respostas ao objeto de estudo proposto. É a metodologia que explicita as opções teóricas fundamentais, expõe as implicações do caminho escolhido para compreender determinada realidade e o homem em relação com ela (1994, p. 22).

Gil traz outros elementos importantes desse tipo de pesquisa, na obra *Como elaborar projetos de pesquisa*, afirmando: “os exemplos mais característicos desse tipo de pesquisa são

sobre investigações sobre ideologias ou aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema” (2007, p. 44).

Nesse sentido, busquei – com esse aporte metodológico – encontrar respostas que respondessem minha problemática de pesquisa: “Quais as contribuições da Teoria das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner aos estudos da dislexia?”. Oliveira, na obra *Como fazer pesquisa qualitativa*, refere que pesquisa bibliográfica trata-se de:

[...] a pesquisa bibliográfica é uma modalidade de estudo e análise de documentos de domínio científico tais como livros, periódicos, enciclopédias, ensaios críticos, dicionários e artigos científicos. Como característica diferenciadora ela pontua que é um tipo de “estudo direto em fontes científicas, sem precisar recorrer diretamente aos fatos/fenômenos da realidade empírica” (2007, p. 69).

Dessa forma, a pesquisa levantou bibliografias atuais publicadas sobre dislexia, buscando auxílio em livros, revistas e documentos oficiais, pois teve como finalidade colocar o pesquisador em contato com o que já foi estudado ou escrito sobre o tema de interesse, passo que é, naturalmente, o primeiro de qualquer pesquisa científica. Tomei como base – para esse tema de pesquisa – as respectivas obras de Howard Gardner *Estruturas da Mente: A Teoria das Inteligências múltiplas* (1994), *Inteligências Múltiplas: a teoria na prática* (1995), *Mentes que lideram: uma anatomia da liderança* e *Mentes que lideram: uma anatomia da liderança*. Associadas a esses estudos foram apresentadas outras leituras – com a mesma temática – para dialogarem com o tema pesquisado.

Contemplando a proposta explicitada, a dissertação foi dividida em três capítulos. O primeiro abordou a teoria de Howard Gardner, junto à qual foi analisada a forma como diferentes disléxicos reconhecidos mundialmente utilizaram suas diferentes inteligências – vistas na teoria de Gardner – em suas profissões, a fim de entender como as instituições escolares podem trabalhar a dislexia a partir das inteligências múltiplas. No capítulo seguinte, procedeu-se a um estudo aprofundado da dislexia, apresentando a definição do tema, características, sintomas, sinais, perfil de escolares disléxicos, formas de tratamento, identificação e intervenção precoce da dislexia. Já no terceiro capítulo, são apontados novos temas, novas perspectivas em relação ao ensino e à aprendizagem de alunos com déficit de aprendizagem na área da linguagem, os disléxicos, usando como base a Teoria das Inteligências Múltiplas.

Após os capítulos relacionados acima, segui para as considerações finais, destacando sobre o que vivenciei nos estudos dissertativos, buscando auxiliar aos futuros estudos deste tema, tendo em vista que ainda deve haver muitos outros estudos para ampliarem a linha de compreensão da dislexia, auxiliando inúmeros disléxicos a serem compreendidos em todas as instituições, sobretudo, a escolar, a fim de que esses sejam vistos como possuidores de potencialidades e não como meras pessoas com dificuldades de escrita e de leitura.

1 A TEORIA DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS DE HOWARD GARDNER

“Cada pessoa é um sujeito impar e tem forças cognitivas diferentes, aprende de forma e estilos diferentes de outros sujeitos, mesmo que oriundos de uma mesma sociedade ou meio cultural.”

Howard Gardner

O que seriam inteligências múltiplas? Será que uma criança dita incapaz de ler e de escrever como as demais crianças não disléxicas pode ter outra inteligência a ser explorada? Será que as diferentes inteligências são exploradas nas instituições escolares? Como a Teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner pode vir a auxiliar os disléxicos a descobrirem suas diferentes inteligências? Essa teoria poderia servir de argumento a um importante trabalho nas salas de aula e auxiliar os seus educandos?

Essas perguntas encontram presentes em nossa pesquisa e provocam nossas investigações, a fim de procurar respostas que possibilitem auxiliar os disléxicos que se encontram em diferentes instituições escolares. Esses, geralmente, pensam que são inferiores dos demais colegas, ao passo que não conseguem aprender da mesma forma que eles, além disso, os disléxicos se frustram por não responderem à expectativa de seus professores e de seus familiares.

Todavia, esses disléxicos não possuem culpa de não aprenderem do mesmo modo que os demais colegas e, ao mesmo tempo, seus educadores e seus familiares não devem culpá-los por não responderem a suas expectativas, bem pelo contrário, esses devem ter premente a responsabilidade de auxiliá-los a adquirirem a aprendizagem: educadores precisam encontrar diferentes métodos para suplantar a carência da área da linguagem e procurarem modos que possibilitem seus alunos disléxicos a descobrirem suas diferentes habilidades; a família necessita dar carinho a eles, incentivá-los a lutar pela aquisição do conhecimento e procurar ajuda de uma equipe multidisciplinar o mais precocemente possível.

Foi pensando em como podemos, como educadores, encontrar diferentes potencialidades de nossos alunos disléxicos, que esta dissertação nasceu e, para isso, buscou-se entender as diferentes inteligências que possam superar as dificuldades desses educandos. Foi nessa busca que surgiu o estudo da teoria de cognição de Gardner com os estudos de dislexia, buscando entender como ocorrem as diferentes aprendizagens e a possibilidade de

explorá-las nos espaços escolares para descobrirmos as diferentes potencialidades dos disléxicos, a fim de que eles encontrem diferentes formas de aprender, percebendo que são inteligentes e possuidores de aprendizagem.

No início do século XX, as autoridades francesas requereram a Alfredo Binet que criasse um instrumento para avaliar as habilidades que as crianças teriam nos liceus parisienses. O instrumento que Binet criou era destinado a testar a habilidade das crianças que eram mais desenvolvidas nos currículos dos liceus: área verbal (desenvolvimento da linguagem) e lógica (matemática).

Com a ajuda desse instrumento, Lewis Terman, na Universidade de Stanford, na Califórnia, criou o primeiro teste de inteligência: o Stanford- Binet Intelligence Scale, o qual teria o Q.I como medida. Embora Binet tenha declarado que um único número que seria resultado da performance de uma criança, não poderia expressar uma questão tão complexa quanto a inteligência humana. Outros ficaram insatisfeitos com o conceito de Q.I e suas versões, como o SAT (Visões Unitárias de Inteligência), e os estudiosos Tarustone e Guilford, que criticaram seriamente esse conceito de inteligência.

Howard Gardner, psicólogo da Universidade de Harvard, baseou-se nessas pesquisas para não somente questionar e criticar a visão de inteligência em um modelo que enfatizava habilidades linguísticas e matemáticas. Para Gardner, todas as pessoas são capazes de uma atuação em pelo menos sete inteligências diferentes, e até certo ponto, independentes, reais e intelectuais. Para ele, medir a inteligência através de testes com papel e lápis é duvidoso. Vejamos o que Gardner refere sobre as inteligências humanas:

Então torna-se necessário dizer, de uma vez por todas, que não há e jamais haverá uma lista única, irrefutável e universalmente aceita de inteligências humanas. Jamais haverá um rol mestre de três, sete ou trezentas inteligências que possam ser endossadas por todos os investigadores. Poderemos nos aproximar mais desta meta se nos mantivermos apenas em um nível de análise (digamos, neurofisiológico) ou com uma meta (digamos, previsão de sucesso numa universidade técnica); mas se buscamos uma teoria decisiva sobre o alcance da inteligência humana, podemos esperar jamais concluir nossa busca (1994, p.45).

Nem mesmo a ciência produz uma resposta completamente correta e final para definir o que é inteligência. Gardner afirma que, antes de pensar em uma resposta, devem-se considerar dois tópicos: os pré-requisitos para uma inteligência e quais os critérios de uma inteligência, afirmando:

Ao meu ver, uma competência intelectual humana deve apresentar um conjunto de habilidades de resolução de problemas – capacitando o indivíduo a resolver problemas ou dificuldades genuínos que ele encontra e, quando adequado a criar um produto eficaz – e deve também apresentar o potencial para encontrar ou criar problemas – por meio disso propiciando o lastro para uma aquisição de conhecimento (1994, p. 46).

O que Gardner afirmou condiz exatamente com o meu pensamento, tendo em vista que penso que as diferentes potencialidades podem auxiliar o sujeito a resolver problemas e devido a esse pensar introduzi os estudos de Gardner para buscar meios possíveis de descobrir as diferentes potencialidades dos alunos disléxicos que se encontram em diferentes instituições escolares. Gardner refere sobre a importância de estimular as inteligências humanas, na obra *Inteligências Múltiplas: a teoria na prática*, dizendo que:

É de máxima importância reconhecer e estimular todas as variadas inteligências humanas e todas as combinações de inteligências. Nós todos somos tão diferentes em grande parte porque possuímos diferentes combinações de inteligências. Se reconhecermos isso, penso que teremos pelo menos uma chance melhor de lidar adequadamente com muitos problemas que enfrentamos neste mundo. Se pudermos mobilizar o espectro das capacidades humanas, as pessoas se sentirão melhores em relação a si mesmas e mais competentes; é possível, inclusive, que elas também se sintam mais comprometidas e mais capazes de reunir-se ao restante da comunidade mundial para trabalhar pelo bem comum. Se pudermos mobilizar toda a gama das inteligências humanas e aliá-las a um sentido ético, talvez possamos ajudar a aumentar a probabilidade da nossa sobrevivência neste planeta, e talvez inclusive contribuir para a nossa prosperidade (1995, p. 18).

Com vistas a isso, quando todos os sujeitos descobrirem que podem utilizar as diferentes inteligências, sem estarem voltados apenas às dificuldades existentes em cada pessoa, poderão aprender e reaprender a ser e a auxiliar a sociedade em seu todo. Nesse sentido, compreendo os disléxicos como sujeitos com diferentes inteligências que podem suplantar suas carências, tornando-se pessoas preparadas a conviver no mundo e auxiliar esse mundo com suas potencialidades. Para tanto, é preciso que os educadores, familiares e equipe multidisciplinar os auxiliem a encontrar as suas habilidades e, com elas, possam diluir suas carências da área da linguagem. Gardner diz que:

Assim como o pré-requisito para uma teoria de inteligências múltiplas, como um todo, é que ela capte uma gama razoavelmente completa dos tipos de competência valorizados pelas culturas humanas. Diz que é preciso levar em conta as habilidades tanto de um xamã e de um psicanalista quanto as de yogue e de um santo (1994, p. 47).

Seguindo o pensamento do autor, todas as habilidades devem ser levadas em conta, ou seja, faz-se necessário que repensemos a educação: “Queremos que ela tenha como processo social um processo de laboratórios de pensamentos iguais ou um espaço em que os sujeitos se encontrem em suas especificidades e em suas diferenças, podendo ser em diferentes formas de aprender e nas diferentes inteligências?” Cabe, então, traçar outras perspectivas metodológicas para que a massificação humana deixe de existir nos espaços educacionais e para que no lugar desta se tenham momentos de troca de saberes e de diferentes aprendizagens, contribuindo para que as pessoas deixem de ser rotuladas por suas incapacidades, mas sim pelas diferentes capacidades de aprendizagem.

1.1 A teoria

As pesquisas em neurobiologia apontam que o cérebro humano abriga áreas correspondentes a determinados espaços de cognição, ou seja, competências específicas. Entretanto, apontar claramente quais são essas áreas ainda é uma tarefa difícil, mas é possível dizer que cada uma delas expressa formas diferentes de inteligência, ou seja, cada área é responsável por certa habilidade.

É com base na análise dessas áreas que surgem os estudos de Gardner, que publicou seus estudos pela primeira vez em 1983. A teoria desse estudioso compreende em estabelecer uma alternativa para o conceito de inteligência, como sendo inata, geral e única, que permite aos indivíduos uma “melhor ou pior atuação” em diferentes áreas.

Gardner (1994) analisou a atuação de diferentes profissionais, de diferentes culturas: marinheiros, cirurgiões, feiticeiros, prodígios, sábios, crianças e artistas, pessoas com perfis cognitivos regulares ou irregulares, crianças superdotadas e normais, adultos com lesões cerebrais, populações ditas excepcionais, crianças autistas, entre outros.

Apesar de Gardner ser um psicólogo construtivista muito influenciado por Piaget, discorda na medida em que o segundo acreditava que todos os aspectos da simbolização

partem de uma mesma função semiótica, enquanto que o primeiro acredita que processos psicológicos independentes trabalham quando o indivíduo lida com símbolos linguísticos, numéricos, gestuais ou outros.

Nesse sentido, Gardner diz que uma criança pode ter um desempenho muito bom em uma área e em outra, estar na média ou mesmo abaixo. Ele sugere, ainda, que as habilidades humanas não são organizadas de forma horizontal, mas sim pensar que são organizadas verticalmente, onde existem formas independentes de percepção, memória e aprendizado, em cada área ou domínio, com possíveis semelhanças entre as áreas, mas não necessariamente uma direta relação. Vejamos o que Gardner tem a dizer sobre esse assunto:

Embora eu não questione que alguns indivíduos possam ter o potencial para sobressair-se em mais de uma esfera, desafio fortemente a noção de amplos poderes gerais. Ao meu ver, a mente possui potencial para lidar com diversos tipos de *conteúdos*, mas a facilidade de um indivíduo com determinado *conteúdo* apresenta pouco poder prognóstico sobre sua facilidade com outros tipos de *conteúdos*. Em outras palavras, o gênio [...] tende a ser específico a conteúdos particulares: os seres humanos evoluíram até apresentar diversas inteligências e não se basearam de formas diferentes em uma inteligência flexível (1994[s.p]).

Como evidencia o autor, a mente tem potencialidades para lidar com diferentes conteúdos, mas isso não quer dizer que todos os sujeitos lidem e tenham facilidade de lidar exemplarmente com todos os conteúdos. Isso é, diferentes pessoas têm diferentes facilidades de lidar com conteúdos diversos. Sendo assim, os disléxicos têm – como os demais sujeitos – diferentes potencialidades, que precisam ser reconhecidas e exploradas. Ao mesmo tempo, essas potencialidades dos disléxicos devem ser entendidas como inteligências, a exemplo do que ocorre com qualquer outra inteligência reconhecida nas ciências. Gardner alega que essa teoria:

Uma importante alegação da teoria [...] é que cada inteligência é relativamente independente das outras e que os talentos intelectuais de um indivíduo, digamos, em música, não podem ser inferidos a partir de suas habilidades em matemática, linguagem ou compreensão interpessoal. Num esforço para refutar esta controvérsia, diversos críticos chamaram atenção para o fato de que há correlações, em geral positivas, (um assim chamado múltiplo positivo) entre os testes para diferentes capacidades (por exemplo, espaço e linguagem) e que, portanto, estas habilidades não são desvinculadas. Quase todos os testes em voga são projetados para avaliar essencialmente o desembaraço linguístico e lógico (bem como alguma velocidade, flexibilidade e talvez, também, superficialidade). De modo correspondente, os indivíduos com estas habilidades tendem a apresentar bom desempenho mesmo em testes para habilidades musicais ou espaciais, enquanto os que não são especialmente ágeis em termos linguísticos e lógicos tendem a ser malsucedidos nestes testes padronizados (1994, [s.p]).

Nesse momento, cabe pontuar que os dizeres contidos na citação acima condizem com a realidade dos sujeitos disléxicos, uma vez que eles, geralmente, são incompreendidos por não se adequarem aos testes de inteligência linguística e, devido a isso, são taxados por serem pessoas sem habilidades. Deste modo, suas demais potencialidades não chegam a ser consideradas e, muitas vezes, nem chegam a ser conhecidas. Gardner refere:

Os testes das diversas inteligências devem, cada um, ser apresentados por meios adequados. Assim, um instrumento para a medição da inteligência corporal deveria envolver o uso do corpo em atividades como aprender um jogo ou uma dança (e não um conjunto de perguntas sobre esta atividade); uma determinação da capacidade espacial deveria envolver percorrer um ambiente desconhecido (e não uma série de rotações geométricas exigindo respostas de múltipla escolha); uma estimativa da acuidade musical deveria requerer o domínio de uma composição (quer em execução, quer em análise) e não uma série de discriminações tonais. Apenas quando tais instrumentos “imparciais” em relação à inteligência forem delineados, será possível determinar se há correlações significativas entre as inteligências separadas (1994 [sp]).

Com a contribuição desse autor, percebe-se o quanto o disléxico necessita ser compreendido em seu todo e não apenas em suas dificuldades, mas, sobretudo, em suas potencialidades, para que consiga entender-se e ser entendido pela sociedade como um ser de saberes. Para isso, é preciso que os espaços educacionais estejam preparados para receberem alunos disléxicos. Devendo, para tal, devotarem-se a estudos relacionados à dislexia e, ao mesmo tempo, compreenderem e reconhecerem a existência das múltiplas inteligências para que estes alunos saiam do estigma da não aprendizagem.

Além do entendimento acerca da dislexia e de se trabalhar as inteligências múltiplas, faz-se importante também reconhecer que ao trabalhar ambos os assuntos contemplados nesta

dissertação, quais sejam a dislexia e as inteligências múltiplas adicionadas à educação estética, os sujeitos disléxicos se emocionam em perceber que são olhados em seu todo e a partir das descobertas de suas potencialidades estão trabalhando diferentes sentimentos e vivências emocionais que carregaram desde sua infância: incompreensão, tristeza (por pensarem que não sabem nada) e alegria (por descobrirem que possuem potencialidades). Gennari, na obra *La educación estética: arte e literatura*, afirma que:

La psicología de la emoción apenas ha podido esclarecer dichas zonas sombrías, en las que afloran sentimientos y pasiones, miedos y emociones. El marco conceptual construido en torno al cuadro estético de la representación tan poco la delimita. Esta psicología ha centrado su interés en lo que Vygotsky llama “realización estética”, que no es más que la catarsis definida por el psicólogo ruso como “transformación de los sentimientos”.

Por tanto, el desarrollo estético, considerado em múltiples facetas, está íntimamente relacionado con el desarrollo cognitivo; este acuerdo inquebrantable posee e su propia complejidad epistemológica que no es ajena [...]. Los procesos cognitivos, tal como los observa el sujeto em edad adulta, pose enraíces que parten de la infancia (1997, p. 219-220).

Diante do exposto por Gennari, podemos entender o quanto a realização estética se faz premente aos educandos dos disléxicos, pois eles trazem, muitas vezes, o pensamento de não serem capazes de aprender – devido a muitos atrasos escolares –, podendo exprimir esses sentimentos através das diferentes artes. Penso, então, que a união do estudo da teoria das inteligências múltiplas de Gardner, ligado aos estudos estéticos podem trazer um novo pensar em relação à dislexia. Vejamos o que Gardner tem a dizer sobre as inteligências serem utilizadas artisticamente:

A possibilidade de uma inteligência ser utilizada artisticamente é uma decisão tomada pelo indivíduo e/ou pela cultura. Um indivíduo pode decidir se vai empregar a inteligência linguística como escritor, advogado, vendedor, poeta ou orador. No entanto, as culturas podem favorecer ou impedir a possibilidade de usos artísticos da inteligência. Em algumas culturas, quase todas as pessoas desenvolvem algumas capacidades poéticas; mas Platão tentou eliminar a poesia de sua República. Claramente, então, o exercício de uma determinada inteligência artística envolve um julgamento de valor (1995, p. 45).

Partindo do posicionamento do autor, é possível entender que as inteligências podem ser utilizadas artisticamente ou não, pois dependem da vontade dos sujeitos e dos valores

culturais atribuídos à arte. Sendo assim, os valores que determinada cultura atribui podem dizer se a arte é satisfatória ou desnecessária.

Ormezzano, no artigo “Debate sobre abordagens e perspectivas da educação estética” traz um elemento muito importante acerca da educação estética a ser pontuado aqui. Observemos, assim, o que ela argumenta:

A educação estética não é a panacéia nem a salvação da crise educacional que atinge a maioria dos países, mas uma contribuição à cultura que pode envolver a todos os membros da sociedade, promovendo um sistema ético que oriente as relações com o outro. Trata-se de uma ação educacional bastante complexa, que atinge a multidimensionalidade do ser humano com o objetivo de valorizar ações subjetivas e coletivas e de recriar a vida em seus aspectos material e espiritual, fazendo brotar o que há de melhor na autoria de cada um e deslocando-os da postura de simples consumidores culturais (2007, p. 35).

Gardner refere que as inteligências artísticas são atribuídas como sendo importantes quando a cultura agrega importância a inteligências voltadas a essa aptidão e Ormezzano traz outro dado que deve ser levado em questão, qual seja a contribuição da educação estética como um grande elemento propensor de aproximar as pessoas de forma simples e humanizadora.

Dando seguimento a esse pensar, encontro em Vygotsky uma importante referência sobre a arte para esse estudioso: “a arte é o social em nós” (2001, p. 315). Partindo do pensamento de Vygotsky, a arte representa o social encontrado dentro de todos os sujeitos. Sendo assim, à medida que nos apropriarmos da estética da arte poderemos entender a nós mesmos e a complexidade humana. No que se refere aos disléxicos, à medida que eles entenderem a si mesmos como sujeitos providos de inteligência, deixarão de verem-se a si mesmo como pessoas incapazes de aprender.

Então, este estudo tem como pressuposto que as inteligências podem ser utilizadas artisticamente, mostrando o caráter belo da arte e, principalmente, destacando diferentes potencialidades dos disléxicos advindos das inteligências múltiplas sendo muitas delas destacadas na arte.

1.2 As inteligências múltiplas

Howard Gardner identificou as inteligências linguística, lógico-matemática, espacial, corporal-cinestésica, musical, interpessoal, intrapessoal, naturalista e existencialista. Ele destaca que essas competências são relativamente independentes e dispõem de processos cognitivos próprios, pois os seres humanos possuem graus variados dessas inteligências e maneiras diferentes de usar cada uma delas para resolver problemas e criar produtos. Vejamos o que ele alude sobre o que ele agrega como central a noção de inteligência:

Central para a minha noção de uma inteligência é a existência de uma ou mais operações ou mecanismos de processamento de informações que possam lidar com tipos específicos de *input*. Pode-se ir tão longe a ponto de definir uma inteligência humana como um mecanismo neural ou sistema computacional geneticamente programado para ser ativado ou “disparado” por determinados tipos de informação interna ou externamente apresentados. Exemplos incluiriam sensibilidade a relações entre alturas de sons como inteligência musical central ou a capacidade de imitar movimentos feitos pelos outros como um centro da inteligência corporal (1994, p. 48).

É importante lembrar que Gardner também diz que embora essas inteligências sejam “independentes” umas das outras, elas raramente funcionam isoladamente, o que ocorre é uma combinação de inteligências para realizar tarefas. Sendo assim, Gardner refere:

As inteligências deveriam ser pensadas como entidades num determinado nível de generalidade, mais amplas do que mecanismos computacionais altamente específicos (como detecção de linha) embora mais estreitas do que a maioria das capacidades gerais como análise, síntese ou um senso de eu (caso se possa mostrar que algum destes existe independente de combinações de inteligências específicas). Mesmo assim, está na própria natureza das inteligências que cada uma opere de acordo com seus próprios procedimentos e possua suas próprias bases biológicas. Assim, é um erro tentar comparar inteligências em todos os detalhes; cada uma deve ser pensada como um sistema próprio e com suas próprias regras. Aqui uma analogia biológica pode mostrar-se útil. Embora o olho, o coração e os rins sejam todos órgãos do corpo, é um erro tentar comparar estes órgãos em cada detalhe: a mesma restrição deveria ser observada no caso das inteligências (1994, p. 51).

Seguindo os estudos de Gardner, se há diferentes inteligências, logo os disléxicos são portadores, assim como os demais sujeitos, de inteligências. É preciso, portanto, descobrir

qual inteligência possuem para que ampliem seu leque de aprendizagem. Sendo assim, passamos a expor, na sequência, as diferentes aprendizagens que serão colacionadas com diferentes disléxicos conhecidos ao longo da história para tentar responder como ocorrem essas diferentes inteligências nos sujeitos disléxicos, buscando entendê-las para trazer esses conhecimentos para as instituições escolares, possibilitando aos educadores a compreensão de como se pode trabalhar as potencialidades, deixando de trabalhar somente as dificuldades.

Com isso, pode-se retirar o estigma dos alunos disléxicos de “preguiçosos”, “desinteressados”, entre outros estigmas vistos nesses aparelhos sociais de incompreensões acerca da dislexia e das potencialidades existentes em todos os seres humanos. Seguindo essa mesma linha de pensar, Shaywitz traz à tona o sentimento de um disléxico em relação ao que ele pensa acerca do tema:

George, um aluno da universidade do Colorado, descreveu a dislexia como sendo “a fera”, um predador desconhecido que ataca em silêncio, continuamente desorganizando sua vida. Não saber o porquê disso tudo lhe causa uma grande dor, incluindo notas que não correspondem às horas que passou estudando ou a seu conhecimento e alto nível de inteligência. George gostaria de “ver a cara da fera” para entender por que isso acontece com ele. Além de seu profundo desejo de compreender a natureza do misterioso problema que o envolve, ele alimenta o medo de ser identificado como disléxico. A natureza oculta da dislexia – não saber o que esperar ou quando a dificuldade se manifestará – faz com que fique muito apreensivo: “É como se ela só estivesse esperando que eu cometesse um erro para repentinamente, aparecer de novo, com escárnio” (2006, p. 20).

O testemunho deste disléxico mostra o quanto são incompreendidos – vindo por meio da nota – e o sentimento de incapacidade frente à dislexia. Sobre isso Shaywitz destaca que:

Sabemos por que os disléxicos, independentemente de sua motivação ou inteligência, passam por dificuldades de leitura. A dislexia é um problema complexo que tem suas raízes nos mesmos sistemas cerebrais que permitem ao homem entender e expressar-se pela linguagem. Pela descoberta de como uma ruptura nesses circuitos neurológicos fundamentais para a codificação da linguagem dá surgimento a esse problema na leitura, pudemos compreender como os tentáculos dessa desordem partem do fundo do cérebro e se estendem não apenas ao modo como uma pessoa lê, mas, surpreendentemente, a uma gama de outras funções importantes, incluindo a capacidade de soletrar, de memorizar palavras e articulá-las e de lembrar certos fatos. Pela primeira vez desde que se identificou a dislexia, há mais de cem anos, os cientistas podem agora ver a “cara da fera” – e estamos a caminho de domesticá-la e comandá-la (2006, p. 20).

Como destaca a autora, “estamos a caminho de domesticá-la e comandá-la”, acredito que os estudos de Gardner em relação às múltiplas inteligências podem auxiliar a essa domesticação e a superação do pensamento de incapacidade observado pelo pensamento do aluno disléxico e de muitos outros que se encontram em diferentes instituições educativas.

Nos subitens seguintes, trago apontamentos sobre alguns disléxicos famosos, para mostrar que há ao longo da história muitos sujeitos que trouxeram diferentes benefícios a humanidade. Essas pessoas, por muitas vezes, foram vistas nos aparelhos escolares como difíceis de lidar e com dificuldades de aprendizagem. Isso evidencia que ao longo do tempo os disléxicos sempre mostraram ser incompreendidos e, mesmo assim, mostraram ter diferentes inteligências que superaram as dificuldades próprias à dislexia. As informações acerca desses disléxicos famosos foram investigadas em obras de Gardner (1995 e 1996) e estudos realizados por blogs da Associação Brasileira de Dislexia (ABD) (2012).

1.2.1 Inteligência linguística

Essa inteligência se refere à habilidade para usar a linguagem para convencer, agradar, transmitir ideias, estimular. Comanda a habilidade de escrever, ouvir e falar, permite expressar e compreender os outros, escolher as palavras certas ao falar e saber como falar. Por exemplo, nas crianças, essa habilidade se manifesta através da facilidade para contar histórias originais ou para relatar fatos vivenciados. Como afirma Gardner: “A competência linguística é, de fato, a inteligência – a competência intelectual – que parece mais ampla e mais democraticamente compartilhada na espécie humana” (1994, p. 61).

A inteligência linguística é uma das carências dos sujeitos disléxicos, tendo em vista que possuem dificuldades de leitura e de escrita – vistos no capítulo dois deste estudo –. Entretanto, como o referido estudo tem como principais referências as diferentes inteligências estudadas por Gardner e o pensamento ligado às condições dos sujeitos disléxicos de terem habilidades, trago alguns exemplos de disléxicos conhecidos mundialmente que – apesar de serem disléxicos – apresentam inteligências linguísticas.

Agatha Christie trata-se de uma escritora mundialmente conhecida. Ao contrário do que os diagnósticos referem sobre a problemática na área da linguagem aos disléxicos, essa escritora, mesmo tendo dislexia, tornou-se reconhecida no mundo por seus escritos. Nesse sentido, há que se reconhecer que os disléxicos, sendo estimulados na escola, na família e

tendo todos os aportes necessários para sanarem ou diluírem suas dificuldades, podem apresentar habilidades até mesmo onde são conhecidos como “impossibilitados de aprender”.

Vejamos o que Gardner refere acerca dos futuros escritores:

Os futuros escritores são aqueles indivíduos em quem a inteligência linguística floresceu através da sorte e do acaso genético. Outros indivíduos, menos felizmente, podem apresentar dificuldades peculiares com a linguagem. Às vezes os custos não são graves. Diz que Albert Einstein começou a falar muito tarde; mas, se algo ocorreu, sua reticência inicial pode ter permitido que ele percebesse e conceituasse o mundo de uma maneira menos convencionalizada. Muitas crianças, de outro modo normais ou próximas à normalidade, apresentam dificuldades seletivas na aprendizagem da linguagem. Às vezes a dificuldade parece principalmente inerente à discriminação auditiva: pelo fato destas crianças experimentarem dificuldades em decodificar uma sequência rápida de fonemas, elas não apenas apresentam problemas na compreensão, mas podem também articular de forma inadequada. A capacidade de processar rapidamente mensagens linguísticas – um pré-requisito para o entendimento da fala normal – parece depender de um lóbulo temporal esquerdo intacto; então, danos a esta zona neural ou o seu desenvolvimento anormal em geral são suficientes para produzir problemas de linguagem (1994, p. 65).

Pelos pré-requisitos explicitados por Gardner, pode-se entender que Agatha Christie teve a sorte de fazer parte de uma família que deu todos os aportes necessários para que ela pudesse diluir as dificuldades da área da linguagem. Ao mesmo tempo, tutores, professores articulares e a mãe, que sempre esteve junto a ela – lendo com a filha –, trouxeram à Agatha Christie os elementos indispensáveis para que se tornasse uma escritora reconhecida mundialmente.

Há outros disléxicos que utilizam da inteligência linguística e corporal em suas profissões, tais como os atores Robin Williams, Woopy Goldberg e Tom Cruise. Além deles, há Walt Disney (fundador dos estúdios Disney). Nessa perspectiva, faz-se possível observar, com essas exemplificações, a existência de diferentes inteligências até mesmo em níveis não imaginados para um disléxico. Gardner faz um paralelo entre as nações e o tempo histórico, relacionando as interferências das lideranças de cada época. Nesses estudos, ele diz que em épocas recentes há a preferência cultural atribuída à mídia e ao consumismo, sendo um dos grandes líderes um disléxico. Gardner diz:

Em épocas mais recentes, um conjunto diferente de histórias culturais passou a ter preponderância. As criações da mídia [...] e os produtos bem sucedidos da sociedade consumidora [...] passaram a cristalizar, para muitas pessoas, as noções de heroísmos, beleza e boa vida. De fato, as crianças de hoje, em muitos países, movimentam-se mais à vontade nos mundos criados por Walt Disney, George Lucas ou Jim Henson do que nos mundos da mitologia, religião ou literatura clássicas (1996, p. 53).

Sabe-se também que Walt Disney traz alguns elementos prejudiciais à sociedade (fábricas do imaginário, cultura de massas), mas o que quero pontuar aqui é o poder de liderança desse disléxico. A dislexia não o atrapalhou em nada em sua profissão, pois o que predominou foi a sua habilidade.

Sendo assim, podemos observar que os disléxicos são seres de potencialidades e que precisam ser entendidos em seu todo e que por maiores dificuldades que possam apresentar na área da linguagem. Essas pessoas podem sim vir a aprender. Para isso, é preciso que se deposite confiança, dedicação, metodologias diferenciadas e que a escola, junto à família e à equipe multidisciplinar, trabalhem em conjunto para auxiliarem os disléxicos a descobrirem suas diferentes inteligências. Que haja muitos disléxicos escritores, artistas, entre outras profissões ligadas à inteligência linguística para mostrar o quanto podem sanar suas dificuldades ou até mesmo saber lidar com elas no diferentes espaços sociais, sobretudo, profissional. Observemos o que refere Luria:

Não existe conflito entre a reivindicação da vontade livre – a faculdade de fazer opções deliberadas entre ações alternativas, tais como se apresentam na mente por um conjunto limitado de conexões – e a afirmativa de que os valores que apoiam essas escolhas são, eles próprios, limitados pelas propriedades biológicas da rede do cérebro. Todos os aspectos das atividades conscientes do homem apresentam o inevitável dualismo da mente, um instrumento criado pela evolução biológica e aperfeiçoada em cada indivíduo pela aprendizagem, experiência e pelo relacionamento social (1992, p. 144).

Seguindo o pensamento de Luria, podemos inferir que as limitações – decorrentes da hereditariedade ou de acidentes, entre outros – biológicas da rede do cérebro podem ser superadas ou diminuídas com a evolução biológica e, principalmente, pela aprendizagem do sujeito a partir da convivência social em que os sujeitos aprendem com o outro, trabalhando e descobrindo diferentes potencialidades.

1.2.2 Inteligência musical

Quem sabe de quantos talentos um indivíduo pode ter, nenhum deles surge tão cedo quanto o talento musical. É a sensibilidade de ouvir música, distinguir melodias, ritmos e sequências musicais. Pessoas com essa inteligência desenvolvida ouvem música em qualquer ruído, fazem música com qualquer barulho, cantam para si mesmas e alegram a vida de muitas pessoas com seu dom musical. Gardner traz um elemento importante sobre essa inteligência:

É surpreendente a variedade de representações neurais da capacidade musical encontrada nos seres humanos. Em minha própria concepção, esta gama baseia-se em pelo menos dois fatores. Primeiramente, há a tremenda gama de tipos e graus de habilidades musicais encontradas na população humana; já que os indivíduos diferem tanto no que podem fazer, é concebível que o sistema nervoso possa oferecer uma pluralidade de mecanismos para efetuar estes desempenhos. Em segundo [...] os indivíduos podem fazer seu encontro inicial com a música através de meios e modalidades diferentes [...]. Assim, embora todo o indivíduo normal seja exposto à linguagem natural principalmente através de ouvir outros falarem, os humanos podem encontrar-se com a música através de muitos canais: cantar, tocar instrumentos com as mãos, inserir um instrumento na boca, ler notação musical, escutar gravações ou observar danças ou similares. Mesmo que a maneira como a linguagem escrita é representada neuralmente reflita o tipo de escrita usada na cultura da pessoa, as várias maneiras pelas quais a música pode ser processada corticalmente provavelmente refletem a riqueza das maneiras que os humanos encontraram para fazer e absorver música (1994, p. 93).

Como afirma Gardner, a capacidade musical tem diferentes formas de ser aprendidas, além disso, traz elementos culturais de dados povos: ritmo, letra e dança. Somado a esses elementos ditos pelo autor, acrescento mais uma importante função da música, tratando-se do importante papel de auxiliar as pessoas a se descobrirem em seu todo. Seguindo esse pensamento, observemos o destacado pelo Centro de Dislexia:

As crianças com dislexia ou outros problemas de leitura podem ser ajudadas a aprenderem a tocar um instrumento musical. Esta foi a conclusão de um estudo da Stanford University (Califórnia, Estados Unidos). Neste estudo ficou provado, pela primeira vez, que a música ajuda a melhorar a capacidade do cérebro em distinguir entre sons que mudam rapidamente, que é a chave para compreender e utilizar a linguagem. O estudo confirma também a noção de que o cérebro não é um órgão imitável, mas adaptável, o que significa que, com treino adequado, as pessoas podem melhorar a sua agilidade mental. Os investigadores fizeram o estudo com adultos, entre os quais um grupo que começou a tocar um instrumento antes dos sete anos e nunca interrompeu a prática, vários dias por semana.

A música também pode valorizar a autoimagem de um disléxico, trabalha a atenção, concentração e memória, estimula, incentiva, fazendo-o acreditar em si, a sentir-se capaz e seguro (2011[sp]).

Partindo dos dados encontrados no Centro de Dislexia, podemos entender o quanto a inteligência musical pode auxiliar as pessoas disléxicas. Há muitos profissionais da música disléxicos conhecidos no mundo, como: John Lennon, Mozart, Bethoven, entre outros. Gardner confere Mozart como sendo um grande músico:

Durante as celebrações em comemoração ao aniversário de 200 anos da morte de Wolfgang Amadeus Mozart, este grande músico foi submetido a muitos usos diferentes. Tal exploração não surpreende, porque o trabalho de Mozart disse tanto a tantos indivíduos, a longo de tantos anos e de tantas maneiras poderosas. Também se falou muito sobre Mozart, de muitas formas: como um gênio, um prodígio, um perito, um indivíduo talentoso, criativo, inteligente e bem-dotado. Espero que seja considerado um sinal de respeito, e não um sinal de nova exploração (1995, p. 49).

Esses disléxicos, como afirmou Gardner em relação a Mozart, mostram o quanto suas inteligências musicais agradaram diferentes épocas e diferentes públicos. Com suas potencialidades, conhecidas mundialmente, mostraram o quanto os disléxicos são providos de inteligência. Sendo assim, como as instituições escolar e familiar, em sua grande maioria, não observaram essa imensidão de inteligência? John Lennon foi atribuído como um adolescente delinquente. Todavia, essas incompreensões podem ser entendidas como falta de conhecimentos relacionados à dislexia ou à Teoria das Inteligências Múltiplas. O mundo todo reconhece as contribuições de diferentes disléxicos – mesmo não sabendo que são pessoas disléxicas – em todas as áreas (nas ciências e nas artes). Por isso, cabe à sociedade como um todo entendê-los e auxiliá-los a descobrirem suas potencialidades.

1.2.3 Inteligência Lógico-Matemática

É a sensibilidade para padrões, ordem e sistematização, exploração de relações, categorias. É a habilidade de lidar com séries de raciocínios, reconhecer problemas e resolvê-los. É a inteligência característica de matemáticos e cientistas, embora Gardner explique que os motivos que movem ações de cientistas e de matemáticos não são as mesmas. Porém, ambos os talentos podem estar presentes no mesmo indivíduo. As crianças demonstram essa inteligência ao realizar cálculos e criar notações práticas de seu raciocínio com grande facilidade.

Em contraste com capacidades linguísticas e musicais, a competência que estou denominando “inteligência lógico-matemática” não se origina na esfera auditivo-oral. Ao contrário, esta forma de pensamento pode ser traçada de um confronto com o mundos dos objetos. Pois é confrontando objetos, ordenando-os, reordenando-os e avaliando sua quantidade que a criança pequena adquire seu conhecimento inicial e mais fundamental sobre o domínio lógico matemático (1994, p. 100).

Seguindo o pensamento do autor, para ter essa inteligência é preciso manipular os objetos, analisando-os. Ao mesmo tempo, destaca, é necessário que a criança pequena, ao ter contato com estes, os ordene e reordene, o que fará com que passe a ser trabalhada a inteligência-matemática. Sendo assim, as escolas de Educação Infantil têm uma grande função para estimulá-las e, por isso, deve haver profissionais habilitados para tal. Além disso, é necessário que os educadores – de todos os níveis escolares – estejam preparados para receberem em suas salas alunos disléxicos para que estes não se sintam inferiores aos outros colegas e que tenham condições de descobrirem suas potencialidades. Gardner nos traz um importante dado sobre a vida do matemático.

Escolher uma vida de matemático parece ser um movimento difícil. Não é surpreendente que os matemáticos pareçam ser (para um estranho) escolhidos por suas habilidades precoces nos domínios numéricos e por singular paixão pela abstração. O mundo do matemático é um mundo à parte e tem-se que ser ascético para obter sustentação dele. O imperativo de concentrar energias por muitas horas em problemas aparentemente intratáveis é a norma e não se pode permitir que contatos casuais com outros indivíduos assumam importância. A linguagem também não é de muita ajuda. Está-se sozinho com papéis e a própria mente. Tem que pensar muito arduamente e assim, sofre-se de grave tensão, quando não se tem um colapso. Mas a matemática, também, pode oferecer proteção contra a ansiedade. Conforme sugere Stanislaw, “Um matemático encontra seu próprio nicho monástico e sua felicidade em buscas que são desconectadas de assuntos externos. Em sua infelicidade em relação ao mundo, os matemáticos encontraram autossuficiência” (1994, p.109-110).

Ao observar esse fragmento, podemos denotar o quanto é preciso haver concentração total ao viver o mundo matemático, parecendo que muitas vezes o mundo externo fica desconexo ao sujeito com inteligência matemática. Isso é um dado que mostra o quanto a inteligência linguística é bem diferente dessa inteligência que ora estamos abordando. Por outro lado, a ciência e a matemática estão interligadas e, ao mesmo tempo, mantendo suas diferenças. Gardner refere:

O cientista precisa da matemática porque o corpo do fato bruto é de difícil manejo: o esquema ordenado de relações abstratas que ele pode obter da matemática é uma ferramenta principal para extrair alguma ordem deste caos. Ainda assim, o centro dos campos da ciência (por exemplo, física) e da matemática podem ser claramente distinguidos. Embora o matemático esteja interessado em explorar sistemas abstratos por seu próprio valor, o cientista está motivado por um desejo de explicar a realidade física. Para ele a matemática é uma ferramenta – embora seja uma ferramenta indispensável – para construir modelos e teorias que podem descrever e, enfim, explicar o funcionamento o mundo – seja ele o mundo dos materiais objetos (física e química), das coisas vivas (biologia), dos seres humanos (ciências sociais ou comportamentais) ou da mente humana (ciência cognitiva) (2004, p. 113).

A invenção da ciência esteve ligada à matemática e mesmo no decorrer do tempo ela mantém contato com essa área de estudo, pois, para atingir seus resultados, precisa utilizar-se da matemática. Há alguns cientistas disléxicos muito conhecidos, por exemplo: Einstein (cientista e matemático) criou a teoria da relatividade e tornou-se famoso pela criação da lâmpada. Apesar de serem gênios mundialmente conhecidos, foram tidos pela escola como sendo pessoas com extremas dificuldades escolares e com problemas disciplinares – provavelmente decorrentes da incompreensão da dislexia. Gardner, ao escrever a obra *Mentes*

que lideram: uma anatomia da liderança, traz, de início, a liderança de duas pessoas mundialmente conhecidas, uma das quais um disléxico:

Neste livro, afirmo que podemos compreender melhor a realização de figuras como Churchill e Einstein se, primeiro, reconhecermos as maneiras pelas quais eles eram semelhantes e, segundo e mais importante ainda, examinamos pontos intermediários estratégicos entre estas figuras prototípicas. Antecipando meu argumento vejo tanto de forma muito breve, vejo tanto Churchill quanto Einstein como líderes – como indivíduos que influenciaram significativamente os sentimentos de outras pessoas. Churchill exerceu sua influência de uma maneira direta [...]. Einstein exerceu sua influência de uma maneira indireta, através das ideias que desenvolveu e da maneira pela qual essas ideias foram capturadas em determinado tipo de teoria ou tratado. [...] Einstein e Churchill assinalam dos extremos de um contínuo que denota a capacidade de uma pessoa (ou de um grupo de pessoas) de influenciar outras pessoas (1996, p. 7-8).

É importante destacar neste momento que pessoas disléxicas possuem, geralmente, facilidade na área da matemática, podendo resolver problemas complexos mentalmente. Todavia, há também algumas dificuldades que não decorrem da área das ciências exatas, mas que interferem na resolução, tratando-se de resoluções de problemas que se utiliza de dados pertencentes à área da linguagem, pois, para respondê-los, é necessário entender o que está sendo solicitado na escrita, ou seja, a resolução depende, antes, da interpretação dos dados.

1.2.4 Inteligência espacial

Gardner descreve essa inteligência como sendo a capacidade de perceber o mundo visualmente e espacialmente. É a habilidade de manipulação de formas ou objetos mentalmente, é a inteligência de artistas plásticos, de engenheiros e arquitetos. Nas crianças, observa-se essa inteligência na facilidade de montar quebra-cabeças e outros jogos que requerem habilidade espacial e atenção em detalhes visuais. Vejamos o que leciona Gardner:

Centrais à inteligência espacial, estão as capacidades de perceber o mundo visual com precisão, efetuar transformações e modificações sobre as percepções iniciais e ser capaz de recriar aspectos da experiência visual, mesmo na ausência de estímulos físicos relevantes. [...] A operação mais elementar sobre a qual outros aspectos da inteligência espacial se baseiam é a capacidade de perceber uma forma ou um objeto. Pode-se testar essa capacidade com questões de múltipla escolha ou solicitando a um indivíduo que copie uma forma; copiar vem a ser uma tarefa mais exigente e não-raras dificuldades latentes no domínio espacial podem ser detectadas através de erros numa tarefa de cópia [...] (1994, p. 135).

O indivíduo que possui a inteligência espacial mostra ter um profundo domínio da arte do desenho e da pintura, mostrando grande interesse em observação visual. Há grandes artistas famosos disléxicos em todos os gêneros de arte que se eternizaram com suas obras maravilhosas, sendo reconhecidos ao longo da história: Leonardo da Vinci – também inventor (protótipo de helicóptero, tanque de guerra, calculadora, etc.) –, Michelangelo, Pablo Picasso, entre outros.

Apesar de esses artistas serem mundialmente reconhecidos ao longo da história, pouco se sabe como ocorre essa inteligência, ao passo que há poucos estudiosos que se preocuparam em estudar o desenvolvimento dela com as crianças. Sobre o tema, Gardner pontua:

Embora a centralidade da inteligência espacial tenha sido há muito reconhecida por pesquisadores que trabalham com sujeitos adultos, relativamente pouco foi determinado de forma definitiva sobre o desenvolvimento deste conjunto de capacidades em crianças. Porque isto ocorre não está claro. Pode ser que seja mais difícil testar as habilidades espaciais do que as linguísticas ou lógicas; também pode ser que os estudiosos do desenvolvimento infantil tenham menos intuição, menos habilidades ou menos interesse em relação às capacidades espaciais. Uma exceção é Jean Piaget, que realizou diversos estudos sobre o desenvolvimento da noção de espaço em crianças. Não surpreendentemente, Piaget viu a inteligência espacial como parte intrínseca do retrato geral do crescimento lógico que ele estava reunindo em seus diversos estudos. Então, ao recontar o curso do entendimento espacial, Piaget falou da compreensão sensório-motora do espaço que emerge da primeira infância (1994, p. 138-139).

Como acena Gardner, são poucos os estudiosos que se preocuparam em estudar realmente a inteligência espacial na fase infantil. Isso é uma pena, pois se trata de uma inteligência fantástica que certamente não iniciou na fase adulta, ou seja, provavelmente existem muitas crianças com essas potencialidades em diferentes instituições escolares e, possivelmente, deve haver muitos disléxicos que possuem essa habilidade e, podendo ser reconhecidos pelos aparelhos escolares como crianças “fracas”, “incapazes de raciocínio” e

“rebeldes”. Sendo assim, cabe a essa instituição repensar seu processo de ensino e de aprendizagem. Há outro elemento importante a ser pontuado neste estudo, sendo o uso da inteligência espacial. Assim, Gardner alude que:

Uma inteligência espacial intensamente aguçada prova ser um bem de valor inestimável em nossa sociedade. Em algumas ocupações, esta inteligência é essencial – por exemplo, para um escultor ou um matemático especializado em topologia. Sem inteligência espacial desenvolvida, o progresso nestes domínios é difícil de imaginar e há muitas outras ocupações nas quais a inteligência, mas onde ela proporciona muito do ímpeto intelectual necessário. Nas ciências, a contribuição da inteligência espacial fica prontamente aparente. Einstein possuía um conjunto especialmente bem desenvolvido de capacidades. [...] ele sentiu-se fascinado ao ler Euclides pela primeira vez; e foi para as formas visuais e suas correspondências que Einstein foi mais fortemente atraído: “Suas intuições estavam profundamente enraizadas na geometria clássica. Ele tinha uma mente muito visual. Ele pensava em termos de imagens – experiências do pensamento ou experiências realizadas na mente”. Pode-se até mesmo se conjecturar que seus insights mais fundamentais derivaram de modelos espaciais ao invés de uma linha de raciocínio puramente matemática (1994, p. 147-148).

Como afirma o autor, essa inteligência tem grande importância na sociedade e, sendo assim, é premente reconhecer essas potencialidades na escola. Associado a isso, como referiu Gardner, Einstein tem grande inteligência espacial – além do que já observamos na inteligência matemática – lembrando que se trata de uma pessoa disléxica que foi incompreendida na escola.

Assim como ele, deve haver muitos alunos que perpassam o que passou na fase escolar. Agora fico a pensar: quantos disléxicos se perderam pela incompreensão humana? Quantos nem tiveram o conhecimento de que tinham diferentes habilidades? Isso é muito triste e é por essa razão que este estudo se faz necessário: é preciso que haja uma compreensão acerca da dislexia e das potencialidades dos disléxicos para que não se tenha tantos sujeitos incompreendidos ao longo da vida escolar.

Associado ao que já observamos acerca dessa inteligência, se faz importante, também, analisar a sua perspectiva cultural. Sendo assim, Gardner mostra que:

Como uma inteligência que data de muito tempo, a competência espacial pode ser prontamente observada em todas as culturas humanas conhecidas. Certamente, invenções específicas como a geometria ou a física, a escultura cinética ou a pintura expressionista estão restritas a determinadas sociedades; mas a capacidade de orientar-se em um meio intrincado, de engajar-se em artes e artesanatos complexos e praticar esportes e jogos de diversos tipos parece ser encontrada em toda parte (1994, p. 155).

Nem todas as invenções da inteligência espacial encontram-se em todas as culturas, mas isso não quer dizer que não haja essa inteligência em todas as culturas, pois, como refere Gardner, há muitas outras formas de expressão dessa potencialidade nos meios culturais. Isso mostra que as habilidades são evidenciadas conforme há a necessidade de sua existência na cultura a que o sujeito possuidor dessa inteligência faz parte.

Houve muitos disléxicos que abriram caminho para que suas comunidades encontrassem diferentes respostas para suas necessidades e acredito que haja muitos outros que possuem respostas latentes para auxiliar sua comunidade, mas, para que isso ocorra, é premente que eles sejam compreendidos em seu todo e que haja muitos profissionais e familiares engajados para que eles possam reconhecer suas habilidades.

1.2.5 Inteligência corporal cinestésica

Gardner pontua que controlar os movimentos do próprio corpo e a capacidade de manusear objetos com habilidade consiste no centro dessa inteligência. É a habilidade de resolver problemas ou criar produtos através do uso do corpo ou parte dele. Pessoas com essa inteligência demonstram graça e expressão a partir de estímulos musicais ou verbais, assim como mostram grande destreza atlética e coordenação fina muito desenvolvida. É o caso dos dançarinos, nadadores, artesãos, jogadores de bola, instrumentistas.

Característica desta inteligência é a capacidade de usar o próprio corpo de maneiras altamente diferenciadas e hábeis para propósitos expressivos assim como voltados a objetos [...]. Igualmente característica é a capacidade de trabalhar habilmente com objetos, tanto os que envolvem movimentos motores finos dos dedos e mãos quanto os que exploram movimentos motores grosseiros do corpo [...] como dançarinos e nadadores – que desenvolvem domínio aguçado sobre os movimentos dos seus corpos, assim como sobre os indivíduos – como artesões, jogadores de bola e instrumentistas – que são capazes de manipular objetos com refinamento. Mas também considere outros indivíduos em que o uso do corpo prova ser central, como inventores ou atores. É importante enfatizar que nestas últimas ocupações, outras inteligências comumente desempenham um papel importante. Por exemplo, no caso do ator [...] a habilidade em inteligências pessoais – e também, em muitos casos, em inteligência musical ou linguística – faz parte intrínseca da performance bem-sucedida. Quase todos os papéis culturais exploram mais de uma inteligência; ao mesmo tempo, nenhuma performance pode ocorrer simplesmente através do exercício de uma única inteligência (GARDNER, 1994, p. 161).

Essas diferentes habilidades são reconhecidas em atores disléxicos, como: Robin Williams, Tom Cruise e Woopy Goldberg, entre outros. Nessa conjectura, pode-se denotar que há diferentes disléxicos que possuem muitas inteligências, que são utilizadas na sociedade, tanto para criar (na área da ciência) quanto para o entretenimento, pois em todas as áreas há a presença de disléxicos mostrando suas diferentes capacidades, afinal, como afirma Gardner, nenhuma capacidade vem sozinha, tendo em vista que sempre se necessitam de outras capacidades para exercer quaisquer profissões e inventos.

Além do que observamos até aqui, há outro dado muito importante em relação a essa inteligência, qual seja:

Embora estudos sobre percepção e linguagem tenham dominado os tratados publicados em neuropsicologia, a saga do papel do cérebro na atividade física prova ser tão intrigante quanto os relatos sobre as afasias ou os relatos sobre a detecção de arestas, linhas, cores e objetos. E, de fato, mesmo que a inteligência corporal possa ter sido tomada por certa ou minimizada em importância por muitos pesquisadores, a atividade motora foi considerada uma função cortical menos “elevada” do que as subordinadas ao pensamento “puro”. Ainda assim, conforme Roger Sperry, o decano dos neuropsicólogos americanos, astutamente chamou atenção, dever-se-ia considerar a atividade mental como um meio para a finalidade de executar ações. Ao invés de atividade motora como forma subsidiária destinada a satisfazer as demandas dos centros mais elevados, deveria-se, ao invés disso, conceituar a ação do cérebro como um meio de levar ao “refinamento adicional do comportamento motor”, maior direcionamento para metas futuras e maior adaptação geral de sobrevivência (GARDNER, 1994, p. 163-164).

Esse posicionamento do autor mostra que todas as inteligências devem ser levadas em consideração e que, por isso, ao contrário do que muitos estudiosos pensam, não é apenas a

linguagem que prepondera ao sujeito ser provido de inteligência. Nesse sentido, todos têm potencialidades e todas as potencialidades devem ser levadas em conta, tendo em vista que o cérebro que comanda as potencialidades das pessoas e ele assim como comanda inteligências linguísticas, também, comanda as demais inteligências.

1.2.6 Inteligência interpessoal

Para Gardner, existem duas inteligências pessoais, a interpessoal e intrapessoal, que serão tema de análise neste subitem (2.2.6 Interpessoal) e no subitem (2.2.7 Intrapessoal). Na primeira, o sujeito possui a habilidade de entender o outro e na segunda o sujeito possui a habilidade de entender a si próprio. Esse autor refere que há uma grande variedade dessas inteligências:

Mais do que outras esferas, encontra-se uma tremenda variedade de formas de inteligência interpessoal e intrapessoal. [...] exatamente porque cada cultura possui seus próprios sistemas de símbolos, seus próprios meios para interpretar experiências, as “matérias primas” das inteligências pessoais rapidamente tornam-se guiadas por sistemas de significado que podem ser totalmente distintos entre si. De modo correspondente, embora as formas da inteligência espacial ou corporal-cinestésica já estejam prontamente identificadas e comparadas entre diversas culturas, as variedades de inteligência pessoal provam ser muito mais distintas, menos comparáveis, talvez até mesmo não passíveis de serem conhecidas por alguém de uma sociedade estranha (1995, p. 186).

No que refere Gardner, a inteligência interpessoal e a intrapessoal são mais específicas e próprias a determinadas culturas, fazendo com que muitas vezes não sejam conhecidas por outra sociedade, já que cada cultura agrega diferentes sistemas simbólicos e significados próprios para esses símbolos e, por isso, diferem de outras culturas.

A inteligência interpessoal está relacionada com a habilidade para entender e responder a humores, temperamentos, motivações e desejos de outras pessoas. Basicamente é a do relacionamento e comunicação. Identifica-se bem quando observada em psicoterapeutas, psicólogos, psicopedagogos, professores, políticos e bons vendedores. Em crianças, é notável desde cedo essa inteligência na habilidade de reconhecer pessoas, perceber intenções e desejos. A liderança aparece também nesses casos, já que são extremamente sensíveis às

necessidades e sentimentos do outro. Gardner refere que essa inteligência tem a capacidade de:

A capacidade central aqui é a capacidade de observar e fazer distinções entre outros indivíduos e, em particular, entre seus humores, temperamentos, motivações e intenções. Examinada em sua forma mais elementar, a inteligência interpessoal acarreta a capacidade da criança pequena de discriminar entre os indivíduos ao seu redor e detectar seus humores. Numa forma avançada, o conhecimento pessoal permite que um adulto hábil leia as intenções e desejos – mesmo quando foram ocultados – de muitos outros indivíduos e, potencialmente, haja em cima deste conhecimento – por exemplo, influenciando um grupo de indivíduos díspares a comportar-se ao longo de linhas desejadas. Vemos formas altamente desenvolvidas de inteligência interpessoal em líderes políticos e religiosos (um Mahatma Gandhi ou um Lyndon Johnson), em pais e professores hábeis e em indivíduos envolvidos em profissões de ajuda, sejam eles terapeutas, conselheiros ou xamãs (1994, p. 185-186).

Essa inteligência faz com que o sujeito – provido dessa potencialidade – tenha facilidade em conviver com o outro e, por isso, pode liderar grupos, trabalhar na política e em qualquer profissão que envolva seres humanos.

Assim como nas demais inteligências, há disléxicos que possuem a inteligência interpessoal, tais como Franklin D. Roosevelt (32º presidente dos EUA). Desse modo, mostra-se mais uma vez o quanto a dislexia não se caracteriza como fator impeditivo para que uma pessoa se torne realizada profissionalmente e na vida.

1.2.7 Inteligência intrapessoal

Os componentes centrais da inteligência intrapessoal estão relacionados aos estados interiores do ser. É a capacidade de autoanálise, pois envolve o conhecimento dos aspectos internos de cada ser humano, ou seja, são os conhecimentos dos sentimentos, intensidade das respostas emocionais, autorreflexão e um senso de intuição aguçado.

Observa-se um bom desempenho dessa inteligência em filósofos, conselheiros espirituais, psicólogos e pesquisadores de padrões de cognição. Gardner destaca em relação a essa inteligência, que

[...] a inteligência intrapessoal equivale a pouco mais do que a capacidade de distinguir um sentimento de prazer de um de dor e, com base nesta discriminação torna-se mais envolvido ou retraindo-se de uma situação. Em seu nível mais avançado, o conhecimento intrapessoal permite que detectemos e simbolizemos conjuntos de sentimentos altamente complexos e diferenciados. Descobre-se esta forma de inteligência desenvolvida no romancista [...] que é capaz de escrever introspectivamente sobre sentimentos, no paciente (ou terapeuta) que chega a adquirir um conhecimento profundo de sua própria vida sentimental, no velho sábio que baseia-se em sua riqueza de experiências internas para aconselhar os membros de sua comunidade (1994, p. 185).

No que podemos perceber, a partir do posicionamento de Gardner, que ao se ter essa inteligência o sujeito torna-se mais introspectivo ou mais envolvido em determinados sentimentos. Ao conhecer muito bem seus sentimentos, as pessoas que possuem essa habilidade podem tornar-se poetas, romancistas, etc., tendo como enredo seus próprios sentimentos, que por vez podem ser universais. Assim como Agatha Christie, pode haver muitos outros disléxicos escritores em todo o mundo, mas que não são conhecidos pela sociedade, podendo ter a inteligência intrapessoal.

1.2.8 Inteligência naturalística

Gardner ampliou sua lista de inteligências, incluindo a inteligência naturalística e a existencialista. Para esse autor, um sujeito tendo a inteligência naturalística encontra-se apto para reconhecer a flora e a fauna, tendo a habilidade na área da agricultura, jardinagem ou nas ciências biológicas.

Assim como normalmente as crianças dominam a linguagem desde pequenas, elas também têm uma predisposição para explorar o mundo da natureza. [...] No entanto algumas crianças desde cedo indiscutivelmente demonstram um interesse acentuado pelo mundo natural, além de capacidades agudas para identificar e empregar muitas distinções. As biografias dos biólogos costumam documentar um fascínio precoce por plantas e animais e um impulso para identificar, classificar e interagir com estes seres (GARDNER, 2000, p. 67).

As pessoas que possuem essa inteligência têm a habilidade aguçada em explorar o mundo natural, como Gardner evidenciou, mostrando desde pequenas esse fascínio. Não há

dados sobre disléxicos conhecidos mundialmente com essa inteligência, todavia, é bem provável que tenha havido e que haja muitos disléxicos com essa capacidade que não foram reconhecidos talvez pela cultura que se encontram, pois ela pode não ter agregado essa inteligência como sendo relevantes as suas necessidades cotidianas.

1.2.9 Inteligência existencialista

Os sujeitos com inteligência existencialista têm a capacidade de se situar em relação aos limites extremos do universo. Ao mesmo tempo, têm a capacidade de se situar em relação a elementos da condição humana, como o significado da vida, o sentido da morte, o destino final do mundo físico, psicológico e experiências profundas como o amor de outra pessoa ou a total imersão numa obra de arte. Essas capacidades ligam-se aos questionamentos da razão do mundo, sendo, portanto, habilidades de organizar questões próprias a temas filosóficos.

Essa inteligência traz a habilidade em compreender a integralidade do cosmos, do infinito e da compreensão da existência humana. Na obra *Inteligência: um conceito reformulado*, Gardner leciona que:

A capacidade de se situar em relação aos limites mais extremos do cosmos – o infinito e o infinitesimal - a capacidade afim que é a de se situar em relação a elementos da condição humana como o significado da vida, o sentido da morte, o destino final dos mundos físicos e psicológicos e experiências profundas como o amor de outra pessoa ou a total imersão numa obra de arte [...] (que aqui se valoriza) [...] é o potencial de uma espécie para se envolver com preocupações transcendentais, uma capacidade que pode ser despertada e desenvolvida sob determinadas circunstâncias (2000, p. 85).

As potencialidades dessa inteligência estão no encontrar razões universais da existência, formulando questionamentos de vida do mundo em que vivem.

Disléxicos que se destacam nessa inteligência podem investigar mais afundo a existência da dislexia, os sentimentos singulares dos sujeitos disléxicos que se tornam universais frente à dislexia em todo o mundo.

Este capítulo dissertativo teve o propósito de entender a teoria das inteligências múltiplas trabalhadas por Gardner. Devido a isso, investigaram-se neste tópico as razões que

levaram Gardner a estudá-las e as diferentes inteligências, para que se possa compreender como elas podem ser vistas e trabalhadas nos espaços escolares – junto a uma equipe multidisciplinar e à família –, a fim de que as dificuldades próprias à dislexia sejam contornadas a partir das diferentes inteligências.

O capítulo dois “Dislexia: um novo olhar” traz um estudo aprofundado da dislexia, apresentando a definição do tema, características, sintomas, sinais, perfil de escolares disléxicos, formas de tratamento, identificação e intervenção precoce da dislexia, fazendo, assim, uma interligação entre os dois capítulos em que o tópico um trouxe elementos importantes acerca das especificidades da teoria das inteligências múltiplas, juntando-se aos elementos próprios à dislexia que serão contemplados no capítulo três deste estudo “Dislexia e educação: trabalhando as múltiplas inteligências da teoria de Gardner”, que analisou a junção entre as múltiplas inteligências nos espaços educacionais com os alunos disléxicos.

2 DISLEXIA: NOVOS OLHARES

Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.
Paulo Freire (2000, p. 69)

Entender como aprendemos e o porquê de muitas facilidades ou dificuldades de aprendizagem é um desafio para o campo da educação. Ultimamente, se tem falado muito em uma dificuldade encontrada em alunos: a dislexia, tratando-se de uma dificuldade específica da área da linguagem.

Ao mesmo tempo, sabe-se que ler e escrever são competências básicas para o ser humano, sendo assim, tornam-se o alicerce de qualquer aprendizado e representam a difusão de conhecimento, uma vez que entre os seres humanos o “saber” tem um valor inestimável. A ausência destas competências, geralmente, faz com que o indivíduo apresente lacunas em várias outras áreas da aprendizagem. As competências da fala são atividades mentais inatas, precisando apenas do contato direto entre os falantes para que haja o aprendizado da língua materna. Entretanto, o aprendizado da leitura torna-se mais complexo, pois, para que isso ocorra, deve-se passar por diversas etapas. Vejamos o que refere Cagliari em relação à escrita na obra *Alfabetização & Linguística*:

Mesmo para os que sabem é preciso dizer, logo no início, o que é a escrita, as maneiras possíveis de escrever, a arbitrariedade dos símbolos, a convencionalidade – que permite a decifração, as relações variáveis entre letras e sons – que permitem a leitura. Enfim, é preciso não camuflar a complexidade da língua (1992, p. 99-100).

Além disso, não podemos esquecer que usamos a leitura e a escrita durante toda a vida, em quase todos os momentos, tendo em vista que são elas que levam o leitor a decodificar mensagens, interpretar e compreender textos, enfim, a participar mais ativamente da sociedade. Luria e Yudovich (1985) enfatizam que além da função cognoscitiva da palavra e sua função como instrumento de comunicação, há sua função pragmática ou reguladora; a palavra não é somente um instrumento de reflexo da realidade, é o meio da regulação da conduta. Vigotsky, na obra *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos*

psicológicos superiores, alude que o aprendizado da leitura e da escrita nos espaços educacionais ocorre do seguinte modo:

Diferentemente do ensino da linguagem falada, no qual a criança pode desenvolver por si mesma, o ensino da linguagem escrita depende de um treinamento artificial. Tal treinamento requer atenção e esforços enormes, por parte do professor e do aluno, podendo-se, dessa forma, tornar-se fechado em si mesmo, relegando-se a linguagem escrita viva a segundo plano. Ao invés de se fundamentar nas necessidades naturalmente desenvolvidas das crianças, e na sua própria atividade, a escrita é imposta de dentro para fora, vindo das mãos dos professores. Essa situação lembra muito o processo de desenvolvimento de uma habilidade técnica, como, por exemplo, o tocar piano: o aluno desenvolve a destreza de seus dedos e aprende quais teclas deve tocar ao mesmo tempo que lê a partitura; no entanto, ele não está, de forma nenhuma, envolvido na essência da própria música (1998, p. 139-140).

Se o modo de aprendizagem da atividade de escrita e de leitura ocorre de forma mecanizada nos espaços escolares o que se diria das crianças com dislexia, será que elas são vistas como pessoas com condições de aprendizado, já que a aprendizagem ocorre de modo técnico? Isso é uma pergunta que bate fundo em meu pensamento, se a maioria dos professores não conhece nada ou quase nada sobre dislexia como lidam com crianças disléxicas? Luria vem a exprimir o significado histórico da necessidade da linguagem que imprimiu mudanças essenciais na atividade consciente do homem, na obra *Linguagem e desenvolvimento intelectual da criança*:

[...] a palavra faz pelo homem o grandioso trabalho de análise e classificação dos objetos, que se formou no longo processo de história social. Isto dá à linguagem a possibilidade de tornar-se não apenas meio de comunicação mas também o veículo mais importante do pensamento que assegura a transição do sensorial ao racional na representação do mundo (1991, p. 81).

Embora haja muito ainda para estudar, para descobrir, para pensar e para evoluir, nas últimas décadas a dislexia tem recebido a atenção de estudos em diferentes áreas. É fato que muito se evoluiu desde as primeiras concepções.

Seguindo essa linha de raciocínio, é de suma importância conhecer, estudar e entender a dislexia, pois o esclarecimento acerca desse assunto é o fator decisivo para ajudar no tratamento de indivíduos disléxicos, a fim de tornar o processo de ensino-aprendizagem

significativo e adequado, melhorando, desse modo, a abordagem de um quadro tão heterogêneo quanto a dislexia.

2.1 Conhecendo e entendendo a trajetória histórica da dislexia

O termo dislexia não era utilizado na antiguidade, por não ter o entendimento nesse assunto, os sujeitos disléxicos eram tratados nos espaços escolares e por boa parte da sociedade como seres mentalmente incapacitados de comunicarem-se verbalmente na escrita e na leitura – sem saberem que essa “incapacidade” não era sinônima de impossibilidade de terem e de adquirirem outras habilidades que suplantassem essas dificuldades –, tendo como termo utilizado cegueira verbal. Esse é um dos fatores que mostram o quanto as dificuldades de escrita e de leitura trazem um estigma de incapacitação mental.

Segundo os relatos de Topczewski (2010), o caso mais antigo descrito sobre a perda da capacidade para a leitura data de 1667, em consequência de um acidente vascular cerebral, estudado pelo médico alemão Johann Schimidt. Somente em 1877, Adolf Kussmaul usou, num relato da perda da capacidade para a leitura, o termo “cegueira verbal”. A palavra dislexia foi citada nesse mesmo ano por Rudolf Berlin, ao analisar adultos que, após uma lesão cerebral, se tornaram incapazes de ler.

Pringle Morgan, em 1896, descreveu o primeiro caso, utilizando como denominação “cegueira verbal congênita”, contando a história de um adolescente inteligente, mas incapaz de desenvolver adequadamente sua capacidade para a leitura. Morgan foi o primeiro médico a considerar essa dificuldade como uma alteração no desenvolvimento dos indivíduos sadios. Pode-se dizer que inicialmente os que mais descreveram sobre as alterações da leitura foram os oftalmologistas, desvendando não ser um problema ocular, mas sim cerebral.

A partir dessa época, os estudos sobre a dislexia ganharam espaço nas pesquisas de vários especialistas e em vários países da Europa, Estados Unidos e Argentina. Quem definiu pela primeira vez a Dislexia, foi o psiquiatra e neuropatologista Samuel T. Orton, em 1925. Então, foi criada a Orton Dyslexia Society, conhecida atualmente como International Dyslexia Association (IDA), sendo uma entidade dedicada a estudos e pesquisas sobre a dislexia.

Até hoje ainda há certa incompreensão em relação aos disléxicos devido à falta de conhecimento, ocasionando, assim, o não entendimento das paralelas facilidades que o disléxico tem em seu modo de ser e de aprender. Cabe destacar ainda que apesar de haver, na

atualidade, muitas pesquisas nesse tema – relatos, descrições e peculiaridades da dislexia – são poucos avanços constatados nesta área de estudo.

A palavra dislexia significa: dis – distúrbio e lexia – do latim, leitura; e do grego, linguagem. Por tratar-se de uma dificuldade específica na leitura e na escrita faz com que os disléxicos apresentem certa dificuldade no processo de aprendizado. Essa dificuldade pode ser considerada como sendo um desafio educacional, pois o conhecimento e o esclarecimento sobre as necessidades reais desses sujeitos podem propor uma revolução na educação, na escola e na prática docente de muitos educadores.

Para entender a dislexia é necessário, antes de tudo, compreender o processo de aprendizagem do ser humano, lembrando que muitas definições foram e são propostas para tentar responder e entender o que significa Dislexia e como o disléxico precisa ser trabalhado em aula, porém, poucas são universalmente aceitas. Isso ocorre em razão de que cada profissional da educação ou da saúde – ao estudar esta dificuldade – aborda o problema sob diversos e particulares ângulos, dando enfoque para sua área específica, geralmente, sob o ângulo da dificuldade e não em relação a outras habilidades que ele possa ter para suprir a carência na área da leitura e da escrita.

Antes de analisar as várias definições, podemos dizer que dislexia é um jeito diferente de ser e de aprender. Cabe ressaltar aqui que, contrariamente ao que muitas pessoas pensam, ser portador de dislexia não se trata de um impeditivo a ter uma mente genial. Contudo, é preciso destacar e lembrar que o sujeito disléxico aprende de forma diferenciada dos ditos dos não disléxicos nas redes escolares.

Retomando as diferentes explicações em relação à dislexia, destaco o pensamento de alguns estudiosos, procurando entender o que se pensava acerca dessa temática. Ao mesmo tempo, analiso quais as mudanças ocorridas entre o passado e o presente relacionadas ao pensamento da dislexia, observando se ela ainda é vista como apenas um impedimento da aprendizagem na área da escrita e da leitura ou como um modo diferente de adquirir o conhecimento, explorando diferentes habilidades das pessoas disléxicas.

De acordo com Hout (2001), a World Federation of Neurology, na Europa, definiu-a como um transtorno da aprendizagem da língua escrita que ocorre apesar de uma inteligência normal, da ausência de problemas sensoriais ou neurológicos, de instrução escolar considerada adequada e de oportunidades socioculturais suficientes.

Já a Associação Brasileira de Dislexia (ABD²), em 1994, divulgou, pela International Dyslexia Association, a definição:

Dislexia é um dos muitos distúrbios de aprendizagem. É um distúrbio específico da linguagem, de origem constitucional, caracterizado pela dificuldade em decodificar palavras simples. Mostra uma insuficiência no processo fonológico. Essas dificuldades de decodificar palavras simples não são esperadas em relação à idade. Apesar de submetida a instrução convencional, adequada inteligência, oportunidade sociocultural e não possuir distúrbios cognitivos e sensoriais fundamentais, a criança falha no processo de aquisição da linguagem. A dislexia é apresentada em várias formas de dificuldades com diferentes formas de linguagem, frequentemente incluídos problemas de leitura, em aquisição e capacidade de escrever e soletrar (KAPPES, Dany).

A Associação Brasileira de Dislexia exerce grande influência sobre estudos, pesquisas e atividades profissionais envolvidas com a dislexia em todo o país, além de estar vinculada com a Dyslexia Association⁵. O conceito divulgado é amplamente aceito e representativo da visão comum sobre dislexia.

Por sua vez, a Classificação Internacional de Doenças (CID), em sua décima revisão, reconheceu a dislexia sob o código F81.0, como sendo um transtorno específico da leitura, embora vários estudos vinculam a patologia à escrita. Assim, de acordo com o CID as modalidades habituais de aprendizado estão alteradas desde as primeiras etapas do desenvolvimento, sendo caracterizada como:

[...] um comprometimento específico e significativo no desenvolvimento das habilidades da leitura, o qual não é unicamente justificado por idade mental, problemas de acuidade visual ou escolaridade inadequada. A habilidade de compreensão da leitura, o reconhecimento de palavras na leitura, a habilidade de leitura oral e o desempenho das tarefas que requerem leitura podem estar todos afetados. Dificuldades para soletrar estão frequentemente associadas a transtorno específico de leitura e muitas vezes permanecem na adolescência, mesmo depois de algum progresso na leitura tenha sido feito [...]. Crianças com transtorno específico da leitura seguidamente têm uma história de transtornos específicos do desenvolvimento da fala e da linguagem, e uma avaliação abrangendo funcionamento corrente da linguagem muitas vezes revela dificuldades contemporâneas sutis. Em adição a falha acadêmica, comparecimento escolar deficiente e problemas com ajustamento nos últimos do primário e do secundário. A condição é encontrada em todas as linguagens conhecidas, mas há a incerteza se a sua frequência é afetada ou não pela natureza da linguagem e do manuscrito (Organização Mundial da Saúde, 1993 p. 240, apud MASSI, 2007, p.47).

Analisando os estudos, pode-se afirmar, então, que – ao contrário de que muitos pensam –, a dislexia não tem como causa a falta de interesse, falta de motivação, de esforço e

⁵ Segundo essa associação (fundada em 1971), fornece serviços para as crianças disléxicas e adultos de todas as idades, pais/família, educadores, empresários e a comunidade em geral (2013).

até vontade, acuidade visual ou auditiva, alfabetização inadequada e muito menos baixa e/ou ausência de inteligência. Pelo contrário, o que se observa é que a maioria dos disléxicos apresenta capacidade intelectual dentro dos parâmetros estabelecidos como normais, destacando que há disléxicos apresentando – em certas atividades – um desempenho superior à média do seu grupo etário. Adicionado a isso, a dislexia precisa ser entendida não como sendo falta de zelo do disléxico em aprender, mas como sendo inerente a sua vontade de aprendizagem. Segundo a ABD⁶, a dislexia é entendida como uma condição hereditária com alterações genéticas. Existem estudos realizados que mostram haver predominância da dislexia no sexo masculino. Topczewski concorda com esse pensamento ao afirmar que:

A dislexia é considerada como um quadro hereditário; o risco estimado de um homem disléxico ter um filho com as mesmas características é de 40% e uma mulher disléxica é de 36%. As várias publicações revelam que 23% a 80% dos portadores de dislexia têm parente disléxico. Estudos realizados com gêmeos idênticos e gêmeos fraternos indicam que a probabilidade é maior dos idênticos serem disléxicos do que os fraternos. Em cerca de 70% dos gêmeos idênticos ambos são disléxicos. Os estudos genéticos revelam a existência de alterações em nove cromossomos mapeados (15, 6p, 6q, 2, 3, 7, 18, 11, 1) e em quatro genes considerados candidato (2010, p. 19).

A dislexia, num comum conceito, faz parte de um transtorno da linguagem, comprometendo o aprendizado da leitura. É importante destacar que tal transtorno precisa ser diferenciado das variações normais e as dificuldades escolares encontradas no decorrer da alfabetização e da escolarização. Fatores socioeconômicos, ambientais e familiares podem influenciar diretamente o desenvolvimento de habilidades da leitura, mas não podem configurar-se como causadores da dislexia.

Dando seguimento ao processo do aprendizado adquirido na escola, no processo de alfabetização – quando ocorre o aprendizado da leitura – há a necessidade de se identificar o som da palavra falada (fonema) para posteriormente associá-la à palavra escrita (grafema). Portanto, o indivíduo disléxico provavelmente apresenta um déficit no processamento fonológico, prejudicando a compreensão dos mecanismos responsáveis na alfabetização. Muitas vezes esses sujeitos disléxicos não são compreendidos pelos aparelhos escolares, sendo vistos como “incapazes” de aprender, mostrando a falta de entendimento dos profissionais da educação sobre a dislexia: há disléxicos que se encontram nas escolas sem

⁶ Associação Brasileira de Dislexia.

terem ao menos sido diagnosticados como tais, sofrendo inúmeras incompreensões por essa falta.

Nesse sentido, pertinente destacar que há dois caminhos para chegarmos ao reconhecimento das palavras e extrairmos os seus significados: rota ou via fonológica e rota ou via léxica.

A rota que nos permite ler textos e identificar seus vários componentes, como parágrafos, períodos, orações, frases, entre outros, é a rota fonológica. Segundo Martins (2012), a via fonológica consiste em discriminar os sons correspondentes a cada uma das letras ou grafemas que compõem a palavra, ou seja, a rota fonológica permite que o leitor reconheça as letras que formam a palavra associando ao seu som correspondente, para assim, fazer a leitura.

Pela rota fonológica podemos, sendo leitores hábeis, ler palavras pouco frequentes e difíceis sem problemas, por exemplo: pneumo ultramicroscópicos silicovulcano coniótico, que é a maior palavra na língua portuguesa. Então, usando a rota fonológica, identificamos as letras por meio da análise visual, recuperamos os sons e os pronunciamos, formando a palavra escrita. Gutschow (2002) diz que a rota fonológica é mais lenta que a rota léxica, já que o processo requerido é muito mais extenso até chegarmos a reconhecer a palavra. Por outro lado, não é menos importante e, inclusive, podemos afirmar que os estágios iniciais da aprendizagem da leitura dependem da consciência fonológica.

Já a rota lexical, sendo rápida e global, permite o reconhecimento por inteiro da palavra, tendo por consequência o acelerado pronunciamento da escrita, sem passar pelo reconhecimento dos signos que a compõem. A leitura pela rota léxica explica a facilidade que temos para reconhecer palavras que vimos com bastante frequência, por exemplo: casa.

Na leitura, ambas as rotas são ativadas e necessárias, coexistindo na leitura hábil, isto é, a rota fonética auxilia a compreensão silábica até chegar à palavra inteira e a rota lexical auxilia na compreensão da palavra inteira. Nesse sentido, ambas são importantes e coabitam o mesmo espaço de aprendizagem. Na medida em que as habilidades de leitura vão se intensificando, a estratégia da rota léxica se torna mais frequente ou as duas ao mesmo tempo.

Em suma, podemos dizer que a dislexia é um transtorno específico da aprendizagem da leitura, tendo origem neurobiológica caracterizada pela dificuldade na decodificação e soletração de palavras e, conseqüentemente, em fluência e interpretação. Sendo assim, haverá dificuldades em tarefas que envolvem repetição de palavras, retenção de informações verbais na memória, nomeação rápida e em tarefas que envolvem a manipulação de fonemas.

É importante ressaltar ainda que a dislexia não tem fronteiras geográficas, podendo manifestar-se em qualquer língua, em maior ou menor grau, dependendo das particularidades relacionadas à grafema-fonema existente em cada língua. Por exemplo, na língua italiana onde a relação grafema-fonema é bastante próxima, o processamento fonológico se dá com maior facilidade. A língua inglesa propicia maiores dificuldades, pois a relação som e escrita é muitas vezes diferente.

Pensando no crescente interesse no estudo dessa dificuldade da área de linguagem e a falta de conhecimento que atinge pais, professores e até os próprios portadores da dislexia, visando melhor esclarecer, orientar, ajudar e estimular, em 1983 nasceu a Associação Brasileira de dislexia, a ABD⁷. Essa instituição é a única filiada brasileira à International Dyslexia Association (IDA).

AABD localiza-se no Brasil, mais especificamente em São Paulo capital, atuando como principal ponto de apoio às famílias e aos disléxicos. A instituição atende um público constituído de disléxicos de todas as idades, oferecendo orientação direcionada, cursos e encaminhamentos para pais, professores, familiares, tendo como principal missão ajudar, de todas as formas, o disléxico e os portadores de distúrbios de aprendizagem, atendendo, também, a população carente. Essa instituição tem como missão:

Ajudar de todas as formas o disléxico e os portadores de distúrbios de os disléxicos e os portadores de distúrbios de aprendizagem se transformem em cidadãos produtivos, evitando a marginalização dos mesmos, quer da educação formal, quer do mercado de trabalho.

Liderar e agir ativamente nas áreas de diagnóstico, pesquisas, cursos e eventos sobre dislexia e distúrbios de aprendizagem. Colaborar com o governo e entidades privadas que atuem na área de educação e inclusão (2012, [sp]).

Dessa forma, a existência da associação mostra-se muito importante para que os disléxicos e portadores de distúrbios de aprendizagem possam ser cidadãos produtivos, evitando que ocorra a reprovação, o estigma de serem vistos como preguiçosos ou fracos na aprendizagem, sobretudo, que percebam que possuem condições de aprender e de ter sucesso

⁷ Conforme a Associação Brasileira de Dislexia (<http://www.dislexia.org.br>), em meados de 1980, recorrendo à British Dyslexia Association, na Inglaterra, um pai finalmente encontrava respostas para dificuldades que seu filho vinha apresentando na escola. De Volta ao Brasil, sob a orientação da entidade inglesa, iniciava encontros com um seletivo grupo, na intenção de fundar a Associação Brasileira de Dislexia.

Nascia, em 1983, a Associação Brasileira de Dislexia (ABN). No início apenas um ponto de estudos, encontros, trocas de informações e divulgação da dislexia com apoio de entidades internacionais. Em 1988, iniciam-se as atividades do Centro de Avaliação e Encaminhamento (CAE), para atender a pedido de pais, a demanda criada pela divulgação e os profissionais em busca de respostas e orientações mais concretas.

na sociedade, tendo em vista que há inúmeras habilidades que podem suprir as dificuldades que os disléxicos enfrentam.

2.2 Principais causas, sintomas e tipos de dislexia

Sabe-se que todos os sujeitos são pertencentes e que fazem parte de uma dada sociedade, sendo, portanto, sujeitos histórico-sociais, mesmo que tendo diferentes culturas. Diante do agir histórico, recebem e modificam sua história e a história de sua cultura: pois tendo ou não dislexia, sendo e fazendo parte de sua cultura vai aprendendo e interagindo no mundo. Sendo assim, como se pode dizer que um disléxico não tem condições de aprender por ter dificuldades de leitura? Ele pode, sim, vir a adquirir aprendizagem, pois sendo sujeito social e fazendo parte de diferentes instituições (familiar, religiosa, educacional...) faz com que seus conhecimentos vão sendo aprimorados.

Seguindo essa linha de pensar, os disléxicos são agentes atuantes no mundo, podendo utilizar suas diferentes habilidades em seu fazer histórico social. Um dos exemplos de disléxico que trouxe uma grande contribuição à sociedade foi Alexander Graham Bell: inventor do telefone, sendo uma criação utilizada até a contemporaneidade. Portanto, embora muitos educadores e/ou demais pessoas da sociedade não os compreendam como possuidores de aprendizagem, há diferentes disléxicos ao longo da história mostrando suas potencialidades e suas contribuições no mundo podendo, seja no campo das ciências, seja no campo das artes.

Segundo Vygotsky (1992), todas as atividades cognitivas básicas do indivíduo ocorrem de acordo com sua história social e acabam se constituindo no produto do desenvolvimento histórico-social de sua comunidade. No decorrer do processo cognitivo, a linguagem tem papel importantíssimo e essencial na determinação de como o sujeito vai aprender a pensar, sendo que formas avançadas de pensamento são transmitidas à criança através de palavras e da leitura de mundo que esta faz.

A criança passa por várias etapas na aquisição da linguagem. O significado das palavras e a formação da consciência vão se dando conforme ela avança em idade e é estimulada de diferentes formas, tratando-se de algo extremamente importante para que mais tarde aconteça a formação de novos e mais complexos conceitos. Luria, na obra *A psicologia experimental e o desenvolvimento infantil*, faz um importante apontamento:

Escrever é uma das funções culturais típicas do comportamento humano. Em primeiro lugar, pressupõe o uso funcional de certos objetos e expedientes como signos e símbolos. Em vez de armazenar diretamente alguma ideia em sua memória, uma pessoa escreve-a, registra-a fazendo uma marca que, quando observada, trará de volta à mente a ideia registrada. A acomodação direta à tarefa é substituída por uma técnica complexa que se realiza por mediação (1998, p. 99).

Ter o conhecimento de tudo isso implica também ter discernimento pedagógico de que a dislexia, mesmo sendo uma dificuldade, permite a aprendizagem, assim como ocorre com todas as crianças com necessidades educativas especiais, tendo em vista que os disléxicos são aprendizes em potencial.

O disléxico não deve ser visto como um doente ou paciente, mas, sim, como um indivíduo saudável que apresenta dificuldades na área da linguagem, necessitando de ajuda e de tratamento diferenciado no período escolar para que possa atingir os objetivos propostos para cada fase, respeitando suas limitações e trabalhando suas potencialidades.

Para Vygotsky (1991), não é possível pensar na construção da escrita como um processo linear e constante. É comum que durante o processo de aquisição da linguagem a criança apresente instabilidades, errando, tentando, manipulando e acertando. Todo processo de aquisição de novos conhecimentos requer reflexões e comparações, o que pode causar instabilidades, levando a indagações e perguntas constantes, até que a criança internalize e torne próprio o conhecimento a ela apresentado. Por isso, é importantíssimo o olhar atento do professor sobre as crianças no processo de alfabetização para possivelmente estar detectando dificuldades que vão além das esperadas durante o processo, e que pode estar relacionado à dislexia.

Sabe-se que a dislexia persiste apesar da boa escolaridade e, portanto, faz-se necessário que pais e professores saibam identificar os sinais que indicam alguma possibilidade de haver uma criança com dislexia e entender suas causas para poder ajudá-la da melhor forma.

2.2.1 Principais causas da dislexia

A dislexia não é causada por uma deficiência intelectual geral, por isso, é designada e classificada como sendo uma dificuldade específica da linguagem. Além disso, também não é causada por limitações socioculturais ou por fatores emocionais.

Ao estudar e ao analisar descobertas realizadas por profissionais de diferentes áreas relacionadas à educação e à saúde, como psicólogos, neurologistas, psiquiatras, médicos, observa-se que esses apontam que o problema tem base neurológica, tendo incidências genéticas em suas causas, tornando-a, então, altamente, hereditária, o que justifica que se repita nas mesmas famílias.

Contata-se, também, que há um considerável déficit fonológico, como afirma Snowling (2004) ao dizer que mesmo a dislexia podendo se manifestar de várias formas, pode existir uma única causa, o déficit fonológico, que é modificado por outras habilidades cognitivas.

O cérebro dos disléxicos processa informações em uma área diferente da do cérebro das demais pessoas, mas seu cérebro é perfeitamente normal. Então, provavelmente a dislexia pode ser resultado de falhas nas conexões cerebrais. Por conseguinte, as causas mais prováveis da dislexia são neurológicas e genéticas. “A dislexia se manifesta guardando uma relação estreita entre o quadro genético e o meio ambiente” (TOPCZEWSKI, 2010, p. 20).

Para entender as causas da dislexia, faz-se necessário entender como funciona o cérebro de maneira geral. Cada parte do cérebro é responsável por exercer uma função específica. Como afirma Snowling na obra *Entendendo a dislexia: um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura*:

Uma questão óbvia que segue o estudo genético da dislexia é qual sistema cerebral media as dificuldades do processamento fonológico observadas na dislexia. [...]. No entanto, de forma básica, pode-se pensar no cérebro humano dividido pela linha média em dois hemisférios conectados pelo corpo caloso; é geralmente aceito que, na maioria dos indivíduos, o hemisfério esquerdo é localizado para a linguagem. Dentro de cada hemisfério, existem principalmente quatro regiões (lobos) com especializações diferentes, e há muito tempo foi estabelecido que as regiões do lobo temporal do hemisfério esquerdo, em ambos os lados da fissura Sylviana, estão envolvidas no processamento da linguagem (2004, p. 149).

Dando seguimento ao estudo, de acordo com estudos de Snowling, a parte esquerda do cérebro está mais diretamente relacionada à linguagem, estando as áreas distintas e responsáveis por processar fonemas, analisar palavras e reconhecê-las. Essas funções trabalham harmoniosamente permitindo que o ser humano aprenda a ler e a escrever. Sabe-se que uma criança aprende a ler ao reconhecer e ao processar fonemas, memorizando letras e seus respectivos sons, inicialmente a leitura é processada pela rota fonológica, após adquirir maiores habilidades, usa a rota léxica. Conforme a criança progride na leitura, o cérebro domina o processo e a leitura, então, passa a exigir menos esforço.

O cérebro dos disléxicos não funciona dessa forma, sendo que durante a leitura, eles recorrem somente à área cerebral que processa fonemas e a região responsável pela análise de palavras permanece inativa, dificultando o reconhecimento e leitura hábil mesmo que este esteja deparado com palavras que já tenha lido ou estudado. Snowling vem novamente auxiliar este estudo, referindo que:

Portanto, um crescente número de evidências sugere que as descobertas comportamentais dos déficits de processamento fonológico podem ser resultantes de diferenças na função do hemisfério esquerdo cerebral, entre os leitores disléxicos e normais. Especialmente, as regiões que ligam áreas cerebrais da percepção e da produção da fala parecem ser afetadas. É interessante especular que este poderia ser o “local” das representações fonológicas que é fundamental para o desenvolvimento da leitura (2004, p. 155).

Dessa forma, a leitura se torna um grande esforço para o disléxico, porque a principal dificuldade está na capacidade de representar ou recordar sons da fala (fonemas), ou seja, existe um problema nas representações fonológicas, que leva a uma deficiência na transformação das letras do alfabeto em fonemas. Consequência disso, também, são as dificuldades em separar palavras em seus fonemas e a principal, que é a dificuldade nítida na leitura. Observemos abaixo o sistema cerebral trabalhado na leitura (Figura 1) e os cérebros do leitor não disléxico e de um disléxico.

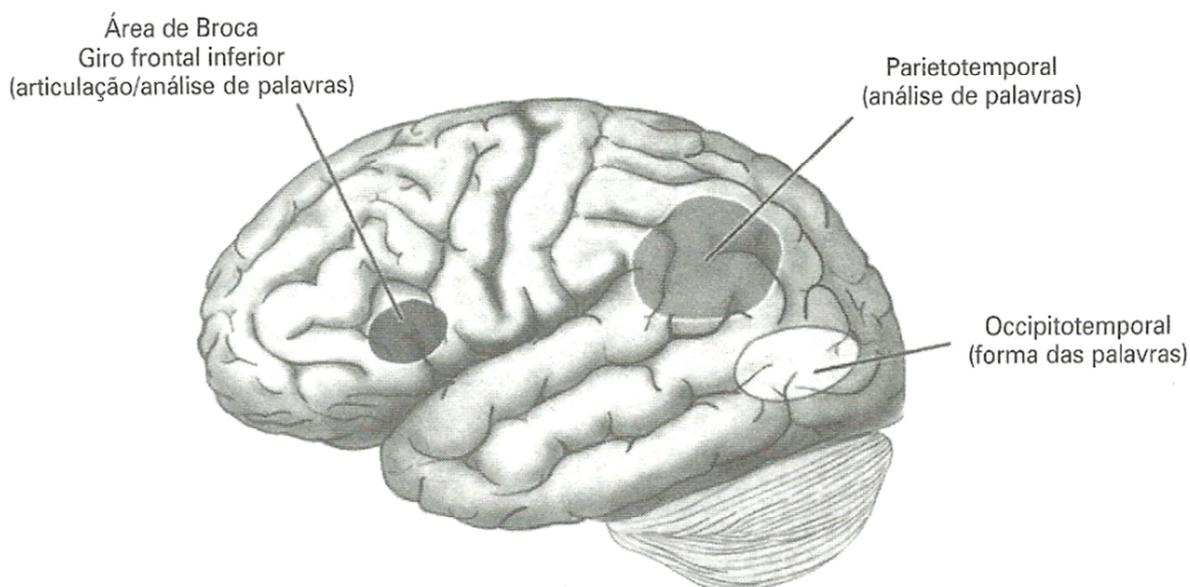


Figura 1: Sistemas cerebrais para a leitura

Fonte: SHAYWITZ (2006, p. 71)

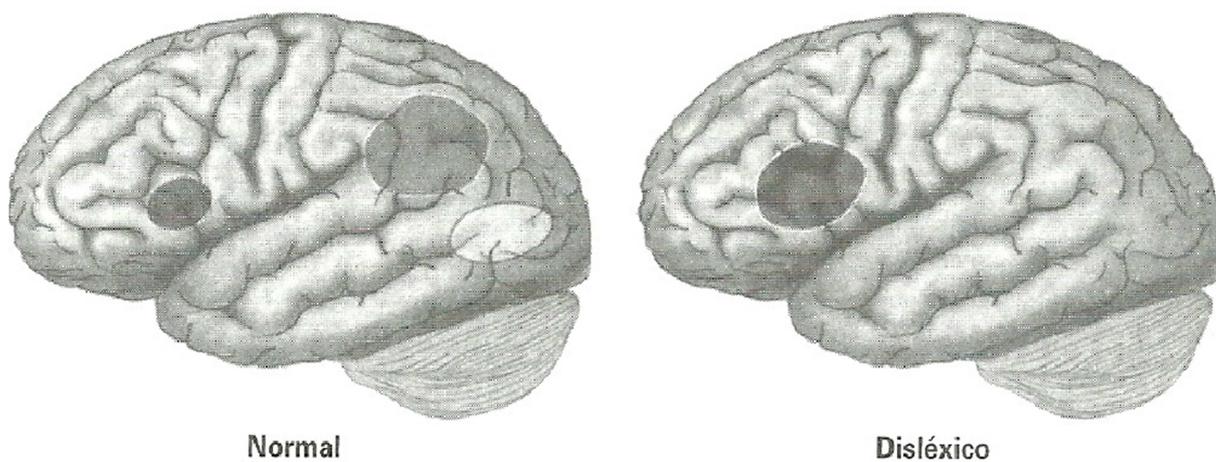


Figura 2: Cérebro do leitor normal e cérebro do disléxico

Fonte: SHAYWITZ (2006, p. 74).

A Figura 2 mostra a diferença existente entre os cérebros norma e de um disléxico. Snowling vem a explicar essa diferença, dizendo que:

À esquerda, leitores normais ativam sistemas neurais que estão em sua maioria na parte superior do cérebro (áreas sombreadas); à direita, leitores disléxicos subativam esses sistemas de leitura da parte posterior do cérebro e tendem a superativar as áreas frontais (2006, p. 74).

Dentre todas essas evidências, é nítido que pessoas com dislexia têm dificuldade em reter a fala na memória de curto prazo e conscientemente dividi-las em fonemas, ocasionando nas ditas dificuldades de leitura.

2.2.2 Sinais e sintomas da dislexia

Seria muito bom se todas as crianças que apresentassem dificuldades na alfabetização no que tange à leitura fossem “testadas” para detectar se sofrem ou não de dislexia. Ainda, se fossem diagnosticadas como disléxicas, que essa descoberta não fosse encarada como um “problema”, mas como uma nova forma de aprender e conseqüentemente, de ensinar, fazendo com que educadores, educandos e pais – ou seja, a comunidade educacional como um todo – estudassem e auxiliassem essas crianças para que estas não pensem que não têm possibilidades de aprender.

Contudo, a deficiência nos sistemas educacionais e a falta de recursos na maioria das escolas impede a realização desta utopia. Por isso, é importante que pais e professores fiquem atentos aos sinais da dislexia. É preciso observar o processo de aprendizagem da criança, caso ela demonstre grandes dificuldades de assimilação do que já foi ensinado, poderá estar demonstrando um sinal de alerta. A criança pode ser inteligente e, mesmo assim, sofrer de dislexia. Esta, que não é o único distúrbio que inibe o aprendizado, mas é um dos mais comuns. É necessário que profissionais qualificados a examinem e apurem cada caso, para uma posterior confirmação da dislexia.

A dislexia pode ser identificada já nos primeiros anos escolares, sendo que a primeira condição para o diagnóstico é que a criança já tenha sido alfabetizada. Conforme Topczewski (2010), o que mais se aceita é que o indivíduo já tenha tido uma vivência com a leitura e escrita de, pelo menos, dois anos para que seja possível a caracterização das dificuldades disléxicas.

Espera-se que a base da linguagem oral e da escrita já deva estar desenvolvida em torno dos oito anos de idade. Isso acontece, de modo geral, quando a criança está cursando o segundo ano do ensino fundamental, fase onde a leitura já deve estar mais fluente. O que se observa nos disléxicos é que a leitura continua sendo bastante precária, sofrida, entrecortada, quase silábica, como se estivesse nos primeiros momentos de aprendizagem. Sendo assim, esses indivíduos demandam um tempo bem mais longo para a leitura, porque têm dificuldades

para reconhecer as palavras e para lê-las. Por vezes, essa falta de fluência afasta o indivíduo da leitura, porque a “lêrdeza” interfere no processo de compreensão e, conseqüentemente, na capacidade de memorizar o que foi lido.

É indispensável que o professor dê uma atenção especial aos alunos na fase de alfabetização, mais ainda àquelas consideradas de risco, que apresentam defasagem e dificuldades significativas na linguagem, especialmente quando há histórico de dislexia na família. Daí a importância e a necessidade de conhecer e de entender, nem que seja minimamente, a história da criança e o contexto onde ela está inserida.

São vários os sinais que identificam a dislexia. Ianhez, Nico (2002) e Santos (1987) listam vários sinais e sintomas decorrentes da dislexia, dentre os quais podemos destacar: desempenho inconstante com relação à aprendizagem da leitura e da escrita; dificuldade em associar os sons das palavras e, conseqüentemente, com a soletração; escrita incorreta, com trocas, omissões, junções e aglutinações de fonemas; resistência para escrever; confusão entre letras de formas vizinhas, como “m” e “n” e “p” e “q”; confusão entre letras foneticamente semelhantes, como “t” e “d”, “p” e “b”, “g” e “c”; omissão de letras e/ou sílabas; adição de letras e/ou sílabas; união de uma ou mais palavras e/ou divisão inadequada de vocábulos, leitura e de escrita em espelho.

Ianhez (2002) ainda cita outros sinais importantes de dislexia na idade escolar: lentidão na aprendizagem dos mecanismos da leitura e da escrita; trocas ortográficas; dependendo do tipo de dislexia, problema para reconhecer rimas e alterações; desatenção e dispersão; desempenho escolar abaixo da média, em matérias específicas, que dependem da linguagem escrita; melhores resultados nas avaliações orais do que nas escritas; dificuldade de coordenação motora fina (para desenhar, escrever e pintar) e grossa (é descoordenada), dificuldade de copiar as lições do quadro, ou de um livro, problema na lateralidade (confusão entre esquerda e direita, ginástica); dificuldades de expressão: vocabulário pobre, frases curtas, estruturas simples, sentenças vagas; dificuldades em manusear mapas e dicionários; esquecimento de palavras; problema de conduta: retração, timidez excessiva e depressão, desinteresse ou negação da necessidade de ler; leitura demorada; sílabas com erros; esquecimento de tudo o que lê; salto de linhas durante a leitura; acompanhamento da linha de leitura com o dedo; dificuldade em matemática, desenho geométrico e em decorar sequências; desnível entre o que ouve e o que lê.

Esse aluno, notadamente, aproveita o que ouve, mas não o que lê, demora demasiado tempo na realização dos trabalhos de casa, não gosta de ir à escola, apresenta “picos de aprendizagem”. Nuns dias parece assimilar e compreender os conteúdos, e, noutro, parece ter

esquecido o que tinha aprendido anteriormente, pode evidenciar capacidade acima da média em áreas como: desenho, pintura, música, teatro, esporte, etc. Pode-se observar, também, na obra *Dislexia: como lidar?* de Topczewski, que:

A combinação de sintomas e a intensidade em que se apresentam em níveis que variam entre o sutil ao severo, varia de disléxico para disléxico, de modo absolutamente pessoal. “É importante ressaltar que não há dois pacientes disléxicos apresentando comprometimentos iguais, mas sim semelhantes, pois cada um tem características particulares, além de apresentarem as diferentes dificuldades associadas” (2010, p.33).

Como afirma esse autor, em alguns disléxicos são observados facilmente vários sintomas e sinais, em outros, são observados somente algumas características, que inclusive podem ser confundidas com outras patologias e/ou dificuldades de aprendizagem. Os sintomas disléxicos não são regras. É importante observar se os sinais se apresentam somente quando a criança é pequena ou se alguns dos sintomas aparecem somente em algumas vezes pois isso nem sempre significa que pode se tratar de dislexia, pois se sabe que há crianças que atingem uma maturação neurológica mais lentamente, vindo a atingir um quadro satisfatório do processo pessoal e do aprendizado mais tardio.

Além desses sinais tão evidentes e fáceis de serem observados sob um olhar atento do professor e dos pais, a dislexia, de acordo com seu tipo, ainda sugere outras possíveis dificuldades nos processos de construção do objeto escrito. De acordo com Farrel, na obra *Dislexia e outras dificuldades de aprendizagem específicas: guia do professor*:

Dado que as definições de dislexia são frequentemente condicionais e dada a natureza complicada da aquisição das habilidades e o entendimento do letramento, não surpreende que exista um debate sobre os possíveis fatores causais, que podem variar em relação à natureza e à extensão específicas da dificuldade de letramento. Nas chamadas definições excludentes, a dislexia não seria causada por uma deficiência intelectual geral, daí sua designação como dificuldade específica, e não geral. Também não se considera que seja desencadeada por limitações socioculturais ou por fatores emocionais (2008, p.32).

Seguindo as constatações desse autor, são observadas possíveis dificuldades que podem apresentar-se em indivíduos disléxicos, contribuindo para as dificuldades de letramento, tais como: dificuldades fonológicas, dificuldades de percepção auditiva e de

processamento auditivo, dificuldades visuais e de processamento visual, dificuldades de coordenação motora, dificuldades de memória verbal de curto prazo (memória de fixação), dificuldades de sequencialização (ordem temporal).

Assim, verificou-se que os disléxicos, em alguns casos, apresentam também um déficit temporal que leva às representações fonológicas deficientes. Segundo Farrel (2008), a identificação de dificuldades de sequencialização envolve a presença de dificuldades para sequenciar informações (por exemplo, letras do alfabeto, palavras quando lê, letras quando escreve, números) e dificuldades para sequenciar eventos cronológicos (por exemplo, os dias da semana e os meses do ano).

Já a primeira avaliação, aquela que é feita em sala de aula, durante atividades, requer um olhar bastante crítico e conhecedor por parte do professor, para traçar o perfil da criança juntamente com suas dificuldades, porque algumas crianças podem ser capazes de seguir sequências, embora solicitem apoio. Cada caso é um caso e, por isso, faz-se necessário contar com professores habilitados para reconhecer alguns sinais que podem servir de alerta.

2.2.3 Principais tipos de dislexia

A partir de estudos relacionados à dislexia, descobriu-se que ela pode ser classificada de várias formas, de acordo com os critérios utilizados para sua classificação. Buscando corroborar com esse pensar, trago as lições Oliver (2008) para este estudo, a fim de que seus achados contribuam com outros elementos importantes para essa temática. Sendo assim, Oliver afirma que para a Psicopedagogia, a dislexia pode ser subdividida em:

- **Dislexia cognitiva ou inata:** é a dislexia que nasce com o indivíduo, podendo ter as mais variadas causas e características próprias. Uma das causas pode ser a comprovada alteração hemisférica cerebral, onde os hemisférios encontram-se com tamanhos invertidos ou em tamanhos exatamente iguais, quando o considerado normal é que o esquerdo seja maior que o direito. No caso do indivíduo ter esta dislexia, terá pouca ou nenhuma habilidade para a aquisição da leitura/ escrita, geralmente não chega a ser alfabetizado, e quando chega, tem sérios problemas de compreensão textual. Este tipo de dislexia, geralmente é incurável e este disléxico

deve ser tratado e acompanhado por uma equipe multidisciplinar de forma sistemática e contínua para assim, serem amenizados os sintomas provenientes.

- **Dislexia adquirida:** é a dislexia que vem por consequência de algum trauma, por exemplo, anóxias (falta de oxigenação no cérebro), acidente vascular cerebral (derrame) e outros acidentes que podem afetar o cérebro. Nesse caso, o indivíduo que antes lia e escrevia normalmente, passa a ter períodos e fases de dislexia, nos quais a dificuldade para ler e para escrever será nítida, bem como os problemas de lateralidade e falha de memória. Esse tipo de dislexia requer um acompanhamento e habilidades de adaptação, tem grandes possibilidades de cura ou boa melhora, já que essa dislexia não envolve alterações hemisféricas.
- **Dislexia ocasional:** como o próprio nome diz, esta dislexia aparece em ocasiões, sendo causada por fatores externos. Alguns fatores apontados são o estresse, excesso de atividades, e raramente por TPM (Tensão Pré Menstrual) e hipertensão. Nesse caso, não são precisos grandes tratamentos. O indivíduo deverá detectar o fator que causa sua dislexia e, se necessário, é possível mudar seus hábitos e tudo voltará ao normal. Psicoterapia é uma boa indicação.

Pertinente, ainda, recorrer aos apontamentos de outro pesquisador para dialogar com este estudo, dessa forma, destacam-se as classificações feitas por Moojen (apud ROTTA, 2006), que subdivide a dislexia em três tipos:

- **Dislexia fonológica:** sua principal característica está na dificuldade para operar a rota fonológica, apresentando um funcionamento aceitável da rota lexical. Sendo assim, a maior dificuldade está em ler palavras não familiares, sílabas sem sentido ou pseudopalavras, mostrando maior desempenho na leitura de palavras familiares. Encontram-se, também, dificuldades em tarefas que envolvam memória e consciência fonológica, acarretando dificuldades de compreensão do que foi lido.
- **Dislexia lexical:** as principais dificuldades estão na rota lexical, apresentando a rota fonológica relativamente preservada, afetando fortemente a leitura de palavras irregulares. Assim, os disléxicos deste tipo, leem lentamente e errando com frequência.
- **Dislexia mista:** a via lexical e a via fonológica estão comprometidas. São situações mais graves e requerem um esforço maior e sistemático.

Esses autores trouxeram importantes constatações sobre a dislexia, bem como, formas de identificar diferentes casos desse transtorno. Agora, recorro aos ensinamentos de duas

estudiosas para aprofundarem os conhecimentos deste estudo, tratando-se das autoras Ianhez e Nico na obra *Nem sempre é o que parece: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares*(2002) que propõem as seguintes subdivisões:

- **Dislexia disfonética:** dificuldades de percepção auditiva na análise e síntese de fonemas. Maior dificuldade na escrita do que na leitura.
- **Dislexia disidética:** dificuldades na percepção visual, apresentando leitura silábica. Maior dificuldade na leitura do que na escrita.
- **Dislexia visual:** deficiência na percepção visual, não visualiza cognitivamente o fonema.
- **Dislexia auditiva:** deficiência na percepção auditiva, não audiabiliza o fonema.
- **Dislexia mista:** combinação de mais de um tipo de dislexia.

Outro autor já mencionado nesta pesquisa e que também classifica a dislexia de acordo com sua origem é Topczewski (2010):

- **Primária ou constitucional:** o indivíduo nasce com as características geneticamente determinadas e com o passar do tempo, tornam-se mais evidentes as dificuldades. Tem caráter neurobiológico e é permanente, podendo apresentar melhoras parciais ao longo da vida desde que submetidos a um bom tratamento. Os disléxicos primários ou constitucionais podem cursar uma faculdade, com sucesso, no entanto, isso demandará um esforço particular maior, pois necessitará encontrar atalhos para tornar sua aprendizagem mais efetiva. Esse tipo de dislexia é encontrado na literatura com o nome de dislexia do desenvolvimento, dislexia específica ou dislexia de evolução.
- **Secundária:** quando as causas determinantes são lesões, acidentes vasculares cerebrais, traumatismos, quadros degenerativos, processos infecciosos ou inflamatórios cerebrais. Ou seja, a dislexia atinge, neste caso, indivíduos que já estavam alfabetizados, mas que por essas causas passam a apresentar alterações que comprometem a leitura e a escrita. “Acredita-se, também, que o quadro de hipoxia neonatal (redução da concentração de oxigênio) possa estar relacionado à dislexia, pois alteram os circuitos neuronais e comprometem, sob aspecto funcional, as áreas do cérebro responsáveis pela leitura e escrita.” (TOPCZEWSKI, 2010, p. 17).
- **Transitória:** quadro relacionado ao período inicial do aprendizado, no qual a criança apresenta dificuldades individuais momentâneas na aprendizagem. São vários os fatores, como não adaptação ao sistema de ensino, falta de recursos

linguísticos ou, até mesmo, por fatores emocionais. Destaca-se que esse tipo de dislexia é transitória, sendo superada com orientação psicopedagógica adequada, pois não há nenhuma alteração orgânica que possa interferir em seu bom aprendizado. Topczewski afirma que:

Há que se considerar, também, que as dificuldades transitórias para o aprendizado da leitura se devam a tentativas precoces de alfabetização, num momento em que as áreas cerebrais não estão ainda adequadamente maturadas para esta finalidade. Esta ânsia prematura dos pais e das escolas, sem respeitar as características individuais e o processo maturacional, pode interferir negativamente no desenvolvimento emocional da criança e, conseqüentemente, na aprendizagem (2010, p. 17).

O que afirma Topczewski na citação acima vem ao encontro com o meu pensamento desde o início de minha profissão, pois muitas vezes me deparei com pessoas ansiosas para que seus filhos e educandos fossem alfabetizados precocemente – preocupação já referida na introdução deste estudo. Essa vontade de adiantar a alfabetização pode acarretar uma inibição futura, ou seja, pode vir a ser prejudicial à criança que foi obrigada a se alfabetizar antes de estar apta para isso.

Contudo, é importante ressaltar aqui a importância de que qualquer disléxico, independente do tipo de dislexia, procure auxílio para desenvolver seu raciocínio, agilidade, coordenação motora, lateralidade. Uma boa opção são os esportes: a natação e os esportes com bola são bastante úteis e prazerosos.

2.3 Diagnosticando e tratando a dislexia

Como vimos, a dislexia, salvo a do tipo ocasional, não é curada sem tratamento apropriado. Por não ser um problema que passa com o tempo, a dislexia merece atenção para não passar despercebida. Em primeiro lugar, professores devem ter o devido entendimento para identificar a possibilidade de que as dificuldades que seu aluno esteja apresentando, pode se tratar, na verdade, de uma dislexia. É importante que o diagnóstico seja efetuado o quanto antes, assim, as crianças tratadas desde cedo têm grandes chances de superar ou conviver melhor com os sintomas.

A palavra diagnóstico provém de duas outras: dia (através de) e gnosis (conhecimento). Dessa forma, se nos ativermos à origem etimológica e não ao uso comum (que pode significar rotular, definir, etiquetar), podemos falar de diagnóstico como “um olhar-conhecer através de”, que relacionaremos com um processo, com um transcorrer, com um ir olhando através de alguém envolvido mesmo como observador, através da técnica utilizada e, nessa circunstância, através da família (FERNANDEZ, 1991).

Dando continuidade à importância do diagnóstico precoce e da fundamental necessidade de os educadores identificarem casos de dislexia em sala, é imprescindível que esses professores atualizem-se constantemente para que tenham compreensão das dificuldades que poderão vir a surgir no processo ensino-aprendizagem para que haja comprometimento com seus alunos, ajudando-os a superar os obstáculos encontrados na aprendizagem da leitura e da escrita. Quando um aluno demonstra contínua dificuldade, deverá ser imediatamente encaminhado aos profissionais especializados, estes ajudarão a fazer averiguações concretas.

Para que seja realizado o diagnóstico correto, é imprescindível verificar se na família existem casos de dislexia e/ou, até mesmo, dificuldades de aprendizagem. Verificar se na história do desenvolvimento da criança ocorreu algum atraso na aquisição da linguagem, também é caminho indicado. Também se deve excluir, primeiramente, as possibilidades de outros distúrbios, pois há problemas de origem neurológica, sensorial, emocional e até dificuldades de aprendizagem por falta de ensino e de metodologias adequadas ou em função das condições socioculturais não satisfatórias, que são distintas da dislexia.

Shaywitz (2006) diz que o diagnóstico da dislexia apresenta um quadro muito particular de circunstâncias, segundo suas pesquisas e estudos, as dificuldades de leitura eram muito mais comuns aos garotos do que às garotas; estudos haviam indicado que a dislexia atingia algo entre quatro a seis vezes mais os garotos.

Para Topczewski (2010), entende-se que a dislexia é uma dificuldade na habilidade fonética, que torna difícil a identificação, a combinação e a utilização dos fonemas. Esse processo de identificação fonêmica é realizado na região temporal posterior do hemisfério cerebral esquerdo. Então, a avaliação da fonoaudióloga é indispensável para verificar a habilidade verbal, a capacidade para ler e para memorizar, bem como para perceber se há falha no Processamento Auditivo Central (PAC). O PAC consiste em avaliar a execução auditiva quando existem estímulos, ainda compreende a capacidade do indivíduo para ouvir, localizar, discriminar, reconhecer e interpretar o estímulo auditivo.

Se percebido comprometimento do PAC algumas dificuldades particulares poderão ser observadas, segundo Topczewski (2010, p. 25):

- Falha da compreensão das ordens verbais;
- Falha da resposta à solicitação verbal;
- Necessidade de repetir a ordem mais uma vez;
- Desvio fácil da atenção;
- Reduzida capacidade de concentração;
- Falha na percepção e localização do estímulo.

Cabe ressaltar que nem toda pessoa que demonstra alterações ao PAC é disléxica, mas na maioria dos casos de dislexia o PAC se encontra comprometido.

Existem exames para ajudar a investigar casos de suspeita de dislexia, como o exame neurológico. Esse identifica as alterações e o déficit no processo de evolução da criança no que se refere ao equilíbrio, à coordenação, à fala, entre outros. O exame oftalmológico e o de processamento visual são procedimentos importantes, uma vez que identificam símbolos gráficos que são necessários para interpretação do seu significado. Havendo alterações do processamento visual a leitura ficará debilitada e, como consequência, a escrita sofrerá confusões entre letras parecidas.

De acordo com os estudos de Topczewski (2010), é essencial lembrar que cada sujeito é único e tem particularidades únicas. Então, as dificuldades também serão diferentes, podendo ser parecidas, dependendo da estimulação e das condições ambientais vivenciadas. Os disléxicos poderão apresentar disfunções associadas, como as seguintes:

- Disortografia – distorções na escrita entre o som (fonema) e o símbolo gráfico(grafema);
- Discalculia – dificuldade no aprendizado de cálculos;
- Dispraxia – dificuldade na área motora, inabilidade de realizar determinada tarefa;
- Disgnosia – defasagem na percepção dos cinco sentidos, perda da capacidade anteriormente adquirida de reconhecimento por meio dos vários tipos de percepção.

Ainda, há outras comorbidades diagnosticadas nos disléxicos, como:

- Transtorno do Déficit da Atenção (TDA) esse aparece frequentemente associado à dislexia;
- Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) alterações comportamentais;
- Impulsividade: apresentam atitudes explosivas se arrependendo em seguida;

- Transtorno Desafiador de Oposição (TOD) se manifesta de forma negativa às solicitações, se dirigindo a todas as pessoas de forma agressiva, provocadora e crítica;
- Transtorno de conduta (TC) caracteriza-se por promover agressões físicas ou verbais, furtos, mentira, fugas de casa, da escola e até mesmo violência sexual;
- Transtornos de Tiques (TT) manifestações motoras estereotipadas, os tiques sonoros, como: fungar, pigarrear, tosse, grunhidos, assovios, estalar da língua, aumentando em ocasiões de estresse emocional, podendo falar palavrões sem propósito;
- Transtorno de Ansiedade (TA) a ansiedade pode interferir no aprendizado, interferindo na memória ocasionando o “branco”, fazendo que o indivíduo sofra por antecipação. Alguns sintomas podem se apresentar, como a cefaleia, a dor abdominal, as tonturas, a sudorese, a inquietação, a taquicardia e os distúrbios do sono;
- Transtorno Depressivo (TD) esses indivíduos demonstram alterações do sono, do apetite, cansam-se com facilidade, denotam desinteresse, são tristes. Pacientes disléxicos provavelmente pelas condições de vivência em seu meio acabam desencadeando o TD;
- Migrânea ou enxaqueca: dores fortes na cabeça, causados pelo estresse físico e o estresse emocional, associados a vômitos, tonturas, náuseas, alterações visuais, intolerância à luz e aos ruídos;
- Epilepsia se apresenta de muitas formas podendo influenciar física, social e intelectualmente na vida da pessoa. O indivíduo com dislexia poderá ter seu quadro mais comprometido por conta das crises epiléticas;

Topczewski (2010, p. 47) destaca que “A identificação das comorbidades é fundamental para que a orientação ao disléxico seja bem-sucedida”.

Existem outros exames como a ressonância nuclear magnética. Este se trata de um exame bem delicado, uma vez que revela as prováveis alterações estruturais do cérebro, como as malformações, simetria entre o lado esquerdo e o lado direito, detectando as anomalias do tecido cerebral podem ser feitos. O SPECT, que se trata de uma Tomografia Computadorizada por Emissão de Fóton Único, o PET-SCAN que é uma Tomografia por Emissão de Pósitrons e o RNMF que é uma Ressonância Nuclear Magnética Funcional. Tais exames detectam quais áreas estão sendo ativadas e qual o volume circulatório local para a execução do ato de ler e de escrever.

O SPECT avalia as áreas que têm alterações do fluxo sanguíneo regional, o que significa a existência de alterações circulatórias metabólicas localizadas. O PET-SCAN mostra as alterações metabólicas relacionadas ao consumo de glicose celular. Esses dois exames são processados após injeção de contraste radioativo, nos pacientes com dislexia, mostrando ter uma hipoperfusão na área temporal, parietal e occipital do hemisfério cerebral esquerdo e hiperperfusão no giro frontal inferior esquerdo e direito. Topczewski refere que:

Vários estudos mostraram que o paciente disléxico apresentava uma atividade reduzida nas áreas posteriores do hemisfério cerebral esquerdo e maior atividade na região frontal inferior esquerda e direita durante a leitura, diferentemente do que ocorre com um leitor normal. Em virtude dessas alterações funcionais, esses pacientes apresentam um padrão de leitura lento e não automático (2010, p. 50).

A pronúncia da palavra escrita e o seu significado integram a área temporo-occipital esquerda, sendo essa a trajetória rápida de leitura utilizada pelo leitor normal. Já no disléxico se apresentam diferentes caminhos para desenvolver a leitura. Entretanto, exames por imagem funcional são de custo muito elevados, o que inviabiliza a recomendações a todos.

Ainda há muitos casos que necessitam de tratamento medicamentoso associado a sessões com os profissionais especializados, trarão mais eficiência na superação das dificuldades.

Infelizmente, o que se verificou nos estudos acerca desses diagnósticos, por mais necessário e adequado que sejam esses exames, é que são extremamente caros, impossibilitando muitas vezes o seu uso. Apesar de ter-se visto que a dislexia não advém da situação econômica, a falta de recursos financeiros torna-se um impeditivo de exames elaborados e tratamentos de uma equipe multidisciplinar, vindo a prejudicar os disléxicos com baixa renda familiar.

2.4 Disléxicos aprendem a ler e escrever?

É tão ruim olhar nos olhos de uma criança e encontrar um olhar triste, um olhar vazio de alegrias, um olhar de quem se sente derrotado: um sentimento que ninguém deveria chegar a pensar em ter. Todavia, muitas crianças disléxicas se sentem assim, uma vez que não

raramente são rotuladas como “incapazes”, “preguiçosas” e, para piorar, chegam até a ser colocadas de lado nos espaços educacionais; espaços estes que deveriam auxiliá-las. Também não raro é o fato de que muitas pessoas, por falta de entendimento sobre dislexia, pensam que essas crianças, adolescentes e até adultos não aprenderão nada e, por isso, consideram que é perda de tempo dedicar-se a eles, eis que fadadas ao analfabetismo.

Por outro lado, uma criança que se sente triste e derrotada por não conseguir ler pode passar sim, a ser uma criança feliz e com grande vontade de aprender, basta ter seu direito garantido: descoberta da dislexia o mais cedo possível, equipe multidisciplinar, professores que depositem confiança em seu aprendizado, uma família acolhedora e a descoberta de diferentes habilidades! Vejamos o que diz Zorzi:

Embora as causas possam ser diversas, qualquer limitação na aprendizagem é sempre um problema para a criança. Mesmo quando os motivos decorrem de condições ambientais ou educacionais desfavoráveis, é nela que eles se manifestam, na forma de um desempenho não adequado. É ela, portanto, quem sentirá as consequências. Quem não aprende, sofre. E o pior é que na maioria das vezes, é a própria criança quem carrega a culpa. Esta é uma regra geral (2008, p. 9).

São várias e novas as descobertas realizadas no ensino da leitura, onde se encontram novas alternativas, metodologias e mudanças no processo de ensino, podendo vir a ser responsáveis pelo sucesso de muitas crianças, visto que cada uma delas têm suas particularidades, seu ritmo, seu histórico e seu contexto.

Uma criança disléxica pode se tornar um leitor dentro de suas limitações. Isso não requer mágica nenhuma, mas o essencial é o diagnóstico precoce e métodos eficazes. Cada indivíduo requer métodos diferentes para que as intervenções sejam satisfatórias, por isso, encontrar qual é o método apropriado pode ser o início de uma grande mudança na vida de um disléxico. A leitura pode ser a coisa mais importante do mundo, uma vez que ela está em tudo e em todos os lugares. É imprescindível que pais e professores não desistam de auxiliar no tratamento de uma criança disléxica, pois, como bem disse Zorzi, quem não aprende certamente sofre.

Sabe-se que depois de confirmado o diagnóstico, a preocupação principal dos pais é de encontrar uma escola que possa atender as necessidades do seu filho disléxico. Lima (2002) coloca que é função da escola ampliar a experiência humana. Portanto, a escola não pode ser limitada ao que é significativo para o aluno, mas tem de criar situações de ensino que

ampliem a experiência, aumentando os campos de significação. Dessa forma, não se trata de encontrar uma escola que “atenda as necessidades”, uma vez que, em verdade, teoricamente toda a instituição de ensino deveria estar preparada para atender os diferentes modos de aprender que os educandos possam apresentar, não se tratando somente de disléxicos.

Nesse sentido, as escolas devem oferecer adaptações do sistema escolar às necessidades do aluno disléxico, para que ele possa entrar em contato com experiências e informações, para a construção de sua aprendizagem. Não há uma escola perfeita, o fundamental, então, é selecionar uma escola que mais se adapte às prioridades da criança e acompanhar sistematicamente a sua aprendizagem, contando com o auxílio de uma equipe multidisciplinar. Entretanto, a maioria dos modelos de escola, públicas e particulares, geralmente, não foi feita para alunos disléxicos.

Elas – a maioria das escolas – não se preocupam com os alunos disléxicos, em seus objetivos, conteúdos, metodologias, organização e avaliação precisariam passar por importantes modificações e adaptações para recebê-los efetivamente como verdadeiramente alunos. Muitos disléxicos não sobrevivem à escola e os que conseguem sobreviver, podem ser considerados astutos e corajosos, pois acharam artifícios que lhes permitiram driblar o tempo, os modelos, as exigências, os próprios professores, as humilhações, preconceitos, e principalmente, as notas exigidas para passagem de nível.

Contudo, está mais que claro e confirmado que crianças disléxicas aprendem e inclusive, em sua maioria, apresentam nível cognitivo normal ou acima da média. Os disléxicos têm condições de cursar uma boa faculdade, até com sucesso, embora esta meta demande esforço particular maior, tendo em vista que como aprendem de maneiras diferentes, precisam encontrar atalhos para atenuar e superar suas dificuldades específicas, buscando facilitar, de certa forma, seu aprendizado. Zorzi afirma que:

Podemos dizer com segurança que, obviamente, para tudo existe limite, inclusive para o aprender. Mas, isto não significa dizer que existam impossibilidades. O sucesso ou o fracasso em nossa tarefa educacional depende daquilo que nos propomos a ensinar e dos métodos que empregamos para chegar até lá (2008, p. 11).

Nunca é tarde e menos ainda, desnecessário, ensinar disléxicos a ler e a processar informações com maior eficiência. Diferentemente da fala, que requer menos estímulos, por

ser um processo natural, a leitura precisa ser ensinada, requerendo um esforço do educando e do educador para que essa aprendizagem se realize.

Crianças disléxicas precisam de métodos adequados e de tratamento especial para superar ou para amenizar suas limitações. Fonseca (1995) destaca que uma coisa é a criança não querer aprender a ler, outra é a criança não poder aprender a ler com os métodos pedagógicos tradicionais.

A criança disléxica precisa de um professor encorajador, alguém que lhe apoie, que lhe incentive mesmo quando as coisas não estão indo bem, alguém que não apenas acredite nela, mas que demonstre isso no dia a dia, alguém que compreenda a natureza da dificuldade que ela tem, alguém que trabalhe incansavelmente e a auxilie no que precisar, trabalhando suas limitações e buscando conhecer suas habilidades para que ela sinta-se plena e capaz de aprender. Associado a isso, é necessário ter no seio familiar um acompanhamento na mesma medida. Só assim haverá grandes possibilidades de um futuro feliz.

Não é suficiente incluir um indivíduo disléxico em sala de aula, precisam-se antes de tudo, professores e coordenadores capacitados para poderem atender com eficiência as necessidades que estes apresentarem, tendo em vista que alunos disléxicos aprendem, mas precisam ter o apoio da comunidade escolar, seja incentivando-os, seja trabalhando de forma que abranja suas necessidades.

Continuando essa linha de raciocínio, a abrangência da inclusão escolar é muito ampla. Uma educação para todos precisa valorizar a diversidade em todos os sentidos, sendo que esta dinamiza e enriquece as relações e as interações, provocando nos alunos o desejo de conhecer e de conviver com grupos diferentes do seu. A escola é um lugar privilegiado de encontro com o outro, onde o respeito às diferenças deve prevalecer.

Diariamente, o professor encontra-se frente a uma classe com diferentes áreas do conhecimento, inclusive na linguagem, muitas em função da procedência geográfica, social e cultural. Cabe lembrar que é papel do educador estar atento para a realidade de seus educandos e as particularidades que os envolvem. Geralmente é na escola – nos primeiros anos escolares – quando ocorre a alfabetização, que os alunos disléxicos demonstram sintomas, já que é nesse local onde a escrita e a leitura são permanentemente utilizadas e valorizadas.

O professor de um aluno disléxico deve rever suas estratégias metodológicas, para descobrir habilidades nesses alunos, para que eles possam descobrir-se, conhecer-se e possivelmente destacar-se em outras áreas, pois, se disléxicos fracassarem no período escolar,

quer dizer que não fracassaram sozinhos. Certamente a escola, do gestor ao professor, por conseguinte, também fracassou.

Dirigir um olhar flexível para o aluno disléxico é compreender a natureza da dificuldade que ele apresenta, buscar orientações, informações para melhorar o processo da aquisição da aprendizagem do aluno. Instrumentalizar-se torna-se fator decisivo para trabalhar as diversidades ocorrentes de casos de dislexia. Por isso, é preciso experimentar diversas estratégias, atividades e técnicas até encontrar a que melhor se adequará ao trabalho com esses alunos. Isso ajudará na descoberta de qual procedimento de ensino se adapta ao aluno e à sua situação. Além disso, manter contato e trabalhar em conjunto com a equipe multidisciplinar – que faz o tratamento da criança –, aumentará as condições de o educador obter êxito em seu trabalho com o aluno disléxico, resultando na obtenção mais rápida e efetiva de resultados.

Sabe-se que a escola é a extensão da família e vice-versa, portanto, os pais também devem participar ativamente do processo educativo de seus filhos, pois, indubitavelmente, eles são os melhores conhecedores seus filhos, mais do que ninguém. É dos pais a responsabilidade de ajudar a criança a ter resultados melhores e, deve partir deles, a aceitação da ideia de procurar profissionais para fazer as melhores intervenções, para oportunizar a seus filhos condições de sucesso.

Encorajar, ajudar e compreender faz parte do papel pertinente dos pais, bem como acompanhar sistematicamente a trajetória escolar de seus rebentos, estabelecendo uma relação de troca com a escola e com os profissionais envolvidos no tratamento do indivíduo. Focalizar o que o filho faz de melhor, incentivá-lo a não desistir, ressaltar os acertos e as habilidades, tranquilizar e valorizar, faz a criança sentir-se com valor e com capacidade de evoluir.

Para Topczewski (2010), a participação dos familiares auxiliando o desenvolvimento da leitura é especialmente importante para a criança, pois só o apoio em sala de aula não é suficiente. Os pais podem assistir a leitura do filho, organizar o tempo da criança para o estudo e para as tarefas, ler junto com a criança para melhorar a fluência e a percepção. Além disso, favorece a sua autoestima, tendo em vista que ele perceberá que está sendo acolhido e que, também, tem o apoio dos pais para auxiliá-lo.

Toda a criança necessita de apoio e de paciência, mais ainda os disléxicos, por terem baixa autoestima em função de se sentirem menos inteligentes que seus colegas. Porém, é necessário ter consciência de que bons tratamentos podem vir a amenizar essas dificuldades, ou até curar a dislexia.

Dando continuidade a esse assunto, muitos disléxicos têm grande sucesso profissional, pois, com base em pesquisas feitas por esta mestrandia em leituras na internet e nos livros

específicos, existe uma alta porcentagem de disléxicos entre os grandes artistas, cientistas e executivos. Dentre eles, destaca Garcia (2010), estão: Albert Einstein (físico), Alexander Graham Bell (cientista e inventor do telefone), Agatha Christie (autora de mais de 80 livros), Charles Darwin (cientista que criou a Teoria da Evolução), Constantino (rei da Grécia), Cher (cantora), Leonardo Da Vinci (dono de uma curiosidade enorme, considerado por muitos o maior gênio da história, cientista, matemático, engenheiro, inventor, anatomista, escultor, arquiteto, botânico, poeta, músico, e famoso pintor), Thomas Edison (maior inventor de todos os tempos, inventou a lâmpada elétrica incandescente, microfone,...), Robin Williams e Tom Cruise (famosos atores de cinema), Vincent Van Gogh (considerado um dos maiores pintores de todos os tempos), Walt Disney (produtor cinematográfico, animador, dublador, empreendedor, criou o Mickey e o Pato Donald), Franklin D. Roosevelt (32° presidente dos EUA), George W. Bush (43° presidente dos EUA), Pablo Picasso (pintor), e tantos outros. Lima (2008) contribui, neste momento da pesquisa, quando diz que a dislexia não impede ninguém de aprender, pois disléxicos geralmente são criativos e não raramente podem ser apontados como pessoas com inteligência acima da média.

Este, digamos, é o lado “positivo” da dislexia: alguns podem ser gênios. A mesma função mental que produz um gênio pode também produzir o problema da dislexia, segundo Ronald D. Davis (2004). A função mental que causa a dislexia é um dom, no mais verdadeiro sentido da palavra, uma habilidade natural, um talento. Por sua vez, Martins (2001) também explica que um indivíduo disléxico pode desenvolver potencialmente outras áreas específicas, e que não é difícil encontrar disléxicos talentosos na música, na arte, o desenho, esporte, mecânica, engenharia, comércio, construção e outros.

Podemos dizer, então, que alguma coisa especial na dislexia pode engrandecer o indivíduo. Contudo, ter dislexia não faz com que todos os disléxicos sejam gênios, mas é bom saber que, mesmo tendo limitações com a escrita e a linguagem, esses indivíduos podem desenvolver outras tantas habilidades e destacar-se com elas. Observemos um importante apontamento de Luria acerca da evolução cultural.

A linguagem deu ao homem a cultura, e a cultura evoluiu. O modo pelo qual a evolução cultural se superpôs à evolução biológica já foi objeto de descrição. A seleção cultural é baseada na transmissão e ensino de um conhecimento obtido experimentalmente. Por esta razão, a evolução cultural é extraordinariamente rápida. Ela melhora a adaptação genética da humanidade, mas pela alteração do ambiente, tornando-o mais apropriado ao homem (1912, p. 140).

Apoiados na lição de Luria, podemos entender que a seleção cultural pode vir a auxiliar algumas falhas vindas da herança genética. Sendo assim, a dislexia pode ser trabalhada com as alterações do meio ambiente, podendo ser a junção de uma equipe de profissionais: educadores, fonoaudiólogos, psicopedagogos, entre outros. Esse grupo pode trazer à tona diferentes inteligências – como as estudadas por Gardner –, mostrando que o meio pode vir a auxiliar muitos disléxicos a encontrarem suas habilidades e a trabalharem, partindo dessas potencialidades, seus pontos fracos: dificuldades na área da linguagem, tornando-os aptos a lerem e a escreverem.

2.5 A Dislexia e a atual legislação

Em relação à dislexia, é importante saber que a legislação ampara, de certa forma, os portadores desse distúrbio. Para entender a promoção dos alunos disléxicos, além da necessária capacitação e conhecimento específicos por parte daqueles que estão envolvidos no processo de ensino-aprendizagem desse aluno, é importante estar a par de alguns quesitos contemplados na legislação vigente. Há que se destacar, contudo, que não há nenhuma referência específica sobre a dislexia, uma vez que sempre é feita referência aos portadores de necessidades educacionais especiais, ou seja, algo generalizado. Nesse grupo estão inclusos desde os que apresentam incapacidade física e/ou mental até os superdotados. Nas diretrizes educacionais sempre existem considerações gerais em relação à inclusão escolar, sendo este um direito de qualquer cidadão.

Dentre os vários problemas encontrados no sistema educacional, sabemos que um deles trata-se da inclusão de crianças portadoras de necessidades educacionais especiais, tendo em vista que ainda apresentam muita preocupação nos espaços educacionais. Essas preocupações podem ser decorrentes das seguintes problemáticas: número insuficiente de pessoas preparadas para atendê-las de forma ao menos satisfatória – quem dirá eficientemente – e turmas contendo com grande número de alunos.

Mesmo o Estado brasileiro tendo como compromisso educar a todos sem qualquer discriminação ou exclusão social, assegurando o acesso aos educandos ao ensino fundamental, em idade escolar, sendo este um direito público, a atenção à dislexia, que hoje faz parte do sistema educacional e que é tão comum, ainda não está contemplada em nenhuma lei, tratando-se, então, de um caso preocupante.

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), nº 9.394/96, artigo 32, compete ao Ensino Fundamental o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo.

No seu artigo 4º, inciso III⁸, a LDB diz que o dever do Estado com a educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de “atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino”.

Contudo, infelizmente, o que se observa é que nenhuma lei é específica. Todavia, a ABD, juntamente com vereadores do estado de São Paulo, pleiteia leis específicas de inclusão escolar para os disléxicos, capacitação dos professores e mudanças na aplicação de provas para concursos públicos. De acordo com leituras e pesquisas, há relatos da criação da lei nº 12.524, de 2 de janeiro de 2007, de autoria da Deputada Maria Lucia Prandi, que é uma legislação específica para os disléxicos. No entanto, essa lei, embora aprovada, não foi regulamentada:

Artigo 1º - Fica o Poder Executivo obrigado a implantar o Programa Estadual para Identificação e Tratamento da Dislexia na Rede Oficial de Educação, objetivando a detecção precoce e acompanhamento dos estudantes com o distúrbio.

Parágrafo único - A obrigatoriedade de que trata o "caput" refere-se à aplicação de exame nos educandos matriculados na 1ª (primeira) série do Ensino Fundamental, em alunos já matriculados na rede quando da publicação desta lei, e em alunos de qualquer série admitidos por transferência de outras escolas que não da rede pública estadual.

Artigo 2º - O Programa Estadual para Identificação e Tratamento da Dislexia na Rede Oficial de Educação deverá abranger a capacitação permanente dos educadores para que tenham condições de identificar os sinais da dislexia e de outros distúrbios nos educandos (2007, [sp]).

Essa lei, se fosse regulamentada, auxiliaria aos disléxicos a serem compreendidos nas escolas e, sobretudo, daria suporte teórico aos educadores para trabalharem com alunos disléxicos utilizando metodologias próprias as suas necessidades. Associado a isso, com uma maior compreensão acerca da dislexia, os educadores a detectariam nos alunos de forma mais precoce e os encaminhariam a uma equipe multidisciplinar para que diluíssem as sequelas do problema. Observemos o que ainda refere essa lei:

⁸ III - atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013).

Artigo 3º - Caberá às Secretarias da Saúde e da Educação a formulação de diretrizes para viabilizar a plena execução do Programa Estadual para Identificação e Tratamento da Dislexia na Rede Oficial de Educação.

Artigo 4º - O Programa Estadual para Identificação e Tratamento da Dislexia na Rede Oficial de Educação terá caráter preventivo e também proverá o tratamento do educando.

Artigo 5º - As despesas decorrentes da execução desta lei correrão à conta das dotações orçamentárias próprias.

Artigo 6º - O Poder Executivo regulamentará esta lei no prazo de 30 (trinta) dias, a contar da data de sua publicação.

Artigo 7º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação. (Disponível em: (2007, [sp]).

A regulamentação dessa lei pode ser o início de um progresso em relação à inclusão dos disléxicos, pois aponta as necessidades do ser humano, seus direitos e favorece as oportunidades, visando um pleno desenvolvimento não só desses.

Um item interessante a destacar aqui diz respeito aos pareceres normativos referentes à dislexia que encontrei pesquisando no site da Associação Brasileira de Dislexia. A Câmara Municipal de São Paulo tem vários programas/projetos permanentes de detecção e combate à dislexia na cidade, realizados anualmente, durante uma semana. Trata-se de um evento previsto até em calendário oficial na cidade de São Paulo. A prefeitura desenvolve acompanhamento dos alunos disléxicos e até os cadastra em um banco específico. Aos professores são oferecidas capacitações periódicas. Um exemplo a ser seguido quem sabe.

Este capítulo dissertativo teve o propósito de entender a teoria das inteligências múltiplas trabalhadas por Gardner. Devido a isso, investigaram-se, neste tópico, as razões que levaram Gardner a estudá-las; as diferentes inteligências para que se pudesse compreender como elas podem ser vistas e trabalhadas nos espaços escolares – junto a uma equipe multidisciplinar e a família – alunos disléxicos, a fim de que as dificuldades próprias à dislexia sejam contornadas a partir das diferentes inteligências.

Após produzir este capítulo sobre a dislexia, procurei, no capítulo três “Dislexia e educação: trabalhando as múltiplas inteligências da teoria de Gardner”, dar continuidade aos capítulos anteriores, tendo em vista que, no capítulo um, abordou-se a teoria das inteligências múltiplas e que capítulo dois – como já foi referido – aprofundou-se os aspectos relacionados à dislexia. Sendo assim, o capítulo a seguir tem a função de compreender como as múltiplas inteligências podem ser trabalhadas nos espaços educacionais com os alunos disléxicos.

3 DISLEXIA E EDUCAÇÃO: TRABALHANDO AS MÚLTIPLAS INTELIGÊNCIAS DA TEORIA DE GARDNER

*Aprender é a única coisa de que a mente nunca cansa,
nunca tem medo e nunca se arrepende.*
Leonardo da Vinci

Que seria do olhar de si sem o olhar do outro em relação ao que eu sou e ao que eu posso vir a ser? Se esse olhar – do outro sobre mim – observa somente o que eu não consigo fazer, sem perceber que eu possa ter outras potencialidades e outras formas de aprender que espécie de reflexo eu teria de mim mesmo? Por outro lado, se o olhar do outro sobre o meu eu for de acreditar em minhas potencialidades, dando-me condições de crescer e de me descobrir, podendo atingir o auge de minhas habilidades e, ao mesmo tempo, trabalhar minhas dificuldades a partir de meus pontos de destaque, certamente, eu seria capaz de me entender, me respeitar e descobrir diferentes potencialidades dentro de mim.

Faz-se necessário entender também que os julgamentos de inteligentes e desprovidos de inteligência vêm, geralmente, pelo que determinadas culturas entendem como sendo o necessário para elas, ou seja, pela concepção de que ler, escrever e calcular, por exemplo, é mais importante que a pintura ou a dança entre outras. Os disléxicos podem ser vistos como sendo desprovidos de inteligência, pois eles – como foi especificado no capítulo dois – têm dificuldades na leitura e na escrita. Com relação a isso, há que se destacar que a inteligência está muito ligada ao que as culturas compreendem como sendo inteligente ou não. Ao mesmo tempo, é importante entender que as inteligências múltiplas são vistas pela capacidade em resolver problemas, originadas biologicamente. Por outro lado, é inegável o fator cultural como mediador das potencialidades. Gardner refere que:

A teoria das IM é elaborada à luz das origens biológicas de cada capacidade de resolver problemas. Somente tão tratadas àquelas capacidades que são universais na espécie humana. Mesmo assim, a tendência biológica a participar numa determinada forma de ação de problemas também deve ser vinculada ao estímulo cultural nesse domínio. Por exemplo, a linguagem, uma capacidade universal, pode manifestar-se particularmente como escrita em uma cultura, como oratória em outra, e como a linguagem secreta dos anagramas numa terceira (1995, p. 21).

Com vistas ao que Gardner afirmou, podemos ver o quanto a cultura pode auxiliar nas descobertas e no aprimoramento das potencialidades. Ao mesmo tempo, esse estudioso, com a exemplificação sobre a inteligência linguística e o vínculo ao estímulo cultural, afirma que “como escrita em uma cultura, como oratória em outra, e como a linguagem secreta dos anagramas numa terceira”. Sendo assim, as culturas estimulam as capacidades, conforme entendem como necessária.

Foi buscando entender como os disléxicos podem ser respeitados, entendidos e, acima de tudo, encontrar diferentes formas de auxiliá-los que se fez necessário este estudo. Antes de dar continuidade a este capítulo, faz-se premente dizer que ele se consolidou devido aos estudos feitos nos capítulos anteriores, seus conteúdos aprofundados acerca da dislexia, a psicologia cognitiva e aos processos educativos foram extremamente importantes para solidificar meu estudo dissertativo.

Desse modo, foi a partir deles que se consolidou este capítulo que estudou como a teoria de Gardner “Inteligências múltiplas” pode ser aplicada nos diferentes espaços educacionais na perspectiva de que essas instituições – junto à família e à equipe multidisciplinar – possam observar as potencialidades dos alunos disléxicos e auxiliá-los a aprimorá-las. Este capítulo dividiu-se em dois subitens, tendo a finalidade de organizar especificadamente a nova perspectiva de se trabalhar e entender os educandos disléxicos.

Sendo assim, pela análise das obras selecionadas para este estudo, considerando o conteúdo trazido pelo autores em contribuição aos estudos da dislexia, a cognição e aos processos educativos escolares e à formação dos profissionais que atuam junto a essa população apresentam-se os seguintes subitens: 3.1 “Disléxicos: buscando entendê-los de uma forma diferente”, no qual procura-se mostrar a necessidade de se ter um novo olhar em relação à dislexia. O subitem 3.2 “Trabalhando as inteligências múltiplas a favor do aprendizado de alunos disléxicos: traçando estratégias interventivas na escola” especifica as possibilidades de se trabalhar a teoria de Gardner das inteligências múltiplas em escolas, visando a uma nova perspectiva de ver e de entender a dislexia, acima de tudo, aos sujeitos disléxicos, tendo como pensamento que todos têm inteligência, basta encontrá-la, aprimorá-la. No subitem 3.3, “Cognição e aprendizagem: a teoria das inteligências múltiplas contribuindo na aprendizagem e ensino de leitura e escrita” busca-se relatar as contribuições que uma nova visão de inteligência e ensino de habilidades pode trazer a aprendizagem da leitura e escrita e por fim, no subitem 3.4 “Na busca de um novo eu: contando com a ajuda e atenção de uma rede multiprofissional” teve-se em mente resgatar que o disléxico é um sujeito de saberes e

potencialidades, mas que precisa de atenção de diferentes profissionais para que possa de fato, alcançar e construir uma aprendizagem, respeitando suas limitações.

Para isso, primeiramente é necessário ter o olhar em relação ao aluno disléxico como um sujeito de diferentes saberes e de desejos latentes de ser entendido em seu todo, sobretudo, como seres de direitos de terem sua vida devolvida, deixando de ser vistos como “incapacitados” para serem vistos “como seres de potencialidades”, sendo capazes de ser e de agir no mundo como pessoas atuantes em sociedade. Luria traz um importante elemento a ser analisado:

Acredito que a humanidade se justifica, pensando que mais uma vez a evolução cega operou como uma sutil sabedoria. Enquanto modela a consciência e expõe o homem ao último dos terrores, pode também, pela seleção natural, ter produzido na mente humana alguns traços compensadores. A evolução humana pode ter imprimido no cérebro do homem um programa intrínseco que lhe revela as mais recônditas fontes de otimismo – a arte, a alegria e a esperança, a confiança nos poderes da mente, a preocupação com seus semelhantes, e o orgulho na continuidade da aventura ímpar da humanidade (1992, p. 145).

Embaso-me, nesse contexto, nesse pensamento de Luria para uma reflexão: os terrores do medo de não poder atingir o aprendizado esperado pela sociedade é inculcado em muitas pessoas, mas a mesma evolução que te obriga a atingir tais metas, o cérebro – pela seleção natural – traz (como argumenta Luria) alguns traços compensadores. Essas compensações, por sua vez, podem dar-lhes poderes e orgulho em dar continuidade da ação em viver em sociedade, sendo parte integrante de sua história e da história de sua cultura.

3.1 Disléxicos: buscando entendê-los de uma forma diferente

A dislexia trouxe para muitos alunos disléxicos o terrível receio da impossibilidade de ajustar-se a “normalidade” de seus colegas. No entanto, quem disse que todos devem ser iguais? Ao mesmo tempo, cabe pensar que, se a própria hereditariedade traz elementos que impossibilitem alguns sujeitos de serem “iguais” em relação à apropriação da aprendizagem da área da leitura, faz-se necessário, então, entender que há diferentes formas de aprender, sobretudo, nem todos aprendem de forma igual e, por isso, deve haver diferentes

metodologias que abranjam todos os alunos da sala de aula, ou seja, educandos, disléxicos ou não, podem aprender: o que é preciso para isso é de novas formas de trabalhar a leitura e a escrita. Nisso refere Luria:

Como qualquer outra função psicológica cultural, o desenvolvimento da escrita depende, em considerável extensão, das técnicas de escrita usadas e equivale essencialmente à substituição de uma técnica por outra. O desenvolvimento, neste caso, pode ser descrito como uma melhoria gradual do processo de escrita, dentro dos meios de cada técnica, e o ponto de aprimoramento abrupto marcando a transição de uma técnica para a outra. Mas a unicidade profundamente dialética deste processo significa que a transição para uma nova técnica inicialmente atrasa, de forma considerável, o processo de escrita, após o que ele se desenvolve mais até um nível novo e mais elevado (1998, p. 180).

Além disso, é importante ressaltar que há outras compensações que o cérebro cria para sanar e/ou diluir certas dificuldades e, com essas compensações – podendo ser denominadas de potencialidades –, podem vir a transformar o sujeito hábil a adquirir aprendizagens em diferentes áreas, podendo até mesmo a aprender as áreas que possui dificuldades – como os disléxicos possuidores de dificuldades na área da linguagem, podendo vir a aprender a ler e a escrever – exemplo maior disso é Agatha Christie, que se tornou uma escritora mundialmente conhecida aprendeu a ler aos cinco anos com o auxílio da mãe e de professores particulares. Lima (2009) concorda com isso ao mencionar que “(...) O indivíduo disléxico possui um funcionamento peculiar do cérebro para o processamento da linguagem” (p. 11).

Com vistas a esse exposto, podemos entender que há, sim, condições dos disléxicos aprenderem e deixarem de ser tidos como “incapazes” e de “preguiçosos”, necessitando, para isso, que os professores, a família, demais profissionais capacitados na área de educação e afins que entendam a dislexia com um olhar de possibilidades. Dessa forma, se não tivessem possibilidades de aquisição de aprendizagens, qual seria o motivo de haver tantos disléxicos bem sucedidos ao longo da história? Gardner traz importante ponto de vista sobre esse assunto:

Um esquema do desenvolvimento com o objetivo de descrever o talento e seus corolários conduz naturalmente à pergunta: O que pode ser feito para estimular ou educar o talento? Algumas vezes as pessoas zombaram, com mais tristeza do que divertimento, afirmando ser mais fácil prejudicar as crianças talentosas e criativas do que encorajar seu desenvolvimento. E, na verdade, exatamente porque sabemos tão pouco sobre este precioso fenômeno, é extremamente importante que os pais e professores “não façam nenhum mal”. Não obstante, eu acredito que a seguinte discussão trará pelo menos algumas modestas implicações. Em primeiro lugar, a própria delimitação das variadas formas que constituem o talento, a perícia, a criatividade e assim por diante pode ajudar os educadores, na medida em que provoca a pergunta: Que tipos de desempenhos ou realizações extraordinárias são desejados? Procurar desenvolver um indivíduo criativo é um desafio muito diferente do de estimular um indivíduo que será prodigioso ou treinar aquele que se tornará um perito. [...] Separar esses “estados finais” e decidir os que são desejáveis e os que são indesejáveis parece um passo indicado para qualquer educador (1995, p. 57-58).

Esse ponto de vista me faz pensar: que espécie de pessoas queremos que nossos alunos sejam? Pessoas preparadas para que sejam criativas em suas habilidades, tornando-se felizes e aptas para serem agentes do mundo ou pessoas indecisas que não sabem sobre suas potencialidades, com medo da reprovação escolar e do mundo? Além dessas reflexões, ainda me pergunto: o mundo está cheio de sujeitos peritos em determinada função para serem manobras de interesses que vão muito além de seus desejos – interesses de empresas, entre outras, que visam usar seus conhecimentos em seu próprio benefício. Sendo assim, o que nós educadores desejamos aos nossos alunos? Principalmente no que se referem aos disléxicos, que, geralmente, são incompreendidos devido ao desconhecimento da dislexia?

Os disléxicos possuem diferentes potencialidades – já conferidas no *corpus* deste estudo – agora cabe às instituições familiares e educacionais ter um novo olhar em relação à dislexia e aos disléxicos. Visando um pensamento inovador em relação a um novo ponto de vista sobre educar os disléxicos partindo da Teoria das Inteligências Múltiplas, faz-se premente saber que subsídios teóricos o educador terá que ter em mãos e em mente para realizar sua práxis educativa. Nisso, trago o próprio pensar de Gardner sobre qual são os estudos necessários para educar estruturas da mente:

Ao executar projetos formais de pesquisa e desenvolvimento nas escolas e ao estabelecer associações com inúmeros cidadãos interessados na teoria da IM⁹, defrontei-me com inúmeros cidadãos interessados na teoria das IM. Geralmente, eu mesmo respondo a essas perguntas; algumas vezes, eu as passo a meus colegas; outras vezes, recomendo a leitura de trabalhos meus e de outros imersos na teoria; em várias ocasiões, eu simplesmente não sei o que fazer. Mas uma coisa tem ficado cada vez mais clara para mim com o passar dos anos: seria muito proveitoso nós termos, em um único volume, a essência do trabalho sobre a educação das estruturas da mente, por assim dizer, “de fonte segura”. Este livro de “leituras IM”, juntamente com uma edição de aniversário de dez anos de Estruturas da Mente, representa a essência necessária àqueles interessados em “Educar Estruturas da Mente” (1995, p. 5-6).

Partindo desses estudos, especificados pelo autor, o educador terá o aporte necessário para investigar e trabalhar as diferentes inteligências e, com um trabalho voltado às inteligências múltiplas, muitos educandos tidos como “fracos”, “incapazes de aprender” “difíceis de lidar” podem tornar-se pessoas descobridoras de suas potencialidades, a exemplo do ocorrido com muitos disléxicos conhecidos mundialmente que tiveram suas inteligências reconhecidas ao longo do tempo. Essas inteligências trouxeram grandes benefícios à humanidade seja na área das descobertas – da ciência – seja na área das diferentes artes. Para isso, precisamos ter em mente de forma que a inteligência é constituída, sobre o que Gardner alude:

A teoria das inteligências múltiplas [...] pluraliza o conceito tradicional. Uma inteligência implica na capacidade de resolver problemas ou elaborar produtos que são importantes num determinado ambiente ou comunidade cultural. A capacidade de resolver problemas permite à pessoa abordar uma situação em que um objetivo deve ser atingido e localizar a rota adequada para esse objetivo. A criação de um produto *cultural* é crucial nessa função, na medida em que captura e transmite o conhecimento ou expressa as opiniões ou os sentimentos da pessoa. Os problemas a serem resolvidos variam desde teorias científicas até composições musicais para campanhas políticas de sucesso (1995, p. 21).

Seguindo o pensamento do autor, podemos inferir que os sujeitos possuem diferentes capacidades que podem auxiliar a sua cultura, ao mesmo tempo, podemos entender que suas capacidades podem ser consagradas se determinada cultura entende-a como sendo importante para os sujeitos que dela convivem. Nesse sentido, os disléxicos trouxeram as suas culturas em diferentes épocas criações extremamente extraordinários que alavancaram o crescimento científico e cultural de suas sociedades.

⁹ Inteligências Múltiplas.

Nessa busca do novo olhar da educação a respeito da dislexia e dos disléticos, faz-se imprescindível entender a forma de enxergar as inteligências múltiplas para, assim, podermos trabalhá-las, desenvolvendo um eficiente trabalho com os disléticos na escola. Para isso, podemos parafrasear Gardner quando refere que é possível observar as inteligências por meio de ângulos diferentes durante o desenvolvimento. Por exemplo, na infância, a linguagem é encontrada através de frases e histórias, a música através de canções, o entendimento espacial através de desenhos, assim como na dança, encontramos a corporal cinestésica. Ou seja, em cada momento a criança expressa a inteligência de diferentes formas.

Sendo assim, percebe-se que as inteligências múltiplas são iniciadas na infância e que os educadores podem trabalhá-las, pois a escola é um espaço que trabalha diferentes sistemas simbólicos que a partir delas podemos perceber, descobrir, desenvolver e aproveitar a existência das inteligências múltiplas. O autor segue essa linha de raciocínio, mencionando:

Na medida em que o desenvolvimento progride, cada inteligência, juntamente com seu concomitante sistema simbólico, é representada num *sistema notacional*. A matemática, o planejamento de mapas e plantas, a leitura, a notação musical e assim por diante são sistemas símbolos. Em nossa cultura, esses sistemas notacionais são tipicamente dominados num ambiente formal de educação. [...] durante a adolescência e a idade adulta, as inteligências são expressadas através da variedade de *atividades profissionais e de passatempo*. Por exemplo, a inteligência logico-matemática, que começou como uma pura capacidade de padronizar no período de bebê e desenvolveu-se por meio do domínio simbólico na infância inicial e das notações nos anos escolares, atinge uma expressão madura nos papéis de matemático, contador, cientista, caixa (1995, p. 31).

Além do que Gardner expôs até aqui, há outro dado que ele traz em pauta que deve ser analisado, pois aborda que todos os sujeitos possuem todas as inteligências, todavia, há diferentes graus de uma pessoa a outra de determinadas inteligências, sendo considerados sujeitos promissores.

Embora todos os seres humanos possuam todas as inteligências em algum grau, certos indivíduos são considerados “promissores”. Eles são extremamente bem-dotados com as capacidades e habilidades essenciais daquela inteligência. Este fato se torna importante para a cultura como um todo, uma vez que, em geral, esses indivíduos excepcionalmente talentosos realizarão notáveis avanços nas manifestações culturais daquela inteligência. [...] Na medida em que os indivíduos “promissores” em determinados domínios forem eficientemente localizados, o conhecimento global do grupo avançará em todos os domínios (1995, p. 31-32).

Não podemos esquecer que muitos disléxicos se enquadram no grupo dos considerados “promissores” e trouxeram inegáveis benefícios para a sua cultura. Ao mesmo tempo, apesar de muitas pessoas não terem grau de inteligência elevado, são capazes de responder às exigências do mundo, principalmente, sendo parte dele como agente transformador em sociedade.

No que foi visto até aqui, podemos inferir que as instituições educativas – com todo o grupo de profissionais que fazem parte dela, principalmente, os educadores – e as instituições familiares necessitam ver com outros olhos as pessoas disléxicas, tratando-as como pessoas capazes de aprender, possuidoras de inteligências múltiplas que se encontram nas escolas para ampliarem seus conhecimentos, dessa forma, é preciso que sejam vistas como sujeitos de potencialidades e partindo dessas potencialidades podem vir a conquistar as demais inteligências. Dessa forma, quando se passa a voltar especial olhar à dislexia e aos disléxicos, haverá um novo olhar em relação à sua aprendizagem, porque, como diz Armstrong (2008), é duvidoso acreditar que exista um conjunto padrão de atributos para que alguém seja classificado como inteligente. Esse autor refere ainda que:

[...] um aluno rotulado como disléxico pode começar a compreender que sua dificuldade talvez afete diretamente apenas uma pequena parte de uma área de inteligência (as dimensões de leitura da inteligência lingüística), deixando intactas vastas regiões de seu potencial de aprendizagem (2008,p.137).

3.2 Trabalhando com as inteligências múltiplas a favor do aprendizado de alunos disléxicos: traçando estratégias interventivas na escola

Podemos observar que, nos dias atuais, mais do que nunca, está cada vez mais difícil educar. Mais do que nunca, também, encontramos nas escolas crianças e jovens com diferentes formas de aprendizagem, apresentando questionamentos e atitudes muitas vezes difíceis de lidar ou responder.

Em se tratando de alunos disléxicos, assunto claramente abordado nesta pesquisa, é importante que a escola trace algumas estratégias de intervenção. Podemos destacar neste instante, o papel fundamental do orientador educacional que pode auxiliar diretamente o

professor a trabalhar em sala de aula com disléxicos e também, com suas famílias traçando estratégias interventivas.

O papel da orientação educacional nestes casos é de propor e desenvolver um processo educacional organizado, dinâmico e contínuo. Os professores e equipe devem atuar com os alunos disléxicos, com o objetivo de orientá-los em sua formação integral, levando-o a conhecer a si, suas capacidades, dificuldades oferecendo-lhes elementos para um desenvolvimento mais harmonioso de acordo com as dificuldades que enfrenta. É importante destacar, aí, o conhecimento da teoria das Inteligências múltiplas, porque mesmo com “defasagem” na área da linguagem, o aluno pode desenvolver outras áreas do conhecimento e até, destacar-se muito em alguma outra.

Salienta-se, também, que a escola deve ter o objetivo de educar para a vida, fazendo com que esses educandos cresçam em todos os sentidos. Nessa visão, a escola passa a ser um espaço de construção e produção de conhecimento por meio de experiências, técnicas adequadas, interação, e, sobretudo, de amor e solidariedade e não somente um espaço obsoleto, formal e institucional de aprendizagem.

Atingir essas metas com educando disléxicos é ter claro que a defasagem na área da linguagem pode ultrapassar barreiras. A construção do conhecimento nesses casos deve significar despertar no aluno a vontade de recriar, repensar, reconstruir, transformar, reaprender, participar, envolver-se, expressar-se e acima de tudo, entender a sua realidade, seu mundo e seus “problemas”. É ajudá-lo a reconhecer e entender que tem limites, mas que pode aprender a conviver com os mesmos de uma forma tranquila.

Dentre as estratégias que a escola pode estar desenvolvendo para a otimização da aprendizagem desses alunos, além do trabalho em equipe e multidisciplinar, é importante a escola estar trabalhando conjuntamente com a família. O papel do orientador educacional entra nesse caso, de forma indispensável. É importante orientar a família sobre as maneiras mais eficazes de colaborar com a escola e professores na educação de seus filhos. Dessa forma, a conscientização de como cada um da família pode fazer, torna mais adequada as intervenções e deixa claro que a escola sozinha, está longe de realizar toda a tarefa de formação. Manter uma relação de companheirismo entre escola x professor x alunos, além de trazer a família para mais próximo da escola, é colaborar para um clima de cooperação e trabalho construtivo e positivo na formação de educandos.

Criar estratégias para proporcionar uma educação de qualidade, mesmo tendo ciência das limitações, é uma tarefa complexa, mas faz-se necessária e repercute diretamente no sucesso ou fracasso escolar.

Desse modo, este subitem nasceu pela grande necessidade em descobrir um modo de auxiliar os alunos disléxicos a encontrarem a melhor forma de adquirirem o aprendizado, em razão do que se pensou na inserção da teoria de Gardner das inteligências múltiplas no fazer pedagógico, a fim de que os disléxicos (re)conheçam suas inteligências, possam aprimorá-las e a partir delas busquem aprender a ler e a escrever.

Nessa conjectura, começou-se a pensar em como poderia ocorrer a junção entre essa teoria com a prática escolar, observando as diferentes inteligências e o modo que elas poderiam trazer subsídios para que os disléxicos possam se descobrir como seres de potencialidades. Para isso, foi feita uma análise das inteligências múltiplas, tendo em mente como elas possam ser utilizadas em sala. Gardner faz uma abordagem extremamente significativa sobre a avaliação e a estimulação precoce e destaca:

Uma vez que as inteligências se manifestam de maneiras diferentes em níveis desenvolvimentais diferentes, tanto a avaliação quanto a estimulação precisam ocorrer de maneira adequada. O que estimula no período do bebê seria inadequado em estágios posteriores, e vice-versa. Nos anos pré-escolares e nos anos iniciais elementares, a instrução deve enfatizar a oportunidade. É durante esses anos que as crianças podem descobrir alguma coisa sobre seus interesses e capacidades peculiares (1995, p. 32).

Com base a esse exposto, destaca-se a relevância da educação infantil na estimulação precoce das crianças e no decorrer dos estudos as estimulações devem ser ampliadas ainda mais no que se refere às crianças disléxicas, pois as crianças disléxicas começam a mostrar suas dificuldades na área da linguagem principalmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental – podendo ser diagnosticado com mais exatidão a partir do segundo ano. As dificuldades da área de linguagem já serão vistas a partir do primeiro ano do ensino fundamental, mas elas podem ser diagnosticadas erroneamente por outros problemas relacionados a dificuldades de leitura – como fora falado anteriormente neste estudo. Segundo orientações da ABD, o diagnóstico só pode ser feito após a alfabetização, entre a primeira e segunda série, sendo que algumas escolas alfabetizam precocemente, e a criança apresenta dificuldades em acompanhar por não ter maturidade neurológica suficiente. Topczewski também concorda quando afirma que:

Ao se considerar a dislexia como uma dificuldade para o aprendizado da leitura e da escrita, pode-se perceber que a primeira condição para o diagnóstico do quadro é que a criança já tenha sido alfabetizada. O que mais se aceita é que o indivíduo já tenha tido uma vivência com a leitura e escrita de, pelo menos, dois anos para que seja possível a caracterização das dificuldades disléxicas (2010, p. 29).

Partindo do que afirmam Topczewski e a ABD, a dislexia só pode ser realmente perceptível com algum tempo de ensino escolarizado, a fim de não recorrer a diagnósticos imprecisos.

Cabe destacar, ainda, que há muitos disléxicos em diferentes instituições escolares que não foram diagnosticados como tais, desse modo, perpassam por sérias dificuldades de aprendizagem, precisando de um olhar cuidadoso dos educadores para que haja um diagnóstico preciso da dislexia e assim que houver a suspeita: esse aluno deve ser encaminhado a uma equipe multidisciplinar para que verifique se é disléxico ou não e se caso for deve ser trabalhado por essa equipe junto aos educadores e aos familiares. Farrel conta que:

O professor do ensino fundamental e, talvez, professores de português do ensino médio têm maiores condições de perceber dificuldades de letramento que poderiam seguir a necessidade de uma investigação para estabelecer se o aluno tem dislexia. As observações podem incluir informações sobre dificuldades de leitura, escrita e ortografia (2008, p. 38).

O docente, quando preocupado com o desempenho e com o progresso de um aluno, deve consultar os pais e a própria escola, a fim de obter maiores informações sobre a sua vida escolar.

Antes de tudo, destaco que o professor deve estar aberto para trabalhar com as diferenças e estar disposto a ensinar todos os seus alunos. De acordo com meus estudos anteriores e com leituras das obras de autores mencionados neste capítulo, concluo que algumas estratégias interventivas podem facilitar o trabalho em sala de aula:

- Valorizar os acertos, dar pareceres e devolutivas que incentivem o aluno a continuar superando expectativas e progredindo dentro de suas limitações;
- Ajudar o aluno na organização do caderno. Alertar quanto à troca de linha, de folha etc.

- Usar, na hora das explicações, uma linguagem direta, clara e objetiva e certificar-se sempre se o aluno entendeu. Observar o olhar do aluno, chamá-lo para conversas individuais e perguntar se realmente compreendeu ou se precisa de auxílio para que possa acompanhar os conteúdos;
- Organizar as turmas, de modo que as que contenham alunos disléxicos sejam reduzidas, assim, o professor terá oportunidade de auxiliar e observar de maneira adequada todos os alunos. Colocar alunos que tenham maiores dificuldade para sentar com alunos que tenham maiores facilidades ajuda muito. A troca de experiência enriquece o conhecimento.
- Não forçar e não expor a criança à leitura em voz alta para a turma;
- Ajudar a criança na interpretação de enunciados de questões e atividades;
- Dar a ela um maior tempo para fazer as atividades que exijam concentração maior;
- Dentro do possível, fazer avaliações orais, que é um procedimento que ameniza parte das dificuldades;
- Na avaliação, abranger outras atividades, não só a nota da prova. Valorizar a participação nas aulas, a responsabilidade com tarefas, o empenho;
- Valorizar os acertos e os avanços. Elogiar muito todo e qualquer avanço;
- Permitir nas séries iniciais o uso de tabelas com as tabuadas, material dourado, ábaco, e nas séries finais, o uso de fórmulas, calculadora, gravador e outros recursos pertinentes, já que o aluno disléxico tem grande dificuldade na memorização;
- Tratar o aluno disléxico com naturalidade, sem ter sentimento de “pena” e de inferioridade;
- Trazer o aluno disléxico sempre para perto do quadro e da mesa do professor. Mantê-lo perto contribui para que o mesmo possa ter um atendimento mais “direto” do professor e evita, que por vergonha de falar em voz alta, ele deixe de solicitar a ajuda do mesmo;

- Observar a interação dos alunos. Propiciar atividades que envolvam a turma inteira: dinâmicas, brincadeiras, etc;
- Apresentar novos conhecimentos em parte, do mais fácil ao mais complexo. Usar recursos áudio visuais para apresentar conteúdos novos;
- Ler em voz alta as provas, e utilizar somente uma única fonte simples em toda a prova evitando misturar fontes e tamanhos. Isso pode ajudar na concentração e evitar que o pensamento se distraia;
- Não elaborar provas com questões que requeiram a memorização de datas, nomes, regras gramaticais, definições exatas e fórmulas. O professor deve elaborar provas, trabalhos avaliativos e questões onde o aluno possa demonstrar o que aprendeu, completando, destacando e identificando;
- Dar mais tempo para o disléxico realizar a prova, possibilitando a realização em outros ambientes da escola (secretaria, biblioteca, sala da direção) para que ele possa concentrar-se mais;
- Aplicar mais avaliações e com menos conteúdos;
- Adaptar critérios de avaliação de acordo com a realidade. Isto é, avaliar com um “olhar especial”.

É importante, também, que a criança saiba de seu problema e que o professor prepare a turma para que não haja rejeição ao colega, coibindo de certa forma, o *Bullying*. Um trabalho de conscientização é sempre válido quando se trata de inclusão e também se trata de uma estratégia de intervenção.

Se a preocupação e os sinais persistirem, o educador deve sugerir juntamente com o psicólogo da escola um acompanhamento clínico especializado. Dessa forma, tornará a sua ajuda muito valiosa, já que não é o professor que fará as terapias e tratamentos necessários, mas tem o dever de identificar e, posteriormente, dedicar-se de maneira especial ao aluno disléxico em sala de aula, resgatando, também, sua autoconfiança.

3.3 Cognição e aprendizagem: a teoria das inteligências múltiplas contribuindo na aprendizagem e ensino de leitura e escrita

Poderíamos iniciar nos fazendo o seguinte questionamento: Como estimular o desenvolvimento das inteligências?

É preciso ter claro que nossos alunos, mesmo estando na mesma faixa etária, muitas vezes têm necessidade diferentes, respondem a estímulos de forma diferente e principalmente, assimilam conteúdos de formas diferentes ativando diferentes estruturas cognitivas e emocionais. Logo, podemos observar que as metodologias educacionais nem sempre levam em conta este fato. As escolas oferecem modelos educacionais contrastantes sobre o desenvolvimento de inteligências, pois dependendo de como são apresentadas e da direção que tomam, encorajam ou não o estímulo de diversas habilidades. Temos inteligências pouco ou jamais desenvolvidas dentro de métodos tradicionais de educação

Para que um educador tenha um novo olhar e que possa realmente haver a inserção da teoria de Gardner nos espaços educacionais, é necessário que este esteja aberto a novas formas de se trabalhar e que tenha um olhar investigativo, buscando encontrar em seus educandos possíveis dificuldades e potencialidades, ou seja, é preciso ter em mente que desempenham um grande papel no desenvolvimento ou impedimento de talentos. Ao descobrir certas dificuldades – podendo ser própria à área de linguagem – ele deve buscar auxílio de pessoas especializadas nessa área, ao mesmo tempo esse educador necessita ter subsídios teóricos que lhe embasem a essa descoberta e que o auxiliem a traçar uma diferente forma de trabalhar com esse educando. Esse educador ao observar as potencialidades de seu aluno pode iniciar suas estratégias de ensino a partir dessas potencialidades. Gardner diz que:

Quando leio os achados atuais nas ciências do cérebro e biológicas eles testemunham com força particular sobre duas questões que nos interessam aqui. A primeira se refere à flexibilidade do desenvolvimento humano. Aqui, a principal tensão se centra na medida em que se podem alterar os potenciais intelectuais ou as capacidades de um indivíduo ou de um grupo mediante diversas intervenções. Partindo de um ponto de vista, o desenvolvimento pode ser visto como relativamente preso, pré-ordenado, alterável apenas em detalhes. Partindo de uma perspectiva contrária, há muito mais maleabilidade ou plasticidade no desenvolvimento, com intervenções adequadas em momentos cruciais produzindo um organismo com uma diferente gama e profundidade de capacidades (e limitações). Também pertinente à questão da flexibilidade, encontram-se as perguntas relacionadas aos tipos de intervenção mais eficazes, sua oportunidade, o papel de períodos críticos durante os quais alterações decisivas podem ser promovidas. Apenas se estas questões forem resolvidas será possível determinar que intervenções educacionais são mais eficazes para permitir que indivíduos atinjam seus potenciais intelectuais completos (1994, p. 24).

Ao que se pode pressupor, a partir do posicionamento de Gardner, os educadores precisam intervir na aquisição da aprendizagem do educando, almejando melhorias de seus potenciais – nas áreas que possuem dificuldades – e auxiliar a ampliar as áreas que possuem maiores graus de capacidades. Associado a isso, deve-se ter a sapiência de qual forma será feita a intervenção e os momentos mais adequados para isso. Parece a princípio, ser muito difícil reconhecer o momento propício e a forma mais adequada de intervenção, mas é circunstancial ter esse cuidado e com o iniciar deste trabalho acreditar-se-á que se tornará mais fácil à aceção dos educandos a diferente forma de aprendizagem, tendo em vista que será um trabalho prazeroso, sem falar dos grandes benefícios da aquisição de diferentes saberes e de troca de conhecimentos entre educador e aluno e vice-versa. Gardner mostra a preocupação de a educação ser centrada no indivíduo, dizendo:

Minha crença na importância – de fato, na necessidade – da educação centrada no indivíduo, deriva de duas preposições separadas mas relacionadas. Em primeiro lugar, hoje em dia já está estabelecido, de modo muito convincente, que os indivíduos possuem mentes muito diferentes umas das outras. A educação deveria ser modelada de forma a responder a essas diferenças. Em vez de ignorá-las, e julgar que todos os indivíduos têm (ou deveriam ter) o mesmo tipo de mente, nós deveríamos tentar garantir que cada pessoa recebesse uma educação que maximizasse seu potencial intelectual (1995, p. 65-66).

Seguindo o pensamento do autor, se os indivíduos são diferentes um dos outros, tendo mentes diferenciadas de pessoa para pessoa, a escola deveria ver essa diferenciação e tratá-la como tal. Isso é, se os sujeitos não são iguais não se deve esperar que aprendessem do mesmo modo e que respondessem as mesmas expectativas, tendo em vista que não são máquinas e sim sujeitos necessitando de diferentes formas de ensinar e de superar suas dificuldades, trabalhando suas potencialidades.

Com vistas a isso, o educador, ao trabalhar com alunos disléxicos, deve entender suas necessidades, suas fragilidades e procurar auxiliá-lo a descobrir suas potencialidades. Ao mesmo tempo, esse educador necessita de uma intervenção multidisciplinar – psicopedagogos, fonoaudiólogo, psicólogos e médicos. Em relação a esse dado, Topczewski diz:

O diagnóstico dos distúrbios do aprendizado escolar, especialmente da dislexia, a tarefa não é simples, pois há que recorrer a vários profissionais, uma vez que a escolha do processo terapêutico é de fundamental importância para o sucesso futuro. Os professores e os pais devem ficar atentos às dificuldades da criança, para que o diagnóstico não seja feito tardiamente; o diagnóstico tardio exerce influência negativa na autoimagem e autoestima da criança, comprometendo, de modo marcante, a sua saúde emocional (2010, p. 27).

Sendo assim, o educador, a família e a equipe multidisciplinar devem andar em conjunto, tendo a mesma linha de trabalho para que o sujeito disléxico obtenha o auxílio próprio às suas necessidades e de forma mais precoce possível.

Shaywitz (2006) aponta que as habilidades de leitura e escrita podem ser consideradas próprias do ser humano, mas isso não quer dizer que se desenvolvam necessariamente de forma natural, uma vez que estas se dão, quase sempre, ainda na infância e não chamam a atenção da maioria das pessoas. Porém, acredita-se que se uma criança tiver acesso a escolas que usam metodologias adequadas, se for motivada e estimulada por pessoas que convivam com ela e se for levada a valorizar a leitura, aprenderá a ler com mais facilidade. Mas a autora questiona essa suposição:

[...] como muitas outras hipóteses que parecem ter um sentido intuitivo, a hipótese de que a leitura se dá naturalmente e facilmente em todas as crianças não é verdadeira. Um número muito grande de meninos e meninas [...] incluindo alguns muito inteligentes – passam por sérias dificuldades quando aprender a ler, mas não por sua própria culpa. Esse problema frustrante e persistente em aprender a ler se chama dislexia (SHAYWITZ, 2006, p. 19)

Ao analisar o papel preponderante na ação interventiva do educador, visando a conquistas no aprendizado do aluno; e da pré-disposição do cérebro em desempenhar funções com diferentes graus de facilidade ou de dificuldade que se faz premente entender a plasticidade do cérebro e os momentos mais cruciais de intervenção, objetivando ações eficazes de trabalho, trago novamente Gardner, cuja lição auxilia na elucidação dessa necessidade:

Ao meu ver, a preponderância das evidências aponta para as seguintes conclusões: há uma considerável plasticidade e flexibilidade no crescimento humano, especialmente durante os meses iniciais da vida. Mesmo que, não obstante, a plasticidade seja modulada por fortes restrições genéticas que operam desde o início e que orientam o desenvolvimento ao longo de algumas vias ao invés de ao longo de outras. Quanto à questão da identidade, estão se acumulando evidências de que os seres humanos são predispostos a desempenhar algumas operações intelectuais específicas cuja natureza pode ser inferida a partir de observação e experimentação cuidadosa. Os esforços educacionais devem basear-se no conhecimento destas tendências intelectuais, assim como seus pontos de máxima flexibilidade (1994, p. 25).

Gardner, nessa citação, aborda a considerável plasticidade e flexibilidade cerebral, também aponta sobre as identidades dos sujeitos, mostrando que existem consideráveis melhorias no desenvolvimento humano. Ao mesmo tempo, destaca que essas identidades são as que assinalam os maiores destaques de determinadas inteligências em relação a outras. Gardner também refere que:

Possivelmente os fatores genéticos estabelecem algum tipo de limite para o grau em que uma inteligência pode ser realizada ou modificada no curso da vida humana. Como uma questão prática, entretanto, esse limite biológico é atingido raramente, se é que chega a ser atingido. Dada a uma suficiente exposição aos materiais de uma inteligência, quase qualquer pessoa que não tenha dano cerebral pode obter resultados bastante significativos naquele domínio intelectual. [...] Da mesma maneira, ninguém – seja qual for seu potencial biológico – terá possibilidade de desenvolver uma inteligência sem ter pelo menos algumas oportunidades de explorar os materiais que eliciam uma força intelectual específica [...]. Em resumo, a cultura circundante desempenha um papel predominante na determinação do grau em que o potencial intelectual de um indivíduo é realizado (1995, p. 47).

Partindo da fala desse estudioso, podemos entender que as inteligências, por mais que estejam ligadas a heranças genéticas, só podem ser aprofundadas e consolidadas a partir de experiências concretas, ou seja, a partir da experiencição de diferentes materiais. Sendo assim, o educador necessita trazer diferentes materiais que oportunizem aos disléxicos a descoberta e o aprofundamento de suas potencialidades. Somado a isso, o disléxico deve ter o apoio de uma equipe multidisciplinar que o auxilie a desmitificar que o disléxico não aprende. Ao mesmo tempo, precisa ter todo o apoio da família para que se sinta protegido e incentivado a seguir sua aprendizagem. Shaywitz vem auxiliar esse pensar, descrevendo:

Além de oferecer o amor e o calor inerentes ao fato de ser pai, os pais (e também os professores) cujos filhos tenham problemas de leitura devem ter como objetivo principal a preservação da autoestima da criança. Esse é o setor de maior vulnerabilidade para as crianças disléxicas. Os professores e os pais têm em geral grandes expectativas em relação a uma criança que abrigue uma deficiência latente, ficando desapontados, ou até zangados, quando ela não obtém um bom resultado na escola. Se a criança for acusada de não estar se esforçando, de não estar motivada ou de não ser tão inteligente quanto pensavam, logo poderá a passar a duvidar de si mesma. O esforço enorme e a extraordinária perseverança que deve depender somente para se manter no mesmo nível dos colegas parecerão não ter valido a pena. É por isso que é fundamental que os pais, professores e, principalmente, a criança entendam a natureza do problema de leitura, para que a própria criança desenvolva uma opinião positiva sobre si mesma (2006, p. 231).

Considerando esses apontamentos, podemos destacar que os disléxicos – como as demais pessoas – possuem essas mesmas plasticidades e flexibilidades cerebrais: que oportunizam melhorias de suas habilidades, podendo vir a auxiliar em suas dificuldades – não esquecendo a necessidade de intervenção do educador e do auxílio de uma equipe multidisciplinar –, do amor e do apoio familiar.

Resta claro. Dessa forma, que a eficiente intervenção do professor no desenvolvimento cognitivo do aluno disléxico é extremamente fundamental, pois a aquisição do aprendizado desse aluno deve ser voltada ao pensamento de que os sujeitos disléxicos são portadores de potencialidades e que com esses potenciais podem encontrar diferentes possibilidades de adquirir aprendizagem.

Cabe destacar ainda que a aprendizagem se faz também pelo corpo, pelas ações, pela arte. Esse destaque se faz premente, tendo em vista que há pensamentos enraizados de que a aprendizagem refere-se somente à apropriação das áreas da linguagem e das ciências exatas. Gardner vem reforçar essa linha de pensamento, dizendo sobre a importância de se trabalhar a arte a partir das criações das crianças:

As atividades perceptivas, históricas, críticas e outras atividades “periarística” devem estar estreitamente relacionadas às próprias produções da criança, e (sempre que possível) devem emergir dessas produções. Isto é, em vez de serem introduzidas num contexto estranho aos objetos artísticos feitos por outros, as crianças devem encontrar tais objetos em relação aos específicos produtos e problemas artísticos nos quais estão empenhados – e sempre que possível, numa íntima conexão com os objetos de arte da criança. (Alunos mais velhos e adultos também podem beneficiar-se dessas introduções contextualizadas às atividades “periarísticas”).

Os currículos de arte precisam ser apresentados por professores ou outros indivíduos com um profundo conhecimento de como “pensar” num meio artístico. Se a área é a música, o professor deve ser capaz de “pensar musicalmente” – e não apenas introduzir a música através da linguagem ou da lógica. Igualmente a educação nas artes visuais precisa ocorrer por intermédio – e através dos olhos – de um indivíduo que possa “pensar” em termos visuais ou espaciais [...]. Na medida em que os professores ainda não possuem estas capacidades cognitivas, eles devem realizar programas de treinamento que possam desenvolvê-las (1995, p. 123-124).

Essa visão de Gardner condiz com o que penso acerca da ação da arte como sendo um aprendizado cognitivo e, ao mesmo tempo, o autor refere, em relação ao trabalho com crianças, alunos mais velhos e adultos, que estes se realizam em criar a arte pelas próprias mãos, percebendo que seu fazer artístico é valorizado pela escola.

Nesse sentido, a escola deve ter um olhar cuidadoso da ação educativa realizando atividades que prezem todas as áreas cognitivas, também, que o educador necessita – enquanto realiza diferentes atividades – observar as aptidões de cada aluno, sobretudo, dos disléxicos, projetando estratégias de como poderá aprimorar essas aptidões e a partir delas trabalhar as dificuldades próprias dos disléxicos. Gardner traz um importante dado em relação a essa temática:

Eu estou impressionado com o método de treinamento desenvolvido pelo mestre japonês Shinichi para ensinar música às crianças pequenas [...]. O método funciona porque Suzuki identificou os fatores importantes no desenvolvimento da habilidade musical no início da vida – tais como o possível arranjo dos dedos no violino, os tipos de padrões que podem ser prontamente reconhecidos e cantados por crianças pequenas, a capacidade de imitar as mães, a tendência a identificar-se com crianças um pouco mais velhas, e assim por diante.

O que Suzuki fez pelo desempenho musical, pode, em minha opinião, ser feito por todas as outras inteligências, e, na verdade, cada inteligência talvez exija a sua própria teoria educacional. Nós não podemos simplesmente supor que as técnicas que funcionam em idades diferentes, em domínios específicos, serão aplicáveis “sem restrições” (1995, p. 48).

Como refere Gardner, é preciso que se tenha práticas inovadoras que abordem as diferentes inteligências e que haja uma responsável participação de toda a equipe

multidisciplinar, do educador e da família dando subsídios teóricos, materiais, estando junto com o sujeito disléxico, descobrindo com ele a melhor forma de trabalhar suas potencialidades e suas dificuldades em relação à escrita e a leitura.

Além disso, como a descoberta da habilidade musical, é possível descobrir outras habilidades ao disponibilizar diferentes materiais, tais como: tinta, papéis, lápis, canetas, entre outros recursos; pode ser que haja outros alunos disléxicos com o potencial de Van Gogh e de Leonardo da Vinci que não tiveram ainda a oportunidade de descobrirem seus dons artísticos.

É preciso deixar claro, dessa forma, em primeiro momento, a necessidade de se levar em conta que as inteligências múltiplas devem ser trabalhadas pelo prazer do educando disléxico em descobrir-se como um sujeito com habilidades importantes que o levam a reconhecer-se como uma pessoa inteligente, capaz de aprender e somente depois dessa descoberta que essas aptidões podem dar início a novas aprendizagens, principalmente, as ligadas à área da linguagem. O professor pode realizar diferentes formas de trabalho para descobrir as inteligências múltiplas de seus alunos e, partindo delas, trabalhar suas dificuldades como as de leitura e de escrita para os alunos disléxicos. Gardner refere que é importante observar como a criança interage na realização das atividades, dizendo:

De modo a capturar inteiramente a maneira pela qual uma criança lida com uma tarefa, julgamos importante examinar os estilos cognitivos ou de trabalho, assim como as puras capacidades intelectuais. Os estilos de trabalho descrevem a maneira pela qual uma criança interage com os materiais de uma área de conteúdo, tal como a capacidade de planejar uma atividade e de refletir sobre uma tarefa, e o nível de persistência. Enquanto alguns indivíduos apresentam estilos de trabalho que determinam sua abordagem em qualquer tarefa, independente da área de conteúdo, outros possuem estilos que são muito mais específicos para um domínio. Essa informação pode ser particularmente importante no desenvolvimento de uma intervenção educacional efetiva para uma criança (1995, p. 80).

Com vistas a isso, o educador pode descobrir as potencialidades dos alunos, podendo fazer uso delas para que os educandos disléxicos ampliem suas potencialidades e, ao mesmo tempo, podem vir a trabalhar suas dificuldades, utilizando estratégias de ação tais como:

- **Inteligência musical** – pode-se trabalhar a partir da letra de músicas essa inteligência e, ao mesmo tempo, trabalhar as dificuldades na área da linguagem.

Leciona Gardner, sobre o tema, que:

Música – Atividade de Produção Musical: planejada para avaliar a capacidade da criança de manter o tom e o ritmo exatos ao cantar, e de lembrar as propriedades de uma canção.

Atividade de Percepção musical: avalia a capacidade da criança de discriminar o tom. A atividade consiste em reconhecer uma canção, reconhecer um erro e discriminar o tom (1995, p. 81).

Essas atividades podem vir a auxiliar ao reconhecimento da inteligência musical, como referiu o autor.

- **Inteligência lógico-matemática** – podem-se trabalhar situações matemáticas para inserir a escrita. Nessa inteligência, Gardner sugere realizar as seguintes atividades:

Números – Jogo do Dinossauro: planejado como medida do atendimento da criança acerca dos conceitos de números, das habilidades de contar, da capacidade de seguir regras e do uso de estratégias

Jogo do Ônibus: avalia a capacidade da criança de criar um sistema notativo útil. Realizar cálculos mentais e organizar informações numéricas para uma ou mais variáveis (1995, p. 81).

Da mesma forma que as atividades musicais abordadas por Gardner, essas atividades matemáticas podem vir a auxiliar ao reconhecimento da inteligência musical.

Inteligência espacial– a partir dessa inteligência – que tem a habilidade da arte (desenho, pintura, entre outras) – pode-se inserir o aprendizado da leitura, com base na história da arte, de obras e bibliografia de artistas; partindo da atividade artística, também, pode-se trabalhar o aprendizado da leitura.

- **Inteligência corporal-cinestésica** – a partir dessa inteligência, pode-se introduzir a aprendizagem da área da leitura, pois essa potencialidade tem a habilidade do uso expressivo do corpo, podendo auxiliar os disléxicos possuidores dessa inteligência ao início da aprendizagem da leitura: ao ser estimulado a ler letras musicais, scripts de histórias novelísticas, entre outras leituras afins. Em relação à essa inteligência, Gardner refere:

Movimento – Movimento Criativo: o currículo atual do movimento centra-se nas capacidades das crianças em cinco áreas de dança e movimento criativo: sensibilidade ao ritmo, expressividade, controle corporal, criação de ideias de movimento e responsividade à música.

Movimento Atlético: um curso de obstáculos focaliza os tipos de habilidades encontrados em vários esportes diferentes, tais como coordenação, timing, equilíbrio e força (1995, p. 81).

Essas atividades corporais podem vir a auxiliar ao reconhecimento da inteligência corporal-cinestésica.

- **Inteligência linguística** – é a inteligência cuja assimiliação costuma ser um sofrimento para os disléxicos. Por outro lado, com muitos esforços, esses indivíduos podem vir a adquirir essa habilidade – para alguns disléxicos, pode acontecer de não conseguir ler, mas a habilidade de compreensão estrutural dessa inteligência pode ser adquirida, ou seja, eles podem utilizar a linguagem para convencer, agradar e transmitir ideias. Ao mesmo tempo, podem ter a habilidade de criar histórias (ser escritores), utilizando o auxílio de escribas para transferir sua fala para a escrita. Não se pode esquecer que essa habilidade pode ser adquirida a partir de outras inteligências. Gardner afirma, em relação a essa inteligência, que:

Linguagem – Atividade com Jogo de História: mede o alcance das habilidades de linguagem, incluindo a complexidade do vocabulário e da estrutura de frase, uso de conectivos, uso de linguagem descritiva e diálogos, e a capacidade de seguir a linha de uma história.

Atividade de Relato: avalia a capacidade da criança de descrever um evento, tendo em vista os seguintes critérios: capacidade de relatar o conteúdo com exatidão, nível de detalhes, estrutura de frases e vocabulário.

Inteligências pessoais: interpessoal e intrapessoal

- **Inteligência interpessoal**– essa inteligência tem a habilidade de entender as necessidades de outras pessoas, a partir dessa potencialidade pode-se utilizar o uso da retórica – que é um dos elementos da inteligência linguística – para solucionar problemas cotidianos. Além disso, fazendo uso da retórica, pode-se estudar como os políticos fazem uso desse meio linguístico para serem eleitos: ao fazer esse estudo, o disléxico poderá encontrar estratégias de aprender a ler, a fim de conhecer a vida de políticos que lhe aprazer. Gardner sugere algumas atividades acerca dessa inteligência:

Social: Modelo de Sala de Aula: avalia a capacidade da criança de observar e analisar eventos e experiências sociais na sala de aula.

Lista de Verificação da Interação com os Colegas: uma lista de verificação comportamental é utilizada para avaliar os comportamentos das crianças quando interagem com seus iguais. Diferentes padrões de comportamento revelam papéis sociais distintos, tais como de facilitador e de líder (1995, p. 810).

Essas atividades sociais podem vir a auxiliar ao reconhecimento da inteligência interpessoal.

- **Inteligência intrapessoal** – essa inteligência tem a habilidade de entender seu próprio estado de espírito. Ao querer compreender-se e passar seus sentimentos o disléxico pode vir a sentir vontade de aprender a ler e a escrever para exprimir seus sentimentos na escrita e na leitura de temas universais tratados em diferentes obras.
- **Inteligência naturalística** – essa inteligência tem a potencialidade de reconhecer a flora e a fauna. Para reconhecer essa inteligência, pode-se trabalhar em espaços diferenciados, como parques e zoológicos, aprofundando temas relacionados às plantas e aos animais. Ao inteirar-se a essa potencialidade, o disléxico pode vir a querer estudar espécies de plantas e de animais, fazendo catalogações e querendo aprender a ler e a escrever para aprimorar seus conhecimentos acerca de sua potencialidade.
- **Inteligência existencialista** – os sujeitos com essa inteligência têm a habilidade de entender o universo e fazer questionamentos filosóficos. Essa habilidade auxilia as pessoas a conviverem com temas relacionados à vida e à morte, entre outros. Disléxicos com essa inteligência podem querer aprender a ler e a escrever para estudarem filosofia e a escreverem sobre assuntos filosóficos.

Depois de várias leituras, pode-se dizer que a Teoria das Inteligências Múltiplas tem sugestões claras para a educação quando se fala em conceitos de inteligência, formas de pensamento, desenvolvimento e aquisição do conhecimento. Sugere uma inovação no campo do pensar as habilidades dos seres humanos.

Quando se considera uma teoria da cognição, inerentemente devem ser considerados processos educacionais que possam vir a desenvolver elementos constituintes desta, apontando caminhos e estratégias para que a mesma possa “ser aplicada” efetivamente. Analisando as escolas modernas, observamos uma espécie de centralização de estudo onde o foco é acumular conhecimento. Dessa maneira, muitas vezes a educação passa a cumprir um

papel somente de promoção e não de desenvolvimento integral. Então, de acordo com Gama (2000), Gardner com base em sua teoria, apresenta algumas alternativas que poderiam ser aplicadas nas escolas para que inteligências múltiplas e a forma de trabalhá-las sejam de maneiras mais adequadas: desenvolvimento de avaliações que sejam adequadas às diversas habilidades humanas, uma educação centrada na criança e com currículos específicos para cada área do conhecimento e mudanças também, no ambiente educacional, proporcionando locais mais amplos e variados e que não dependam exclusivamente da linguagem e da lógica.

Primeiramente, tratando-se da mudança nas avaliações, Gardner sugere que sejam avaliadas todas as habilidades humanas e ainda refere que avaliar não é testar. Para ele, a primeira se resume em utilizar métodos que ajudem a levantar informações a partir de atividades diárias, já a segunda, geralmente acontece fora do ambiente conhecido de quem está sendo testado. Para Gardner, é importante que no cotidiano da sala de aula sejam oferecidas atividades para que se verifiquem o maior número de habilidades individuais para que os alunos possam, com estas, desenvolverem-se intelectualmente. Desse modo, a avaliação não teria caráter classificatório, usado para aprovar ou reprovar alunos, ela serviria de indicativo para apontar a capacidade do aluno e assim o professor saberia o quanto está sendo aprendido. Gardner ainda sugere que se devem usar instrumentos que permitam realmente verificar a inteligência em questão, isto é, ser realizada em ambientes conhecidos e deve utilizar materiais que as crianças avaliadas, conheçam. Por exemplo, na infância, ao avaliarmos a habilidade oral, ao invés de serem utilizados testes de vocabulário, devem ser utilizadas técnicas de contação de histórias, relatos de acontecimentos em algum momento da rotina. Outro exemplo é a avaliação da habilidade espacial, que geralmente é feita isoladamente, e deveria ser observada em alguma atividade livre, enquanto desenham ou manipulam objetos de montagem.

Gardner também fala da mudança ao que se refere a uma avaliação centrada na criança e destaca dois quesitos que sugerem a necessidade da individualização. Um deles é pelo fato de que pessoas diferentes têm perfis cognitivos diferentes também. E porque as escolas oferecem uma educação igual/padronizada para todos? Seria perfeito se cada um recebesse a educação que favorecesse o seu potencial individual. Outro quesito relevante é que hoje em dia, ter posse de todo conhecimento, do saber universal é quase impossível, pois já é bastante árduo o domínio de um só campo do saber. Deste modo, seria interessante que cada um pudesse escolher o este campo que desejasse “dominar”, favorecendo assim seu perfil intelectual individual.

Sobre o ambiente educacional, Gardner refere que mesmo as escolas atuais declarando que além de “ensinar”, preparam para a vida, esse “preparo” não deve se limitar somente a área lógica e verbal como geralmente acontece. Ele propõe o conhecimento de diversas disciplinas básicas que favoreçam também, diversas combinações intelectuais. Assim, cada aluno seria avaliado de acordo com seus potenciais e o desenvolvimento de outras capacidades intelectuais deixaria de ser consignada, em sua maioria, como atividades “para o fim da aula” ou extraclasse.

Após ter feito esse levantamento de hipóteses de trabalho, faz-se indispensável dizer que os disléxicos, apesar de possuírem dificuldades de aprendizagem na área da linguagem, possuem outras inteligências que podem auxiliar as suas dificuldades e, também, como Gardner expôs em outra passagem deste estudo, que uma inteligência não ocorre sozinha, pois ela é interligada com muitas outras inteligências e, sendo assim, os disléxicos, possuindo várias inteligências, são capazes de atingir diferentes descobertas de si mesmos, de aprendizagens e do mundo. Sobre essa temática Shaywit diz:

A leitura é frequentemente a chave para a realização dos sonhos que um pai tem para seu filho. Já muito cedo, as crianças são monitoradas, e seu futuro com frequência se determina no ambiente escolar. Na sala de aula, a leitura é tudo; é essencial para o sucesso acadêmico. Os problemas de leitura têm consequências em todo o desenvolvimento, inclusive na vida adulta. É por isso que é tão importante ser capaz de identificar a dislexia com precisão e muito cedo, tomando as atitudes adequadas sem demora para que a criança aprenda e goste de ler. Quase todas as crianças que não eram capazes de aprender a ler ou a ler bem há alguns anos podem agora se tornar leitores competentes. A leitura pode continuar a ser extremamente difícil para um número muito pequeno de crianças, mas mesmo este contingente pode beneficiar-se da aplicação dos notáveis avanços em nossa compreensão do processo de leitura (2006, p. 22-23).

Como menciona Shaywit, a leitura é um elementantíssimo para atingir os desejos de realização dos sonhos – da família e dos próprios disléxicos – e esse sonho pode tornar-se realidade, pois, a partir de estratégias diferenciadas que contemplem as necessidades dos disléxicos – podendo partir das inteligências múltiplas – eles podem conquistar o aprendizado da leitura.

Com base no que analisamos até aqui, podemos entender que os disléxicos têm condições de aprender a ler, embora com mais dificuldades que as pessoas não disléxicas; eles conseguem apropriar-se do conhecimento da área da linguagem. Não obstante, faz-se imprescindível frisar que quando há um novo olhar em relação à dislexia e aos disléxicos, há

uma chance de que esses tenham uma vida de aprendizagens, ao passo que quando se tem o desejo do educador, dos pais e das demais pessoas que estão trabalhando com eles de que sejam pessoas felizes e com condições eficazes de aprendizagem, há, certamente, um gosto de estudar sobre dislexia e diferentes metodologias que viabilizem a construção da aprendizagem dos sujeitos disléxicos. Shaywit¹⁰ corrobora com esse olhar:

Os disléxicos pensam diferentemente. São intuitivos e excelentes na resolução de problemas, na percepção do todo e na simplificação do que parece ser complicado. São muito bons em visualizar, em pensamento abstrato e em pensar de outra maneira. Não conseguem memorizar, mas são visionários inspirados. Os disléxicos adultos são muito resistentes: tendo lutado muito, estão acostumados à adversidade; o trabalho árduo e a perseverança lhe são naturais. Tendo experimentado o fracasso, não sentem medo, não se intimidam com problemas. A repetição e a prática são um modo de vida. Todas as pessoas sobre que falei foram resgatadas por alguém especial – um pai ou professor – que percebeu o talento em matéria bruta e o lapidou em meio a opiniões adversas. O sentimento de esperança sustentou-se pelo sucesso nos esportes, na arte ou em alguma outra atividade. É verdade que os sintomas da dislexia persistam, mas eles não prejudicam o sucesso (2006, p. 268).

Compete salientar, nesse instante, que a dislexia não impede uma pessoa de viver e ser um sujeito com potencialidades. O que impede que ela atinja seus potenciais são pensamentos errôneos sobre essa temática, por isso, cabe destacar que todos os educadores devem se especializar nessa área, a fim de que possam reconhecer os alunos disléxicos em sala e, acima de tudo, auxiliá-los: tendo um olhar de carinho, de desejo de que este cresça e atinja todas as suas potencialidades. Se isso ocorrer em todas as instâncias educativas, haverá um grande crescimento cultural, pois, a partir do fortalecimento do disléxico como potencial de aprender, poderá haver ao longo da história outros Leonardos da Vinci, Einsteins e muitos outros disléxicos conhecidos mundialmente.

¹⁰ Essa autora, ao produzir a obra *Entendendo a dislexia: um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura* (2006), fez vários estudos acerca do desenvolvimento dos alunos disléxicos, trazendo em pauta os sentimentos dos disléxicos e de sua família sobre as dificuldades e conquistas dos possuidores de dislexia.

3.4 Na busca de um novo eu: contando com a ajuda e atenção de uma rede multiprofissional

Como é bom ser um sujeito de saberes, possuidor de potencialidades e saber que o saber pode auxiliar a aquisição de outros saberes. Nessa grande construção do “eu” do disléxico, sua aprendizagem é construída. Essa aprendizagem vem com o auxílio do outro que o nutre de esperança, de aconchego e de estímulos para que ele cresça e consiga ser feliz, sem ter em seu espírito sofrimentos atroz de dores da não aprendizagem: adquiridas pelo desconhecimento de suas necessidades.

Conforme o que já foi estudado até aqui, pode-se perceber que o diagnóstico da dislexia exige participação de vários profissionais, uma equipe multidisciplinar, abrangendo várias áreas pedagogia, fonoaudiologia, psicopedagogia, psicologia, neurologia, psiquiatria, além da participação da família. Todavia, há alguns entraves no que se refere à ocorrência da equipe multidisciplinar para as pessoas com baixa renda, tendo em vista que não possuem condições de arcar com os gastos deste trabalho e não dispõem do auxílio do governo.

Como a verificação de casos de dificuldade de aprendizagem ocorre, geralmente, na escola, cabe ao professor verificar se há algum caso de dislexia na sala, pois está em constante acompanhamento de seus alunos, devendo observar o desempenho de cada educando em sala de aula. Ao perceber a possibilidade de se tratar de um caso de dislexia, o educador necessita solicitar um diagnóstico mais preciso, encaminhando a criança para uma equipe multidisciplinar para que essa possa analisar. Se for diagnosticada como sendo disléxica, deve ser tratada o quanto antes para que essa possa sanar ou diminuir as dificuldades próprias da dislexia. Não se pode, contudo, nesse contexto, esquecer que “A abrangência da inclusão escolar é muito ampla, portanto, a capacitação dos profissionais de ensino e a educação continuada são condições obrigatórias para o sucesso acadêmico do aluno” (TOPCZEWSKI, 2010, p.59).

Assim, faz-se importante destacar que o psicopedagogo avalia a experiência escolar do aluno, a sua assimilação ao ensino, verifica as maneiras que poderão melhorar o seu aprendizado escolar. Esse profissional poderá perceber alterações orgânicas como as atitudes comportamentais, conhecer o relacionamento familiar, até mesmo suas dificuldades socioculturais, pois participa ativamente do processo de integração da criança, da escola e da família. O psicopedagogo desenvolverá a capacidade de organização e disciplina, além de orientar as tarefas.

Além da importância do psicopedagogo, a orientação de um psicólogo é extremamente valiosa, tendo em vista que este verifica e auxilia no bem-estar emocional do disléxico, sua autoestima e sua autoimagem.

O acompanhamento de um neuropsicólogo também se faz importante, sendo que é necessário para ele examinar as habilidades motoras, a memória e os processos intelectuais importantes para que ocorra a aprendizagem, como as funções cerebrais e o estado emocional.

Como se pode perceber, o diagnóstico é realizado por uma equipe multidisciplinar, onde serão identificadas dificuldades e necessidades da criança, assim como, suas potencialidades. Por sua vez, esse diagnóstico é algo complexo e que precisa de auxílio de muitos profissionais para que o indivíduo disléxico não sofra frustrações e tenha um futuro promissor sem marcas emocionais. Os pais e os responsáveis devem estar cientes da complexidade do diagnóstico, entendendo que este processo não é “mágica”. Geralmente, o investimento é alto e moroso, mas os benefícios compensam e são observados ao longo da vida acadêmica e pessoal do indivíduo.

A atenção de uma equipe multidisciplinar é importante para que o disléxico seja ajudado e tratado, com instrução adequada e personalizada para poder estudar, caso contrário, corre o risco de permanecer analfabeto ou semialfabetizado, o que pode deixá-lo excluído de algumas profissões e vocações que exijam preparação acadêmica. Condemarin (1986) afirma que o objetivo principal do tratamento re-educativo é solucionar as dificuldades localizadas no diagnóstico, que impedem ou dificultam o desenvolvimento normal do processo da leitura.

Os tratamentos que a equipe multidisciplinar desenvolve visam a ajudar os disléxicos, incluindo dinâmicas com exercícios auditivos, visuais e de memória. O importante é definir e adaptar o programa ao disléxico, para que este supere seus limites, na busca de um processo de aquisição da linguagem, digamos, mais próximo do esperado.

Pertinente, neste momento, ponderar: quantos disléxicos se perderam de si mesmos diante do não saber-se possuidores de saberes? Quantos disléxicos encontram-se nos espaços educacionais esperando por auxílio ainda existem? Espero que haja muitos profissionais que façam em sua práxis educativa um diferencial na vida de seus alunos disléxicos, que façam constantemente investigações acerca da dislexia e, assim, possam auxiliá-los, tendo em vista que, conforme Shaywitz: “Hoje, toda criança disléxica está livre para desenvolver seu talento e para buscar seus sonhos – sabendo que vai ter sucesso. A dislexia pode sim ser superada” (2006, p.269).

Ao mesmo tempo em que é necessário o apoio dos educadores também se faz premente que os pais apoiem seus filhos disléxicos, mostrando a eles que confiam em suas

possibilidades e que estão sempre perto para auxiliá-los no que for preciso, visando o sucesso de seus filhos. Como pode ser observado com o dizer de Shaywitz:

O sucesso está à espera de seu filho, e agora você sabe como fazer para que ele chegue lá. Não é necessário depender do acaso. Você sabe como identificar um problema cedo e como obter ajuda, ratificando o fato de que são os pontos fortes de seu filho, e não opiniões equivocadas sobre ele, que definirão seu futuro. Você sabe o que é possível fazer e como fazer: as crianças desabroçam quando há reconhecimento e apreço pelo que são, e florescem porque há grandes expectativas. Acima de tudo você deve sempre acreditar em seu filho, dar-lhe apoio incondicional e manter-se fiel ao futuro que lhe espera. As recompensas serão enormes (2006, p. 268-269).

Nesse sentido, pode-se afirmar que os disléxicos tendo o apoio dos pais e dos educadores poderão tornar-se pessoas plenamente felizes, prontas para desempenharem seus talentos em diferentes profissões e, sobretudo, tornando-se sujeitos preparados para conquistar um espaço no mundo, fazendo parte dele como agentes transformadores, trazendo novas ideias e criações para deixar a sua marca ao longo da história. Há um depoimento muito importante a ser colocado neste estudo, trazido por Shaywitz sobre um cirurgião disléxico:

Quatro ou cinco vezes por dia, paro completamente o coração de um paciente por uma ou duas horas, realizo algum tipo de intervenção cirúrgica e começo a tentar fazer o coração voltar. Em todos os casos, há um momento de tensão enquanto espero ver se o coração vai voltar a bater. Mesmo sendo uma situação tensa, sei que tenho controle do que está acontecendo e posso lidar com qualquer contingência que venha a acontecer. Depois que a cirurgia termina, o problema é outro. Quando pego o telefone para ligar para a família do paciente que está esperando no saguão do hospital, em geral não consigo pronunciar o sobrenome da família (2006, p. 266-267).

Com esse depoimento e com o que analisamos neste estudo, temos a clareza de que a dislexia sempre deixará marcas nos disléxicos, todavia, essas marcas não serão tidas como um fracasso, mas como uma conquista de superação: há dificuldades que convivem no cotidiano do disléxico e junto a essas dificuldades há grandes potencialidades, fazendo com que essas pessoas conquistem o que almejam, tratando-se do início do caminho do novo “eu” dos disléxicos no cotidiano social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“A mais satisfatória forma de arrebatamento é pensar,
Pensar e pensar...”*
Leonardo da Vinci

Aqui estou a olhar o quanto meus estudos se fizeram importantes para que eu pudesse entender como os disléxicos possuem diferentes inteligências e de como a Teoria de Gardner das Inteligências Múltiplas se fizeram pertinentes no meu fazer investigativo para que pudesse posicionar o meu olhar pelo viés das potencialidades, buscando entender como elas poderiam auxiliá-los a construir seu eu por inteiro, pois, a partir da descoberta destas, constatei o quanto os disléxicos podem entender-se como seres de potenciais e, ao mesmo tempo essas mesmas, podem auxiliar a trabalhar as dificuldades da linguagem.

Lembro-me desde que iniciei meus estudos no magistério trazia a preocupação em como há crianças que possuem facilidade em aprender e outras não. No decorrer de meus estudos e de minha vida profissional, minhas preocupações se alargaram: apesar de estar me aprimorando intelectualmente, meus estudos não abarcavam a necessidade de entender o porquê dos sujeitos disléxicos serem diagnosticados com tanto atraso. Principalmente, o que me preocupava era o motivo deles mostrarem nos aparelhos escolares tantas dificuldades. Perguntei-me diversas vezes se essas instituições eram falhas ou se os disléxicos tinham dificuldades que não poderiam ser contornadas.

Agora, posso entender com maior exatidão que os disléxicos padeciam e ainda padecem devido à falta de esclarecimento acerca da dislexia, pois são poucos educadores/escolas que procuram se especializar nessa área. Todavia, com este estudo bibliográfico, pude entender o quanto diferentes disléxicos utilizaram das diferentes inteligências para realizarem-se plenamente.

Ao mesmo tempo, observei que o apoio da família, da educadora e do auxílio de uma equipe multidisciplinar, fazia o diferencial da aquisição da aprendizagem do disléxico. Essas descobertas só se fizeram possível com o apoio destes estudiosos: Shaywitz (2006), Topczewski (2010), Massi (2007), Alves (2011) e, bem como, das leituras de Luria (1995), Vigotsky (1998), Gardner (1994 e 1995); pois eles me auxiliaram a compreender que o mundo se faz de diferentes pessoas e que as habilidades existem em todas as pessoas com

diferentes graus – algumas possuem maiores potencialidades em uma dada inteligência e outras já podem possuir certas restrições de aprendizado e facilidade em outras.

Foi muito instigante fazer este estudo, tendo em vista que quando pensava sobre como daria conta de responder de que forma os disléxicos poderiam aprender e o motivo de eles terem tantas dificuldades no aprendizado da área da linguagem, surpreendi a mim mesma a pensar diversas vezes: que autores poderiam me dar o aporte necessário para realizar esta investigação. Isso fez crescer em mim muitas preocupações até fazer uma ressignificação de meus estudos: quando me voltei o olhar às inteligências múltiplas e, assim, comecei a me debruçar aos estudos de Gardner: seus livros vieram ao encontro com a minha temática de estudos, passando a traçar uma linha de reorganização dissertativa. Nelas descobri diferentes formas de aprender e que todas são importantes e que a partir delas pode-se iniciar uma nova proposta de trabalho escolar, visando a auxiliar os disléxicos – assim como demais pessoas – a encontrarem suas potencialidades.

As obras de Gardner trouxeram o aprendizado de que determinadas inteligências são reconhecidas à medida que a cultura entende-as como necessárias para o desenvolvimento de seu povo. Associado a essas descobertas, constatei que há muitos disléxicos reconhecidos mundialmente, e que, no geral, estes tiveram dificuldades de aceitação na escola. Além disso, observei que muitos deles tiveram o apoio dos pais e de professores para que pudessem progredir nos estudos.

No decorrer desta investigação, observei o importante significado de encorajar e, acima de tudo, de acreditar na criança disléxica, mostrando que ela pode sim aprender a ler – pode ter maiores dificuldades que as demais crianças não disléxicas –, mas que com afincamento e utilizando-se das possibilidades de aplicação da teoria, levando em conta a inteligência e área que possui maior grau de desenvolvimento, conseguirão aprender.

Observei, com minhas leituras, que com muito carinho, com diferentes estratégias de ensino – voltadas às potencialidades –, os disléxicos podem aprender a ler. Lembro que, enquanto lia, parecia ver os olhos de alegria das crianças mostrando satisfação em conquistar algo que foi tão sofrido a elas. Nesse momento, voltei o meu olhar no passado, quando procurava auxiliar meu aluno disléxico – que me levou, também, a realizar este estudo dissertativo – e lembro-me o quanto eu procurei subsídios teóricos que me auxiliassem a compreendê-lo e a organizar diferentes estratégias de ensino, a fim de que ele conseguisse aprender.

Pena que naquela época eu não havia lido as obras de Gardner, tendo em vista que elas trouxeram um grande aporte teórico acerca das inteligências múltiplas e com as quais pude traçar diferentes hipóteses de um trabalho com os disléxicos.

Com as leituras de Luria, por sua vez, pude observar o caráter de plasticidade cerebral no qual características hereditárias – também constatadas nas leituras próprias à dislexia – eram amenizadas com outras habilidades. Além disso, as obras de Luria colocaram-me em contato com a importância da ação histórico-cultural, pois, a partir de mediações sociais, os disléxicos vão se apropriando de diferentes saberes.

Sendo assim, a partir de leituras de Luria, entendi que a função cultural consiste em levar ao desenvolvimento e que a apropriação da escrita requer diferentes técnicas para conseguir apropriar-se dessa inteligência.

Ao fazer uso do estudo de Luria e de Gardner, pude constatar que a plasticidade cerebral faz com que pessoas que apresentam alguma falha cerebral possuam alguma recompensa (inteligência) e que a partir dessa recompensa pode aprender, usando outras estratégias de aprendizagem. Como evidencia o depoimento do cirurgião disléxico: a dislexia está lá cotidianamente, mostrando que ainda existe uma carência, todavia, suas outras habilidades mostram que conseguiu seguir sua vida, tornando-se um cirurgião que possui em suas mãos e, principalmente, no cérebro, uma grande força de auxiliar as pessoas a permanecerem vivas.

Do mesmo modo que esse cirurgião disléxico auxilia as pessoas a terem melhores condições de vida, a descoberta das inteligências múltiplas auxilia o disléxico a descobrir suas potencialidades e a viver plenamente suas vidas.

Nessa perspectiva, iniciei o mestrado buscando entender como os disléxicos poderiam apropriar-se da aprendizagem da leitura e de como a escola poderia posicionar-se frente às suas necessidades. Com a ressignificação dessa investigação, busquei entender como a utilização das inteligências múltiplas – trabalhadas por Gardner – pode auxiliar no aprendizado da criança.

Agora, finalizo este estudo entendendo que os disléxicos podem aprender sim e que cabe às instituições escolares – como um todo – e à família criarem condições para que o disléxico se desenvolva, dando-lhe todo o aporte necessário para que isso porque, não existe nenhuma receita para a educação das inteligências múltiplas. Por sua vez, a inteligência humana é multifacetada, e que se corre um enorme risco quando desejada ser capturada e mensurada com simples lápis e papel. Seres humanos são dotados de vários potenciais, mas por razões genéticas ou ambientais apresentam diferenças notáveis na aplicação das mesmas:

uns escrevem melhor do que jogam bola, outros falam melhor do que desenham, outros pintam muito melhor do que leem, e assim por diante. E que bom que é assim! Só desta forma podemos preencher as inúmeras profissões e papéis que temos na sociedade: as pessoas apresentam diferentes perfis de inteligências o que as faz destacarem-se mais em algumas áreas e menos em outras.

Aí que está justificada a necessidade de se repensar no modelo de educação atual, seus objetivos e métodos, pois esta deveria estar configurada de modo a responder e corresponder todas estas diferenças. Assim, estaria se caminhando para que a educação desempenhasse seu papel crucial: maximizar e desenvolver as habilidades e potenciais intelectuais, pois já é difícil dominar uma área do conhecimento, quanto mais toda a série de disciplinas e competências apresentadas no currículo escolar.

Desejo poder dar continuidade a este estudo que por ora se encerra, mas que posteriormente farei novas investigações para que os disléxicos deixem de ser vistos como seres propensos a falhas na aprendizagem e passem a ser vistos como sujeitos de potencialidades.

REFERÊNCIAS

- ABD – Associação Brasileira de Dislexia. Disponível em: <http://www.dislexia.org.br>. Acesso em: 20 nov. 2012.
- ARMSTRONG, Thomas. *Inteligências Múltiplas: na sala de aula*. Tradução M. Z. V. Veronesse. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações e mudanças no ensino da Arte*. São Paulo: Cortez, 2002.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Conselho Nacional da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/ Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. – Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.
- CAGLIARI, L. C. *Alfabetização & Linguística*. São Paulo: Scipione, 1992.
- CENTRO DE DISLEXIA. Plano de intervenção especializada. Disponível em: <http://www.dislexiportugal.blogspot.com.br/> Acesso em: 28 set. 2013.
- CONDEMARIM, Mabel e BLOMQUIST, Marlys. *Dislexia: manual de leitura corretiva*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- DAVIS, Ronald D.; BRAUN, Eldon M. *O dom da dislexia*. O novo método revolucionário de correção da dislexia e de outros transtornos de aprendizagem. Trad. de Ana Lima e Garcia Badaró Massad. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- FARREL, Michael. *Dislexia e outras dificuldades de aprendizagem específicas: guia do professor*. Trad. De Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- FERNANDEZ, Alicia. *A Inteligência Aprisionada – Abordagem Psicopedagógica Clínica e Sua Família*. Porto Alegre: Artmed, 1991.
- FONSECA, Vitor da. *Introdução às dificuldades de aprendizagem*. 2. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- FREIRE, Paulo. *A importância do Ato de Ler*. São Paulo: Cortez Editora, 2000.
- GAMA, Maria Clara S. Salgado. *A teoria das inteligências múltiplas e suas implicações para a educação*. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=18>, 2000. Acesso em: 23 ago. 2013.
- GARCIA, Vera. *Lista de disléxicos famosos*. Disponível em: <http://www.deficienteciente.com.br/2010/05/lista-de-dislexicos-famosos.html>. Acesso em: 23 ago. 2013.

GARDNER, Howard. *Estruturas da Mente: A Teoria das Inteligências Múltiplas*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

_____. *Inteligências múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

_____. *Mentes que lideram: uma anatomia da liderança*. Trad. De Veronese, Maria Adriana Verissimo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

_____. *Inteligência. um conceito reformulado*. O criador das Inteligências Múltiplas explica e expande suas ideias com enfoque no séc. XXI. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

GENNARI, Mário. *La educación estética: arte e literatura*. Tradução: LÓPEZ, Noemí Cortés. Barcelona: Paidós, 1997.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GUTSCHOW, Claudia Regina Danelon. *A aquisição da leitura e da escrita*. Disponível em: <http://www.profala.com/arteducesp47.htm>. Acesso em: 10 nov. 2012.

HOUT, Anne Van; ESTIENNE, Françoise. *Dislexias: descrição, avaliação, explicação, tratamento*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

IANHEZ, Maria Eugênia e NICO, Maria Ângela. *Nem sempre é o que parece: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares*. São Paulo: Elsevier, 2002.

KAPPES, Dani. *Dislexia*. Disponível em: <http://www.profala.com/artdislexia18.htm>. Acesso em: 30 ago. 2013

LDB – *Lei de Diretrizes e Bases 9.394/96*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2012.

LIMA, Elvira Souza. *Quando a criança não aprende a ler e a escrever*. São Paulo: Sobradinho, 2002.

LIMA, S.H.C.G. *A escola e o aluno disléxico*. In: Revista pesquisa Educacional (Ano 1, n. 1), Online. Maceió, Alagoas, Brasil, 2008. Disponível em: <http://www.pesquisaeducacional.pro.br>. Acesso em: 23 ago. 2013.

LURIA, Alexander Romanovich e YUDOVICH F.I. *Linguagem e desenvolvimento intelectual na criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

_____. *Curso de psicologia geral*. 2. ed., v. I, II e III, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

_____. A psicologia experimental e o desenvolvimento infantil. In: VIGOTSKII, L.; LURIA, A.; LEONTIEV, A. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 1998. p. 85-102.

_____. *Vida, experiência inacabada*. Trad. de Spira, Ana Mazurt. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da universidade de São Paulo, 1912.

Lei nº 12.524, de 2 de janeiro de 2007. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/132508/lei-12524-07-sao-paulo-sp>). Acesso em: 20 ago. 2013.

MACEDO, Neusa. *Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa*. São Paulo: Loyola, 1994.

MARTINS, Vicente. *Dislexia em sala de aula*. Disponível em: <http://www.profala.com/artdislexia26.htm>. Acesso em: 15 nov. 2012.

_____. *Linguística Aplicada às Dificuldades de Aprendizagem Relacionadas com a Linguagem: Dislexia, Disgrafia e Disortografia*. Disponível em: <http://sites.uol.com.br/vicente.martins/>, 2012.

_____. *Como descobrir uma criança disléxica*. In.: BELLO, José Luiz de Paiva. *Pedagogia em Foco*. Fortaleza, 2001. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/spdslx01.htm>. Acesso em: 15 jul.2013.

MASSI, Giselle. *A dislexia em questão*. São Paulo: Plexus, 2007.

MINAYO, M. C. *O desafio do conhecimento*. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1994.

OLIVER, Lou de. *Distúrbios de aprendizagem e de comportamento*. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2008.

OLIVEIRA, M. M. *Como fazer pesquisa qualitativa*. Petrópolis: Vozes, 2007.

ORMEZZANO, Graciela. *Debate sobre abordagens e perspectivas da Educação Estética*. Brasília: Em Aberto, v. 21, n. 77, p. 15-38, jun. 2007.

POLESE, Caila; MIECHUANSKI, Graciele P. *Dislexia: um novo olhar*. Getúlio Vargas, 2010 (Monografia).

ROTTA, Newra Tellechea; OHLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudimar dos Santos. *Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SANTOS, Cacilda Cuba dos. *Dislexia específica de evolução*. São Paulo: Sarvier, 1987.

SOUZA, Iracy Sá de. *Psicologia: a aprendizagem e seus problemas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1969.

SHAYWITZ, Sally. *Entendendo a dislexia: um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura*. Trad. de Vinicius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SNOWLING, Margaret J. *Dislexia*. São Paulo: Santos Livraria Editora, 2004.

TOPCZEWSKI, Abram. *Dislexia: Como lidar?* São Paulo: All Print Editora, 2010.

Vygotsky, Lev Semenovitch. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6 ed. . São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____, *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes. Trad. de Bezerra, Paulo. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____, *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ZORZI, Jaime Luiz. *Guia prático para ajudar crianças com dificuldades de aprendizagem: Dislexia e outros distúrbios – Um manual de boas e saudáveis atitudes*. Pinhais: Editora Melo, 2008.

CIP – Catalogação na Publicação

L268cLanfredi, Caila

Contribuições da teoria das inteligências múltiplas aos estudos da dislexia/ CailaLanfredi. – 2013.

114f. ;30 cm.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Passo Fundo, 2013.

Orientadora: Prof^ª.Dra. Graciela René Ormezzano.

1.Distúrbios da aprendizagem.2.Dislexia. 3. Educação. 4. Inteligências múltiplas.I. Ormezzano, Graciela René, orientadora. II. Título.

CDU:376.36

Catalogação: Bibliotecária Jucelei Rodrigues Domingues - CRB 10/1569